

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Juliana Sayão

O Jornalismo Literário e as Falas de seus Entrevistados:
um Estudo de Linguística Sistêmico-Funcional

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

São Paulo

2011

Juliana Sayão

O Jornalismo Literário e as Falas de seus Entrevistados:
um Estudo de Linguística Sistêmico-Funcional

MESTRADO EM 2011

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em **Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**, sob a orientação do(a) Prof.(a), Doutor(a) **Leila Barbara**.

SÃO PAULO

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
4	1	O terceiro apresenta a Metodologia utilizada para a coleta de dados e a análise (...)	O segundo capítulo apresenta a Metodologia utilizada para a coleta de dados e a análise (...)
4	4	O próximo passo é a Análise e Discussão de Dados, o capítulo 4, no qual são (...)	O próximo passo é a Análise e Discussão de Dados, o capítulo 3, no qual são (...)
6	26-28	Como dissemos acima, basicamente existem três variáveis: as pessoas com quem interagimos, o assunto tratado e a organização ou composição do texto.	Existem, basicamente, três variáveis de Registro: as pessoas com quem interagimos, o assunto tratado e a organização ou composição do texto.
13	16	Existem três sub-tipos de modalização: probabilidade e usualidade.	Existem dois sub-tipos de modalização: probabilidade e usualidade.
16	21-25	A metafunção experiencial tem como principal realização léxico-gramatical o sistema de Transitividade, sistema no qual os verbos são categorizados semanticamente dentro de cinco tipos de processo: Material, Existencial, Relacional, Verbal, Mental e Comportamental (Halliday e Mathiessen, 2004: 167-280).	A metafunção experiencial tem como principal realização léxico-gramatical o sistema de Transitividade, sistema no qual os verbos são categorizados semanticamente dentro de seis tipos de processo: Material, Existencial, Relacional, Verbal, Mental e Comportamental (Halliday e Mathiessen, 2004: 167-280).
30	3-6	O próximo item discute as teorias de comunicação e o jornalismo como prática social, elucidando o que é o jornalismo literário.	O próximo item discute o jornalismo como prática social, partindo do ponto de vista das teorias de comunicação, e elucida o que é o jornalismo literário.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
44	22-24	Como é possível perceber pelo excerto acima, o que está em discussão é a necessidade de caracterizar a revista como jornalismo literário, implicando na visão de que a notícia tem a pretensão, inerente à literatura, de ser universal e eterna.	Como é possível perceber pelo excerto acima, o que está em discussão é o conceito de jornalismo literário, implicando na visão de que a notícia tem a pretensão, inerente à literatura, de ser universal e eterna.
58	1-2	2.4.3 As concordâncias e a inclusão das circunstâncias de ângulo e assunto como itens lexicais a serem analisados	2.4.3 As concordâncias e a inclusão das circunstâncias de ângulo e assunto como elementos lexicais a serem analisados
59	1-2	Tabela 02. Distribuição, na Esquina, de itens lexicais funcionando como circunstâncias de ângulo e de assunto	Tabela 02. Distribuição, na Esquina, de elementos lexicais funcionando como circunstâncias de ângulo e de assunto
89	10-14	A organização das orações projetadas e projetantes, com relação a posição temática e remática, tanto nas citações quanto nas reportagens, pode ser vista como uma forma dos jornalistas de chamarem a atenção dos seus leitores para determinadas informações.	A organização das orações projetadas e projetantes, com relação a posição temática e remática, tanto nas citações quanto nas reportagens, pode ser vista como uma forma de os jornalistas chamarem a atenção dos seus leitores para determinadas informações.
102	14-18	Meu objetivo foi contribuir para uma visão crítica da atividade jornalística e da linguagem utilizada em diferentes contextos jornalísticos, enfocando na descrição de aspectos da linguagem do jornalismo literário por não haver manuais de redação ou estudos sobre esse contexto em LSF.	Meu objetivo foi contribuir para uma visão linguística e funcional da atividade jornalística e da linguagem utilizada em diferentes contextos jornalísticos, enfocando na descrição de aspectos da linguagem do jornalismo literário por não haver manuais de redação ou estudos sobre esse contexto em LSF.

Banca Examinadora

Catar Feijão

1.

*Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.*

2.

*Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.*

João Cabral de Melo Neto (1965)

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer ao CNPq - Comissão Nacional de Pesquisas, pela bolsa concedida durante os estudos da iniciação científica e do mestrado.

Agradeço as discussões e as mil e uma correções, realizadas exaustivamente pela minha orientadora, Profa. Dra. Leila Barbara, sem os quais este trabalho não teria se concretizado. Depois de cinco anos de trabalho consecutivo, na iniciação científica e no mestrado, permanecem o carinho e a amizade.

As professoras Dras. Rosinda de Castro Guerra Ramos e Maria Carmem Aires Gomes , agradeço a atenção, os comentários, sugestões e críticas na banca de qualificação.

As professoras Dras. Denize Elena Garcia da Silva e Rosinda de Castro Guerra Ramos, o agradecimento especial pela participação na defesa.

Familiares, amigos e colegas de orientação tiveram participação ativa no desenvolvimento deste trabalho, seja pelo apoio moral, seja pela contribuição nas discussões e análises. A todos, um grande abraço e o carinho de sempre.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar aspectos léxico-gramaticais e discursivos de textos de jornalismo literário, buscando estabelecer diferenças e semelhanças com o jornalismo tradicional. Enquanto no jornalismo literário há a apropriação de elementos da literatura para tornar o texto mais colorido e próximo do leitor (Wolfe, 2005), no jornalismo tradicional os valores de objetividade e imparcialidade são centrais para credibilidade do jornal ou revista, deixando os textos mais secos e diretos (Genro Filho, 1987). A intenção deste trabalho é, portanto, analisar escolhas lexicais que caracterizem o jornalismo literário e o diferenciem do jornalismo tradicional, contribuindo para os estudos em LSF e em jornalismo, tendo em vista a existência de poucos trabalhos no assunto. Para realização do trabalho, foram selecionados dois corpora, o de pesquisa e o de referência. O primeiro é formado por 100 textos da Seção Esquina, da Revista Piauí, publicados entre 2006 e 2007, representando o jornalismo literário; o segundo, por textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL), com textos publicados na Veja, Folha de São Paulo e Estado de São Paulo, representando o jornalismo tradicional. Os textos foram analisados com o auxílio da ferramenta computacional Word Smith Tools (Scott, 2007).

Como recorte da pesquisa, selecionei a metafunção ideacional, concentrando-me nos processos verbais por estarem diretamente relacionados ao relato das falas dos entrevistados e a forma de inserção das diversas vozes nos textos jornalísticos em geral. Conquanto haja muitas semelhanças entre os dois contextos, quantitativas e qualitativas, os textos de jornalismo literário dão mais espaço para relatos de histórias e citações literais das falas de entrevistados, enfocando no texto a apresentação e descrição da personagem da notícia. Além disso, a aproximação com a linguagem literária pode ser percebida nas descrições de situações de entrevista ou em passagens irônicas, características que distinguem textos de jornalismo literário de e de jornalismo tradicional.

Palavras-Chave: Jornalismo literário, Linguística Sistêmico-Funcional, processos verbais

ABSTRACT

Literary Journalism and the voice of its interviewees: a study in Systemic Functional Linguistics

The aim of this thesis is to identify lexico-grammatical and discursive aspects in texts of literary journalism, establishing differences and similarities between literary and traditional journalism. In the context of literary journalism, writers use elements of literature to make texts more colorful and attractive to readers (Wolfe, 2005), whereas in traditional journalism objectivity and impartiality are crucial for the magazine's or paper credibility, making texts clearer and more comprehensive (Genro Filho, 1987). My objective was to analyse the lexical choices that characterize a corpus of literary journalism and contrast them with a corpus of a variety of genres of traditional journalism, contributing to studies in Systemic Functional Linguistics (SFL) and journalism, as there are few studies on this topic. The research corpus consists of 100 texts of literary journalism from the magazine Piauí, in 2006 - 2007. The control corpus consists of journalistic texts from the Banco de Português (DIRECT/LAEL), taken from *Veja*, *Folha de São Paulo* and *Estado de São Paulo*. The texts were analyzed with the aid of the computer program WordSmith Tools (Scott, 2007). The analysis focuses ideational metafunction, concentrating on the verbal processes, chosen because they are directly related to projection important in interviews and the insertion of other voices. Although there are similarities between the two contexts, both quantitative and qualitative, the literary journalism texts use more stories and literary quotes of the speech of the interviewees, focussing the introduction and description of the characters in the news. Furthermore, the features of literary language are clear in the description of the interviews and the context of situation and the use of irony, characteristics that distinguish literary from traditional journalism.

Keywords: Literary journalism, Systemic Functional Linguistics, verbal processes

Sumário

Introdução	1
1. Linguística Sistêmico-Funcional e Teorias de Comunicação	5
1.1 A linguagem como um fenômeno social e funcional: princípios da LSF	5
1.1.1. As metafunções	12
1.1.1.1 O sistema de Transitividade: Processos e Participantes	17
1.1.1.1.1 Os processos verbais	22
1.1.1.2 O sistema de Transitividade: Circunstâncias	26
1.1.1.2.1 Circunstância de ângulo	28
1.1.1.2.2 Circunstância de assunto	29
1.2 O jornalismo enquanto prática social	30
1.2.1 A história da imprensa	31
1.2.2 A natureza da informação	36
1.2.3 O jornalismo literário	39
2. Metodologia de Pesquisa	47
2.1 A revista Piauí	48
2.2 A seção Esquina	49
2.3 Descrição do Corpus de Estudo	50
2.4 O programa WordSmith Tools e sua aplicação na análise linguística	53
2.4.1 Os resultados preliminares apontados pela Keywords	54
2.4.2 A Wordlist e a seleção dos processos verbais	56

2.4.3 As concordâncias e a inclusão das circunstâncias de ângulo e assunto como itens lexicais a serem analisados	58
3. Análise e discussão dos dados	60
3.1 As pessoas do discurso	62
3.1.1 Dizentes	63
3.1.1.1 Apresentação da personagem da notícia e caracterização do dizente realizada por aposto	63
3.1.1.2 Dizente realizado por nome próprio	66
3.1.1.3 Dizente realizado por pronome pessoal	68
3.1.1.4 Dizente elíptico	70
3.1.2 Os receptores	71
3.1.2.1 Receptores formados por grupos nominais	71
3.1.2.2 Receptores formados por pronomes oblíquos	74
3.1.3 Alvo: as pessoas afetadas pelo discurso	75
3.2 As referências as falas de outros: verbiagens, projeções e circunstâncias	76
3.2.1 As verbiagens	77
3.2.1.1 Verbiagem de conteúdo	78
3.2.1.2 Verbiagem de nome	80
3.2.2 As projeções	81
3.2.2.1 Citação	83
3.2.2.2 Reportagem	89
3.2.2.3 Projeções que compartilham características de citação e reportagem	90
3.2.3 Circunstâncias	93
3.2.3.1 Circunstância de ângulo	93
3.2.3.2 Circunstância de assunto	96

3.3 Outras características da linguagem da seção Esquina	97
3.3.1 Usos metafóricos de processos e os chamados cacoetes de linguagem	97
Considerações Finais	100
Referências Bibliográficas	103

Índice de Figuras

Figura 01	Capa da revista Piauí - 1a edição - Outubro de 2006	8
Figura 02	Contexto de Cultura, Contexto de Situação e as Metafunções	10
Figura 03	Tipos de Processos	17

Índice de Quadros

Quadro 01	Características básicas do Corpus de Estudo	51
Quadro 02	Comparação entre o Corpus de Estudo e o Corpus de Referência	52
Quadro 03	Comparação entre as principais características de linguagem e sua realização léxico-gramatical encontradas em jornalismo literário e/ou Banco de Português - Jornalístico (DIRECT/LAEL)	100

Índice de Tabelas

Tabela 01	Processos prototipicamente verbais encontrados na Keywords	56
Tabela 02	Distribuição, na Esquina, de itens lexicais funcionando como circunstâncias de ângulo e de assunto	58
Tabela 03	Distribuição total e percentual de verbiagens nos dois corpora, com os processos estudados	78
Tabela 04	Distribuição de projeções nos corpora	82
Tabela 05	Distribuição dos tipos de projeção nos corpora	82
Tabela 06	Comparação das projeções mistas na Seção Esquina e no Banco de Português - Jornalístico	90
Tabela 07	Diferenças percentuais de itens lexicais que podem representar circunstâncias de ângulo em jornalismo literário e em tradicional	94

INTRODUÇÃO

Este trabalho está centrado na análise dos processos verbais utilizados na Seção Esquina da revista Piauí, visando entender como se dá a inserção de outras vozes nos textos de jornalismo literário, também conhecido como novo jornalismo. Para o estabelecimento dos aspectos característicos da Seção Esquina, utilizei como corpus de controle os textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL), representando o jornalismo tradicional.

Jornalismo literário é uma prática jornalística decorrente de contextos específicos, nos quais são utilizados recursos estilísticos da literatura na escrita dos textos, com o intuito de tornar a sua leitura mais atraente. O movimento teve início na década de 60, nos Estados Unidos, contando com a participação de jornalistas que se consideravam escritores frustrados. A intenção do grupo não era transformar a atividade jornalística, mas buscar meios de se comunicar com seus leitores de forma mais eficaz, sem perder o caráter realista e os padrões jornalísticos de apuração da notícia.

A revista Piauí, uma publicação mensal brasileira, lançada em 2006 e idealizada pelo documentarista João Moreira Salles, foi escolhida porque pode ser considerada de jornalismo literário. Os textos nela publicados não seguem as normas de um manual de redação; segundo seu mídia kit, buscam “contar uma boa história” (<http://revistapiaui.estadao.com.br/anuncie>). A revista contém notícias sobre assuntos variados, como política, economia, cultura e cotidiano. Não há seções fixas, embora a seção Esquina seja encontrada em todas as edições da revista, contendo textos mais curtos do que os demais. Geralmente, os textos publicados na Esquina não são assinados e são acompanhados por ilustrações, ao invés de fotografias. No resto da revista, os textos são acompanhados por fotografias, além das ilustrações. Cada edição contém cerca de 8 textos na seção Esquina.

Os textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL) foram coletados da revista Veja e dos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. Os três veículos de comunicação são de grande tiragem no Brasil e são usados nesta pesquisa por

representarem o jornalismo tradicional. Produzem notícias de assuntos gerais, como política, economia, cultura, ciência, tecnologia e cotidiano, normalmente associadas a determinada seção temática. Seus textos seguem manuais de redação e podem ser acompanhados de fotografias ou infográficos, sendo, geralmente, assinados.

Neste trabalho, a fundamentação teórica para o estudo da linguagem é a Linguística Sistêmico-Funcional¹ (Halliday, 1985 e 1994; Halliday e Mathiessen, 2004), uma teoria sóciossemiótica voltada para o estudo da língua em uso em os padrões de realização léxico-gramatical existentes em diferentes contextos sociais e culturais. A língua é utilizada diferentemente, de acordo com o contexto dos seus falantes/escritores sua cultura, seus valores e crenças, o contexto dos ouvintes/leitores e as características sociais inerentes a cada uma das situações vividas. A análise teve como auxílio uma ferramenta computacional, WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007), responsável pela realização de listas de frequência de palavras, concordâncias e comparações entre corpora.

Uma das etapas de apuração da notícia, tanto no jornalismo tradicional quanto no literário, é a realização de entrevistas com as pessoas envolvidas no fato social a ser noticiado. Essas entrevistas pretendem garantir a veracidade, imparcialidade e maior objetividade possível das informações transmitidas aos leitores, assegurando ao leitor a credibilidade da revista ou jornal. Como jornalista formada, meu interesse pessoal nesta pesquisa foi buscar compreender de que forma a linguagem utilizada na sessão esquina da na revista Piauí em oposição a diferentes contextos jornalísticos. O enfoque nos processos verbais se deu por dois motivos: em primeiro lugar, são recorrentes no jornalismo por apresentar e introduzirem a fala de outros (entrevistados e fontes de informação) nos textos; em segundo, a lista de keywords feita no programa Word Smith Tools 4.0 (Scott, 2007) demonstrou que os processos verbais escolhidos na seção Esquina eram distintos daqueles utilizados no Banco de Português - Jornalístico.

A comparação entre os dois contextos jornalísticos parte da preocupação em buscar uma descrição linguística, léxico-gramatical e discursiva da linguagem do jornalismo

¹ Doravante também referida como LSF.

literário, já que não consegui encontrar pesquisas no tema. Espero contribuir, assim, com o desenvolvimento de estudos para caracterização da linguagem utilizada em textos de jornalismo literário. Esta pesquisa pode, ainda, auxiliar professores de jornalismo e estudantes no ensino e produção de textos de jornalismo literário.

A dissertação se insere, por um lado, no projeto DIRECT - Em direção à linguagem do trabalho, estando voltada para o estudo da linguagem utilizada no contexto de trabalho jornalístico. Esse projeto se desenvolve na PUC-SP em parceria com outras universidades, tendo como seus principais objetivos, na década de 90, descrever, nos negócios, as situações profissionais em que inglês e português são usados, em situações bem sucedidas ou não e as causas de possíveis problemas de comunicação; contribuir à pesquisa em Linguística Aplicada, em particular na análise de gêneros e de processos discursivos. Atualmente, seu escopo foi ampliado, envolvendo a linguagem do trabalho em qualquer campo. Sua base teórica é a Linguística Sistêmico Funcional, por um lado, e a de Corpus, que alguns pesquisadores desenvolvem e outros usam como instrumental metodológico e auxiliar.

A pesquisa está relacionada, também, ao Projeto SAL - Systemics Across Languages, coordenado por Christian Mathiessen e Kasuhiro Teruya (Polytechnic University of Hong Kong) e Leila Barbara (PUC-SP). A proposta do SAL é desenvolver a descrição de diversas línguas utilizando a teoria de Linguística Sistêmico Funcional, buscando compor um panorama geral dos sistemas linguísticos e contribuir, de forma transdisciplinar, com diversas áreas do conhecimento, como a educação ou o jornalismo. Até o presente momento, os principais estudos do SAL, no Brasil, estão centrados na utilização dos processos verbais em textos científicos e textos jornalísticos.

O primeiro capítulo é composto de duas partes. Na primeira, exponho os principais conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, enfocando mais especificamente na metafunção Ideacional e na caracterização dos processos verbais. A segunda parte trata da caracterização do contexto em que está inserida a atividade jornalística e da definição de teórica de jornalismo literário.

O terceiro apresenta a Metodologia utilizada para a coleta de dados e a análise, indicando os procedimentos utilizados para seleção dos processos verbais a serem analisados e as ferramentas computacionais utilizadas.

O próximo passo é a Análise e Discussão de Dados, o capítulo 4, no qual são discutidas as principais características encontradas no corpus de estudo, em contraste com o contexto do jornalismo tradicional.

Por fim, nas Considerações Finais, faço uma breve revisão dos elementos característicos de cada um dos contextos, discutidos no capítulo anterior.

CAPÍTULO 1

LINGÜÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL E TEORIAS DE COMUNICAÇÃO

Neste capítulo, discutirei as principais características da Lingüística Sistêmico-Funcional, relacionando com aspectos de teorias da comunicação e de jornalismo, para estabelecer uma visão transdisciplinar e apresentar, assim, os diferentes ângulos de análise que estão inter-relacionados nessa pesquisa.

O primeiro item trata da LSF, que é definida como uma teoria sóciossemiótica de linguagem, vinculada, portanto, à duas interpretações indissociáveis: a primeira está relacionada ao aspecto social, comunicativo e relacional da língua e sua utilização em diferentes meios, culturas e situações; a segunda, à possibilidade que os falantes têm de escolher sons, grafias, itens lexicais e estruturas gramaticais para realização de determinados significados. (Halliday, 1982: 33-41). Discuto os conceitos de Contexto de Cultura, Contexto de Situação e Registro enquanto determinações ou variáveis sociais para utilização de diferentes modos de comunicação ou fala. À partir das variáveis de Registro, o segundo sub-item trata da relação entre escolhas léxico-gramaticais e a produção de significado, dentro das três metafunções (Ideacional, Interpessoal e Textual), tendo em vista a possibilidade de escolha e adequação dos falantes.

O segundo item trata da teoria da comunicação e da caracterização teórica do jornalismo literário, buscando estabelecer o enfoque utilizado na análise dos textos da Seção Esquina.

1.1 A linguagem como um fenômeno social e funcional: princípios da LSF

A Linguística Sistêmico-Funcional, como dito anteriormente, tem a preocupação de estudar a utilização da língua em contextos sociais, considerando seu aspecto interativo e comunicativo. Tomar a linguagem como um fenômeno social implica em

dizer que é pela linguagem que interagimos com o mundo e com as pessoas ao nosso redor, no meio social em que vivemos. É por meio dela que apreendemos a cultura de certa sociedade, compartilhamos valores e crenças, construímos identidades e representamos simbolicamente nossas experiências, tanto internas (sentimentos, pensamentos, sensações), quanto externas (ações, comportamentos, localidade, temporalidade). Essas questões estariam descritas, na teoria, pela existência de um Contexto de Cultura, relacionado à todo conhecimento de língua, de cultura e de sociedade que é intrínseco à vida social do Homem. (Halliday, 1982: 17-26)

Quando nos comunicamos, por consequência, trazemos toda uma bagagem cultural que é revertida em escolhas que fazemos para nos adequar às situações em que estamos. Cotidianamente, as diferentes situações vividas exigem posturas, comportamentos, modos de se comunicar, variando de acordo com as pessoas com quem interagimos, o assunto tratado ou a forma elegida para que a comunicação ocorra. O Contexto de Situação abrange as características sociais de cada interação, sendo realizado no Registro. (Halliday, 1982: 41-46)

O Registro, por sua vez, é definido como:

“(...) um reflejo de los contextos de situación en que se utiliza el lenguaje, y de los modos em que um tipo de situación puede diferir de outro.(...) Lo que hace la teoría del registro es tratar de mostrarlos principios generales que rigen esa variación, para que podamos empezar a comprender qué factores de situación determinan qué características lingüísticas.”(Halliday, 1982: 46).

Ou seja, as diferentes situações vividas pelos falantes/escritores e ouvintes/leitores variam e, de acordo com as características de cada uma delas, a linguagem também varia. O Registro seria o reflexo desses diferentes contextos e situações, buscando discutir os princípios que regem as variações sociais e linguísticas. Como dissemos acima, basicamente existem três variáveis: as pessoas com quem interagimos, o assunto tratado e a organização ou composição do texto. Cada uma dessas variáveis abrange, respectivamente, os conceitos de Relações, Modo e Campo. (Halliday, 1982: 46-51)

O conceito de Relações está baseado na relação que as pessoas estabelecem umas com as outras, por meio da linguagem, estando vinculado às dimensões de status e solidariedade. O status tem como pressuposto a igualdade ou desigualdade entre os falantes, abrangendo a forma como hierarquia e poder podem influenciar o comportamento social e as escolhas léxico-gramaticais de cada um. Um exemplo dessa variável seria a forma como as pessoas se referem umas as outras, se utilizam o primeiro nome, o sobrenome, o título ou cargo ocupado. Em algumas circunstâncias, como por exemplo na interação entre professores e alunos, esses são nomeados por seu primeiro nome, enquanto aqueles são nomeados pela profissão, chamados de Professor(a). (Martin e Rose, 2008: 12-15)

Um exemplo, extraído do Corpus de Estudo, é a forma de chamamento de um dos entrevistados. Ele é nomeado por seu apelido no diminutivo, o que pode indicar a proximidade entre o jornalista e o entrevistado:

1. Não que Diduzinho aprecie a vista. Faz 24 anos que seus olhos deixaram de funcionar. (Esquina 10)

Solidariedade, por outro lado, é definida como a ‘distância social’ entre as pessoas, com a proximidade e familiaridade com que tratamos uns aos outros e com a forma como diferentes relações permitem maior ou menor liberdade. Trata-se, portanto, de uma relação direta entre as nossas emoções, a liberdade e a forma de exprimi-las, dependendo da situação vivenciada. (Martin e Rose, 2008: 12-15).

De acordo com Martin e Rose (2008:12-15), Poynton (1985) sugere que a Solidariedade está relacionada a dois princípios: proliferação e contração. O primeiro dá conta da relação entre intimidade e compartilhamento de significados, afinal, quanto mais próximos de determinada pessoa, mais significados estão disponíveis para troca. O segundo está relacionado à dificuldade ou facilidade com que as pessoas compartilham esses significados, tendo em vista que quanto mais conhecemos alguém menos explícitos precisamos ser.

2. O ex-playboy andava sem carteira. Nos restaurantes e boates sua assinatura em qualquer papel era tratada como dinheiro. Chegava a gastar o equivalente a 3.500 reais numa noitada. Hoje é aposentado por invalidez no inss e vive apenas com a pensão de mil reais por mês, além de ajudas casuais de familiares e amigos. “Estou sempre devendo ao banco, é um inferno. Me sinto sentado numa bomba. Não sei viver assim. Para mim, as coisas sempre caíram do céu”, conta. (Esquina 10)

No exemplo acima, o jornalista introduz ao leitor qual era o modo de vida do entrevistado e apresenta uma citação para explicitar os seus sentimentos. Possivelmente, o jornalista apresenta características pessoais do seu entrevistado porque parte do pressuposto que não há familiaridade entre entrevistados e leitores da revista. Assim, por meio das escolhas lexicais e dos significados compartilhados, o jornalista cria situação que indique o que ele pensa e sente, buscando fazer com que os leitores conheçam melhor seus entrevistados.

O Modo dá conta do meio utilizado para comunicação (vídeo, foto, oralidade, escrita) e com a organização do fluxo de informações presentes no texto, enquanto produto semiótico de diferentes contextos. Ela está diretamente relacionada ao papel da língua e da linguagem na composição do texto, em cada um dos contextos. Em filmes mudos, por exemplo, as imagens são centrais, cabendo à escrita ou à fala um papel secundário na produção do significado. Em outros contextos, a língua exerce o papel principal na produção do significado, como por exemplo, em romances. (Martin & Rose, 2008: 14)



Ex. 03. Figura 01. Capa da Revista Piauí - 1a edição - Outubro de 2006

A variável de Modo é realizada, na revista, de diversas formas. Entre elas, está a presença de fotos ou ilustrações, a formatação do texto, a distribuição desses elementos na folha, etc. A figura acima exemplifica como a revista Piauí organiza as ilustrações e os textos na sua capa. Há uma coluna localizada a esquerda, com chamadas (títulos e subtítulos) dos principais textos dessa edição, sobreposta à

ilustração, que ocupa a folha toda. Na ilustração, há um pinguim localizado em cima de uma geladeira, vestido com um quepe verde com uma estrela, simbolizando um ideário comunista e aliando a revista a esse posicionamento ideológico. A cozinha e o ambiente íntimo denotam o tom descontraído da revista. O texto é apresentado na primeira parte da folha, como informação velha, e a imagem está concentrada na segunda parte, como novidade, chamando a atenção do leitor para a imagem. Assim, a distribuição dos elementos na folha ressalta, para o leitor, a importância da imagem na composição da mensagem e na produção do significado.

Campo, das variáveis de registro, é aquela que dá conta do assunto a ser desenvolvido, das atividades descritas e desempenhadas pelo discurso.

“Technically speaking, a Field consists of sequences of activities that are oriented to some global institutional purpose, whether this is a local domestic institution such as family or community, or a broader societal institution such as bureaucracy, industry or academia. Each such activity sequence involves people, things, processes, places and qualities, and each of these elements are organized into taxonomies – grouping of people, things and processes; these taxonomies in turn distinguish one field from another.” (Martin & Rose, 2008: 14)

No contexto jornalístico, a variável de campo pode ser relacionada a diversos elementos, desde a forma como as fotos ou ilustrações representam pessoas, atividades ou qualidades, retratando aspectos da realidade, até a forma como as escolhas léxico-gramaticais representam a realidade. O exemplo 4 ilustra como o jornalista descreve seu entrevistado:

4. Aos 57 anos, Diduzinho Souza Campos tem todos os motivos para ser casmurro, ressentido e rabugento, mas não é. (Esquina 10)

Acima, o jornalista contextualiza seus leitores, apresentando características do entrevistado como a sua idade (57 anos) ou personalidade (não sendo casmurro, rabugento ou ressentido). A atribuição de tais qualidades está diretamente relacionada a representação linguística que o jornalista faz do seu entrevistado, formando uma imagem dele para seus leitores. Idade, nome próprio e personalidade são

características taxonômicas que indicam quem é o entrevistado, contribuindo para formação de sua imagem para os leitores.

Cada uma das variáveis de registro é realizada nos três estratos (semântico, léxico-gramatical e fonético/grafológico) de diferentes formas, estando relacionadas às diferentes funções que a linguagem desempenha na comunicação. Essas funções de linguagem são chamadas, na LSF, de metafunções, para ressaltar o caráter indissociável entre sociedade, escolhas semióticas, produção e interpretação do significado e a sua realização léxico-gramatical. A variável de de Relações, pela Interpessoal; a de Modo pela Textual e a de Campo pela Ideacional. No próximo item, elas serão descritas em maior detalhe, buscando exemplificar os diferentes aspectos léxico-gramaticais implicados em cada uma das metafunções.

A relação entre Contexto de Cultura, Contexto de Situação ou Registro e as Metafunções está expressa no diagrama abaixo:

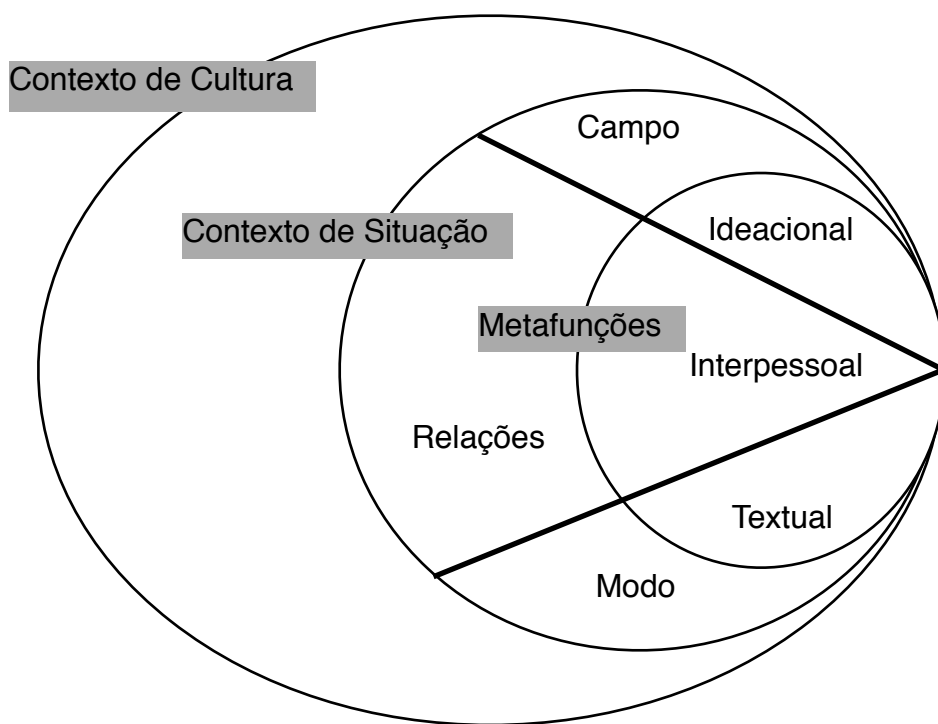


Figura 02: Contexto de Cultura, Contexto de Situação e as Metafunções (adaptada de Martin e White (2005: 12))

Os três círculos simbolizam os diferentes âmbitos envolvidos na comunicação, desde aspectos sociais, representados pelo Contexto de Cultura e de Situação, até léxico-gramaticais e semânticos, representados pelas Metafunções. Conforme discuti anteriormente, a LSF não está interessada apenas em questões de realização do sistema lingüístico, mas em como a língua funciona em sociedade ou como a linguagem ou as escolhas léxico-gramaticais estão atreladas a diferentes contextos sociais e culturais. Ou seja, a comunicação, a produção e interpretação dos significados, está vinculada ao ambiente em que estamos inseridos, às pessoas com quem nos relacionamos, ao assunto tratado e a forma de organização da mensagem. Tais variáveis representam não só as diferentes situações vividas pelos falantes/escritores, mas realizam o Registro. O contexto de Situação é realizado pelo Registro, por isso as três variáveis (Campo, Relações e Modo) estão localizadas em seu interior. Cada uma das variáveis de registro está diretamente associada a uma metafunção, respectivamente, Ideacional, Interpessoal e Textual. As metafunções seriam as representações das escolhas dos falantes/escritores no âmbito léxico-gramatical e semântico. No próximo subitem, veremos como cada uma delas é realizada semântica e léxico-gramaticalmente.

Mencionei na Introdução que a LSF é uma teoria sociossemiótica. Até agora, enfoquei a utilização da linguagem em seu aspecto social. O aspecto semiótico da visão de linguagem teorizada pela LSF está relacionado à possibilidade de escolhas léxico-gramaticais em função do contexto de cultura e de situação em que ocorre determinado evento comunicativo. As escolhas são realizadas por meio contexto, do registro e das metafunções, estando vinculadas à probabilidade de certas estruturas ocorrerem nesses contextos. Parte-se do pressuposto que a linguagem tem um viés probabilístico. Tal pressuposto vai de encontro aos preceitos da Linguística de Corpus (LC), tornando possível aliar a LSF e a LC no estudo da linguagem. Uma das suas contribuições e principais aplicações, em pesquisas de LSF, pode ser percebida na utilização de ferramentas computacionais que auxiliem na análise de diferentes textos, em busca do que seria característico ou semelhante e diferente nos diversos contextos registros e metafunções.

1.1.1 As metafunções

Anteriormente, mencionei que as três variáveis de Registro (Relações, Modo e Campo) estão diretamente e, respectivamente, vinculadas à três Metafunções (Interpessoal, Textual e Ideacional). A realização das metafunções é simultânea e indissociável, representando as diversas funções da linguagem e a forma como são realizadas semântica e léxico-gramaticalmente no texto (Halliday e Mathiessen, 2004)

A variável de Relações abrange, resumidamente, as pessoas envolvidas nas diferentes situações e na forma como adaptamos a linguagem usada devido ao status ou solidariedade decorrentes do envolvimento entre falantes e ouvintes. Tem como correspondente a metafunção Interpessoal, a qual está vinculada ao componente pessoal e interacional da linguagem. Halliday (1982:33-34) resume a função de linguagem representada pela variável de Relações e pela interpessoalidade da seguinte forma:

“El lenguaje tiene que expresar nuestra participación, como hablantes, em la situación del discurso; los papeles que asumimos, nosotros mismos y que imponemos a los demás; nuestros deseos, nuestros sentimientos, nuestras actitudes y nuestros juicios.” (Halliday, 1982: 33-34)

Está relacionada, portanto, a forma como os falantes se posicionam no discurso, construindo personas sociais, e como expressam tais avaliações, tendo em vista o público a quem se dirigem (Martin e Rose, 2008). É manifestado, também, na maneira com que o falante se compromete com as informações transmitidas, apresentando modalidade e incerteza ou escolhendo entre a polaridade positiva ou negativa, sendo assim mais enfático. Tais elementos são analisados Modalidade, Polaridade e sistema de Modo (Halliday e Mathiessen, 2004: 106-167). A teoria de Avaliatividade, desenvolvida por Martin e White (2005), pode ser estudada na metafunção Interpessoal, embora isso não seja um consenso entre os systemicistas. De acordo com Martin e White (2005:33), os recursos descritos pelo sistema de Avaliatividade estariam localizados dentro da metafunção Interpessoal, enquanto realizações semânticas, tendo em vista que representam posicionamentos assumidos pelo falante nas diversas

situações discursivas. O posicionamento assumido estaria diretamente relacionado a negociação e ao envolvimento entre o falante e seus leitores/ouvintes, e, conseqüentemente, à variável de registro de Relações.

O sistema de modo é responsável pela análise do Sujeito e do Finito, em termos gerais, aquilo a que o processo se refere e a forma como o tempo da oração é instanciado pelo falante/escritor no texto. O sujeito é um grupo nominal definido como a referência a que a proposição pode ser afirmada ou refutada. Normalmente, ele assume a responsabilidade pela ação. O finito é a parte do grupo verbal na qual o tempo está circunscrito, podendo ser um tempo primário ou secundário (modal). O restante da oração, nesse ponto de vista, é denominado de resíduo, normalmente composto pelo predicador, por complementos e adjuntos. (Halliday e Mathiessen, 2004: 111-121).

A Modalidade abrange os casos em que o falante/escritor expressa dúvida ou incerteza, por exemplo, expressando possibilidade ou probabilidade de que algo aconteça. Nas proposições, orações em que há troca de informações, a modalidade é chamada de modalização. Existem três sub-tipos de modalização: probabilidade e usualidade. Nas propostas, orações em que há troca de bens e serviços, a modalidade é chamada de modulação. Seus sub-tipos são: obrigação e inclinação. (Halliday e Mathiessen, 2004: 146-150)

A Polaridade, por outro lado, é a realização dos pólos positivo e negativo na oração, “sim” ou “não”. Eles podem ocorrer como asserções do falante/escritor em resposta a uma pergunta ou aceitação de comando ou oferta. Tanto Modalidade quanto Polaridade estão diretamente relacionadas com o posicionamento adotado pelo sujeito na interação. (Halliday e Mathiessen, 2004: 143-146)

Com relação à Avaliatividade, é considerada um desenvolvimento da teoria hallideana, no que tange à dimensão pessoal do discurso. Consiste de um sistema voltado para a forma como os falantes/escritores expressam seus pontos de vista, sentimentos ou opiniões, buscando empatia com seus interlocutores. Existem três sub-sistemas: gradação, avaliação e engajamento. Gradação está diretamente relacionada à forma

como a avaliação ou as posições assumidas pelo falante/escritor são intensificadas ou simplificadas. Avaliação é a expressão dos posicionamentos assumidos no discurso, a forma como eles são construídos e os significados são compartilhados em relação aos sentimentos (afeto), comportamento (julgamento) ou coisas e fenômenos (apreciação). Por fim, engajamento está relacionada ao dialogismo bahktiniano e a inserção de vozes no discurso (Martin e White, 2005:35-37). Alguns dos trabalhos desenvolvidos sobre Avaliatividade em português são: Sartin (2008), sobre atitude no discurso de professores universitários, e Sobhie (2008), sobre atitude e engajamento em press-releases e notícias.

A variável de Modo, localizada no âmbito do Registro, é o reflexo da forma de comunicação e organização da mensagem (oral, escrita, visual). É realizada na metafunção Textual, realizada pelo sistema de Tema e Rema. Dentro dessa perspectiva de análise, o principal interesse do pesquisador é entender a forma como as orações são organizadas, retomando informações previamente apresentadas no texto e/ou fornecendo novas informações ao leitor/ouvinte (Halliday e Mathiessen, 2004: 64-105). A função de linguagem relacionada ao Modo e metafunção Textual são sintetizadas por Halliday (1982: 33-34) como a organização elegida pelo falante para realização de todas as outras funções:

“El language tiene que hacer todo eso simultáneamente, de una manera en que se vincule todo lo que se dice con el contexto en que se dice, tanto con lo que se ha dicho antes como con el ‘contexto de situación’; en otras palabras, tiene que ser capaz de estar organizado como discurso pertinente, y no solo como palabras y oraciones de un libro de gramática o de un diccionario.” (Halliday, 1982: 33-34)

A metafunção textual é responsável, assim, pela organização das informações a serem transmitidas, levando em consideração a necessidade do falante de se relacionar e se posicionar por meio da linguagem, além de representar a realidade. Essa organização está atrelada com as peculiaridades do contexto e do contexto de situação e sua realização diferencia o que seriam considerados discursos pertinentes de discursos esparsos, sem significado porque desconectados de seu contexto.

A realização léxico-gramatical da metafunção textual é o sistema de Tema e Rema, cuja preocupação está centrada na organização da oração como mensagem. O tema é concebido como a primeira parte da informação, realizada até o primeiro elemento da transitividade (circunstância, participante ou processo). Ele é considerado não-marcado quando é realizado pelo sujeito da oração, sendo um grupo nominal ou nominalização, e marcado quando complemento ou adjunto. É considerado Rema todo o restante da oração. (Halliday e Mathiessen, 2004: 66-86)

A unidade de Informação está diretamente relacionado ao sistema de Tema e Rema. O tema pode realizar uma informação dada ou uma informação nova, dependendo do contexto, do que dito anteriormente no mesmo texto. A unidade de informação permite que o escritor ou falante enfatize determinadas partes da oração e do texto, chamando a atenção do leitor para o que ele considera relevante. (Halliday e Mathiessen, 2004: 86-98)

Para maiores informações sobre o sistema de Tema e Rema e as unidades de informação em português, ver Gouveia e Barbara (2001), Barbara e Gouveia (2003), Siqueira (2000) e Ventura e Lima Lopes (2002).

Das variáveis de registro, Campo é responsável por retratar a relação semântica e lógica que os falantes de uma língua estabelecem entre eventos, ações, circunstâncias e pessoas na representação de mundo. É realizada pela metafunção Ideacional, que pode ser subdividida em duas partes: lógica e experiencial. A metafunção lógica dá conta do estabelecimento de relações lógicas elementares:

“El lenguaje tiene que expresar algunas relaciones lógicas elementares, como ‘y’, ‘o’, y ‘si’, lo mismo que las creadas por el propio lenguaje, como ‘a saber’, ‘dice’ y ‘significa’.” (Halliday, 1982: 33-34)

As relações lógicas podem ser analisada dentro de grupos nominais e verbais, enfocando a relação existente entre os diferentes elementos léxico-gramaticais dos grupos. Com relação aos grupos nominais, está associada a composição de grupos simples ou complexos e a associação entre nomes e modificadores (Halliday e Mathiessen, 2004: 330). Nos grupos verbais, a metafunção lógica está relacionada ao

estabelecimento do tempo, o primário ou secundário, de acordo com a flexão verbal e a existência ou não de modalidade (Halliday,1994:198). São poucos os trabalhos realizados no Brasil, que eu tenha tido conhecimento, que abordam a metafunção lógica. Soares (2007) trata da estrutura lógica em textos jornalísticos de língua inglesa, comparando textos publicados na Newsweek, uma revista norte-americana, e na Speak Up, uma publicação brasileira voltada para estudantes de inglês.

A metafunção experiencial é realizada pelo sistema de Transitividade, responsável pela organização da experiência humana em termos de participantes (grupos nominais), processos (verbos) e circunstâncias (grupos adverbiais e preposicionais) (Halliday e Mathiessen, 2004: 167- 280). A função de linguagem relacionada a metafunção experiencial é definida por Halliday (1982:33-34) como a capacidade de interpretar a experiência humana, com relação tanto ao mundo interno quanto externo.

“El lenguaje tiene que interpretar toda nuestra experiencia, reduciendo los fenómenos infinitamente variados del mundo que nos rodea, y también de nuestro mundo interno, los procesos de nuestra consciencia, a un número manejable de clases de fenómenos: tipos de procesos, acontecimientos y acciones, de gente y de instituciones, y así por el estilo.” (Halliday, 1982: 33-34)

Os âmbitos da experiência humana poderiam, assim, ser classificados de acordo com tipos de processos, acontecimentos e ações ou pessoas e instituições, cuja interpretação está diretamente relacionada ao contexto. A metafunção experiencial tem como principal realização léxico-gramatical o sistema de Transitividade, sistema no qual os verbos são categorizados semanticamente dentro de cinco tipos de processo: Material, Existencial, Relacional, Verbal, Mental e Comportamental (Halliday e Mathiessen, 2004: 167-280). A descrição teórica do sistema de Transitividade e a caracterização dos diferentes tipos de processo será feita separadamente, no próximo item, tendo em vista que este trabalho está centrado na análise da Transitividade em português, mais especificamente, na análise dos processos verbais.

1.1.1.1 O sistema de Transitividade: Processos e Participantes

O sistema de Transitividade é responsável pela descrição linguística da forma como a linguagem pode representar o mundo e as experiências humanas, seja no âmbito individual e interno ou no âmbito externo. Esse sistema está centrado na análise dos processos, os verbos ou grupos verbais que simbolizam as ações e os acontecimentos. A cada tipo de processo são associados diferentes participantes, realizados por grupos nominais, simbolizando as pessoas, instituições e fenômenos envolvidos nas ações. Além disso, há também as circunstâncias, que são responsáveis pela ambientação ou descrição das ações. Existem 6 categorias de processo, organizadas em torno de diferentes campos semânticos da experiência humana: Material, Existencial, Relacional, Verbal e Mental. (Halliday e Mathiessen, 2004: 167- 280). A figura abaixo representa o sistema, relacionando tipos de processo e os significados compartilhados em cada um deles.

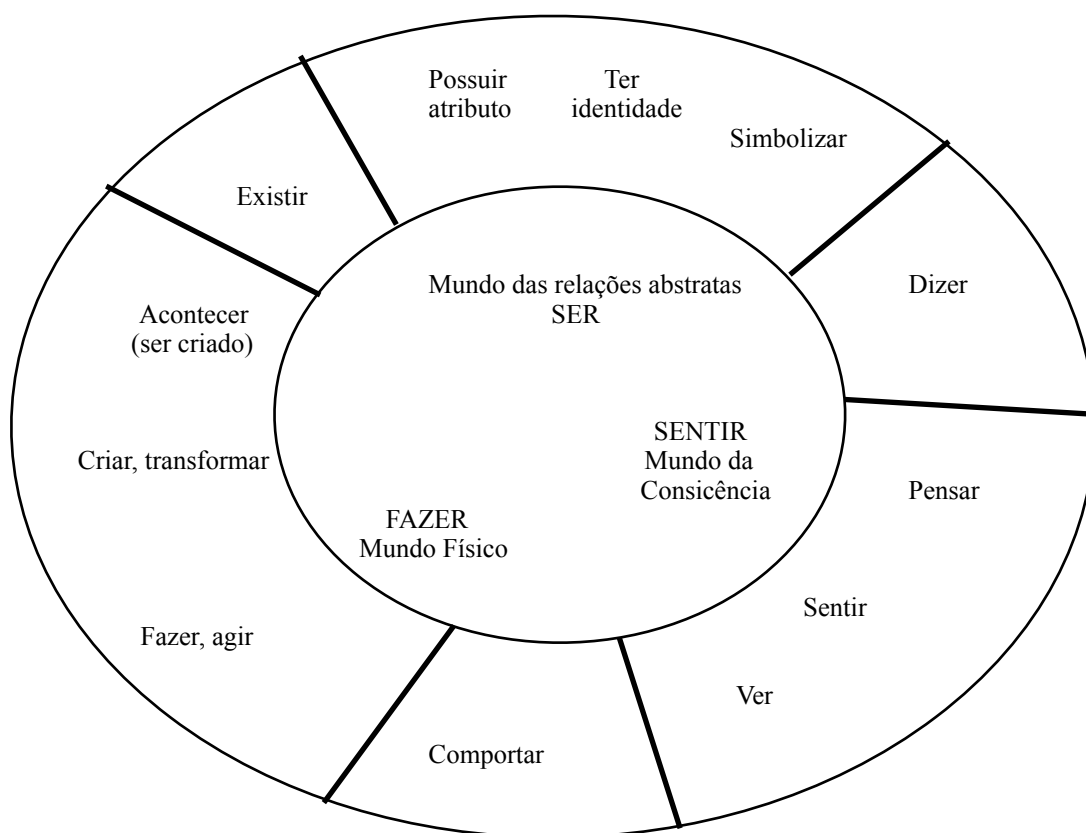


Figura 3: Tipos de Processos (traduzida de Halliday & Mathiessen, 2004: 172)

A organização dos diferentes tipos de processo em uma figura circular tem como motivação demonstrar que há uma certa continuidade nos significados das ações e experiência humanas e, conseqüentemente, no significado dos processos. Há os processos principais, como Material, Mental e Relacional, e os considerados de fronteira, como Comportamental, Verbal e Existencial. Os processos materiais são aqueles que representam ações no campo semântico do fazer, criar, transformar e acontecer, implicando em trabalho ou empenho de energia. São significados associados ao mundo físico e a experiência no mundo externo. Os mentais simbolizam as experiências humanas internas, o pensar e o querer. Os relacionais são responsáveis pela realização linguística das relações abstratas, relacionadas a classificação e determinação de coisas ou pessoas. Os verbais são responsáveis pelas ações de fala, pela realização linguística das relações simbólicas no discurso. Os comportamentais estão relacionados às questões típicas do comportamento humano, como fenômenos fisiológicos ou manifestações físicas relacionadas a consciência humana. Os existenciais indicam ações que existem ou acontecem, normalmente associados a fenômenos socialmente reconhecidos. Cada um desses tipos de processo é acompanhado por participantes diferentes, grupos nominais que realizam diferentes significados, além das circunstâncias, grupos adverbiais e preposicionais. A caracterização dos processos e seus participantes serão discutidos detalhadamente a seguir, com exemplos extraídos da Seção Esquina da revista Piauí. (Halliday e Mathiessen, 2004:168-178)

No parágrafo anterior, eu mencionei o fato da representação dos processos estar organizada em forma circular, estabelecendo um continuum de significado que dê conta das experiências humanas como um todo. Outro motivo para a representação da transitividade como um círculo é ressaltar a existência de uma faixa de transição gradual entre um tipo de processo e outro, não havendo uma fronteira claramente definida. A indefinição desses significados está vinculada à noção de indeterminação sistêmica, um princípio linguístico associado à variação semântica e funcional dos verbos. Certos verbos, de acordo com os significados a eles associados e ao seu

contexto de realização, podem ser analisados como um tipo de processo ou outro, sendo responsabilidade do pesquisador argumentar sua análise. Em oposição aos significados fronteirços e variantes, há os usos prototípicos dos verbos, que representam aqueles itens lexicais cujo significado está claramente associado a determinado tipo de processo. A análise dos exemplos 5 e 6, abaixo, ilustra o princípio de indeterminação sistêmica. (Halliday e Mathiessen, 2004: 172-173)

5. O ex-presidente DIZ que lê pouco jornal, mas acompanha o noticiário pela Globo News. (Esquina 94)

6. Até ficar pronta, cada revista passa por uma rigorosa linha de montagem. Primeiro, atua o criador, responsável pela escolha das palavras e o arranjo no diagrama. A segunda etapa DIZ respeito ao redator. Diante das palavras já diagramadas, cabe a ele formular as perguntas. (Esquina 68)

No exemplo 5, o verbo 'diz' pode ser caracterizado como processo verbal, já que introduz a fala do ex-presidente, por meio de uma reportagem. A reportagem é um tipo de projeção no qual o escritor/falante reorganiza a fala do outro, apresentando-a de forma não-literal, também denominada de discurso indireto. Entretanto, no exemplo 6 o verbo 'diz' faz parte da expressão 'diz respeito'. Tal expressão pode ser analisada como uma metáfora ideacional, já que seu significado não está atrelado ao mesmo campo semântico do 'falar' como apresentado em 5, mas sim de formas como 'ser responsabilidade de' ou 'corresponde a', mais próximas dos processos relacionais. Apesar do uso prototípico do verbo 'dizer' ser como processo verbal, em alguns contextos seu significado pode variar, podendo exercer a função de outro tipo de processo. Tal variação, no entanto, só pode ser vista quando associada ao contexto, como na análise do exemplo 6. A seguir, apresento as principais características de cada tipo de processo, trazendo exemplos do corpus.

Começarei a caracterização dos tipos de processo pelos materiais. Como disse anteriormente, eles são responsáveis pelas atividades humanas do campo semântico do fazer e do acontecer, no qual as ações demandam energia e trabalho. Podem ser associados, também, a ações criativas e transformativas, como mostra a figura 2. O participante que age, o responsável pela ação é denominado Ator. Ele é realizado tanto em oração transitivas como intransitivas. O participante que representa a direção da ação é a Meta (Halliday e Mathiessen, 2004: 179-197).

Um terceiro escritor	chega	ao café.
Ator	Processo Material	Meta

Fonte: Esquina 69

Além deles, existem três outros tipos de participantes: Escopo, Cliente e Recipiente. O escopo constrói, normalmente, uma entidade independente da ação, que indica o domínio em que a ação se dá, substituindo a Meta.

Argentina, Brasil, Chile e Uruguai	disputaram	o torneio.
Ator	Processo Material	Escopo

Fonte: Esquina 72

Tanto o cliente como o recipiente são representações do participante que se beneficia da ação, porém eles ocorrem em contextos distintos. O recipiente ocorre em orações em que o processo material é do sub-tipo transformativo, enquanto o cliente ocorre em orações em que processo material é criativo.

Eu e meus companheiros	levamos	nossas esposas.
Ator	Processo Material: Transformativo	Recipiente

Fonte: Esquina 01

Para aliviar a tensão,	o treinador	faz -	lhe	uma rápida massagem	na musculatura peitoral.
Circunstância de causa	Ator	Processo Material: criativo	Cliente	Escopo	Circunstância de lugar

Fonte: Esquina 14

Os atributos, embora pertençam à classe dos processos relacionais, podem acontecer com processos materiais em alguns contextos, para expressar o estado qualitativo do ator ou da meta depois da ação ou para especificar o estado do ator ou da meta enquanto ele age. (Halliday e Mathiessen, 2004: 190-197)

No final de junho	a cidade	se	transforma	no maior pólo turístico do Norte.
Circunstância de Tempo	Ator	Meta	Processo Material	Atributo

Fonte: Esquina 72

O segundo tipo de processo presente na Transitividade é o Existencial, representante de algo que acontece ou existe. Seu uso é restrito quantitativamente, em relação aos outros tipos de processos. O principal participante é denominado Existente e realiza o evento ou entidade ao qual o processo se refere. (Halliday e Mathiessen, 2004: 256-259)

Há	5 mil pessoas	fazendo acarajé em Salvador,	mas apenas 450 são registradas.
Processo Existencial	Existente		

Fonte: Esquina 02

A seguir, aparecem os processos relacionais. Eles são responsáveis pela construção das relações abstratas do campo do ser e do possuir, havendo dois tipos de orações: atributivas ou identificadoras. Nas atributivas, os dois participantes realizados são chamados de Portador e Atributo. O portador representa a pessoa ou entidade que possui a classe (ou atributo) a ele associado. Nas identificadoras, os participantes são: Identificado e Identificador. O identificado é a entidade ou pessoa a quem é designada uma identidade, enquanto o identificador é a realização da identidade. (Halliday e Mathiessen, 2004: 210- 248)

O nanômetro	equivale	a um milionésimo de milímetro.
Identificado	Processo Relacional	Identificador

Fonte: Esquina 23

Pitillo	é	um homem alto e gordo de 33 anos.
Portador	Processo Relacional	Atributo

Fonte: Esquina 32

Os processos mentais representam as ações do campo das experiências internas do ser humano, como a consciência ou o sentimento. Há sempre um participante humano, o Experienciador (Sensor). Outro elemento presente nesses casos é o Fenômeno, representando tudo aquilo que é sentido, pensado, desejado ou percebido. Os processos mentais, juntamente com os verbais, são os únicos que permitem projeções. (Halliday e Mathiessen, 2004: 197-210)

O dono do bicho	gostou	tanto	do novo arranjo	que colocou exatamente assim
Experienciador	Processo Mental	Circunstância de modo	Fenômeno	Enhancement

Fonte: Esquina 30

Um pouco por comodismo,	pensei:	se eu fizer uma estrutura e for variando, vou usar as cores que quiser e vai ficar mais fácil para mim, não vou ter de inventar um desenho toda hora
Circunstância de causa	Processo Mental	Projeção: Citação

Fonte: Esquina 30

Os processos comportamentais são aqueles processos tipicamente humanos, nos quais há a representação de comportamento fisiológico ou psicológico. O participante responsável pela ação é denominado Comportante, normalmente associado a entidades conscientes. O comportamento é um outro tipo de participante, análogo ao escopo presente nas orações materiais. (Halliday e Mathiessen, 2004: 248- 252)

Beto Rockefeller	nasceu	e	morreu	numa época em que as rinhas eram legais
Comportante	Processo Comportamental	Expansão	Processo Comportamental	Circunstância de Tempo

Fonte: Esquina 14

O próximo item está centrado na descrição das principais características dos processos verbais, feita separadamente para focar os aspectos teóricos mais importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Da mesma forma como nos outros processos, há exemplos extraídos do corpus de estudo diretamente dos textos da Seção Esquina para ilustrar os principais elementos léxico-gramaticais e funcionais encontrados na análise.

1.1.1.1 Os processos verbais

Os processos verbais são aqueles que permitem a projeção de falas de outros, sua importância variando em diferentes tipos de texto. Nas narrativas, por exemplo, eles são responsáveis pela elocução dos diálogos de personagens. No discurso científico,

permitem que o pesquisador cite ou reporte textos teóricos, ao mesmo tempo em que a seleção dos processos torna possível indicar o posicionamento do escritor em relação ao assunto tratado. Nos textos jornalísticos, permitem que informações sejam transmitidas ao público leitor, definindo a fonte dessa informação, como por exemplo relatos e opiniões, normalmente provenientes de entrevistas e documentos oficiais. (Halliday & Mathiessen, 2004: 252-253)

São considerados como processos de fronteira, localizados entre os mentais e os relacionais. Halliday & Mathiessen (2004: 254-255) argumenta que eles compartilham com os mentais a capacidade de projeção, embora nesses a projeção esteja relacionada a idéias. Com os relacionais, compartilham o poder simbólico, na medida em que falantes de diferentes naturezas são responsáveis pela fala citada ou reportada, não sendo necessário haver um participante consciente e podendo haver uma relação simbólica expressa. Sua proximidade com os relacionais também pode ser entendida do ponto de vista interpessoal, por meio do finito e da escolha de tempos verbais. A escolha dos tempos verbais também pode aproximar o significado das orações verbais daquelas tidas como materiais. A capacidade das orações verbais de apresentar características de outros tipos de oração (material, relacional ou mental), também as aproxima das orações com processos comportamentais. As características que diferenciam os tipos de oração e de processo podem estar explícitas ou serem retomadas e argumentadas de acordo com o contexto.

“Vieram buscar ele antes da hora, nem sei se deu tempo de avisar a mulher”,	José Carlos	comenta.
Mensagem - Projeção: Citação	Dizente	Processo Verbal

<p>“E tem mais: só li uma vez. Decorei de primeira, entende? Vamos, anote aí: ‘...a travessia brasileira sertaneja é mais exaustiva que a de uma estepe nua. Nesta, ao menos, o viajante tem o desafogo largo, ao passo que a caatinga afoga, abrevia-lhe o olhar, agride-o, estonteia-o, enlaça-o na trama espinescente e não atrai, repulsa-o com as folhas urticantes...’ Não é bonito?”</p>	pergunta,	depois de declamar praticamente <i>ipsis litteris</i> um trecho de Os Sertões.
Mensagem - Projeção: Citação	Processo Verbal	Circunstância de Tempo

Fonte: Esquina 43

O dizente é o participante que é responsável pela fala, podendo ser consciente ou não. Outro participante é o receptor, aquele a quem a fala é dirigida. Embora o dizente seja obrigatório, ou seja, ele está explícito na oração ou pode ser retomado pelo contexto, a existência de um receptor pode estar implícita e não necessariamente ser retomável.

Um estrangeiro,	ao ler na placa que “O atendente está disponível para ajudar”,	disse	lhe	que, no fim da tarefa fisiológica, precisava de alguém para “balançar”.
Dizente	Circunstância de Tempo	Processo Verbal	Receptor	Mensagem - Projeção: Reportagem

Fonte: Esquina 77

As mensagens são os participantes ou complementos verbais responsáveis pela elucidação do conteúdo falado. Podem ser realizadas como uma projeção por citação ou reportagem, além de verbiagem, nos subtipos conteúdo ou nome. Primeiramente, veremos as verbiagens. De acordo com Halliday & Mathiessen (2004: 252-256), as verbiagens são formadas por classes de coisas ou grupos nominais. As de conteúdo estão relacionadas ao assunto tratado na interação. As de nome são associadas ao uso de expressões como ‘dizer uma mentira’ ou ‘contar uma história’. No entanto, a distinção entre os dois nem sempre é clara, dependendo da interpretação do pesquisador e do contexto em que cada um dos elementos aparece.

Conta	curiosidades da sua carreira.
Processo Verbal	Verbiagem: Conteúdo

Fonte: Esquina 82

Em seguida,	anunciou	a Caravana da Saudade,	que oferece aos ganhadores uma passagem de ônibus para qualquer lugar do Brasil.
Circunstância de Tempo	Processo Verbal	Nome	Extensão

Fonte: Esquina 80

Halliday & Mathiessen (2004: 441 – 482) definem a projeção como uma relação lógico semântica entre duas orações, sendo que a oração principal é formada por um processo mental ou verbal. A outra oração apresenta uma locução, no caso dos verbais, ou uma idéia, no caso dos mentais. Em ambas as formas, no entanto, a linguagem está sendo utilizada para representar a própria linguagem, não uma experiência não-lingüística. Nos processos verbais, as projeções são de dois tipos: Citação ou Reportagem.

A Citação ocorre, segundo Halliday & Mathiessen (2004: 445-448), quando o conteúdo da fala em geral do entrevistado no caso dos textos jornalísticos, é reproduzido da mesma forma como foi dito ou percebido pelo jornalista (o chamado discurso direto, na gramática tradicional). Nesses casos, há uma nova oração que é marcada graficamente pelo uso das aspas e mantém uma relação paratática com a oração principal, constituída pelo processo verbal. A parataxe acontece quando duas orações tem o mesmo status, já que a segunda oração mantém todas as suas características textuais e interpessoais, como o uso de continuativos ou o modo da oração.

Ele	argumenta:	“Fala-se muito que a onça está em extinção. Mas, vai ver, há quatro machos ali disputando a mesma área — alguns deles, bem manejados, dariam excelentes troféus”.
Dizente	Processo Verbal	Mensagem - Projeção: Citação

Fonte: Esquina 52

De acordo com Halliday & Mathiessen (2004: 453-456), a Reportagem ocorre quando o conteúdo da fala do entrevistado é reescrito pelo jornalista, havendo, portanto uma relação metalingüística entre o que foi originalmente falado e o que foi reportado, já que a linguagem é utilizada para reescrever a própria linguagem (o chamado,discurso indireto). A relação entre as duas orações, a principal e a reportada, é hipotática. A

hipotaxe é caracterizada pela dependência entre a oração principal e a reportagem, preservando a referência dêitica no Falante.

Gondim	diz	que a outra ajuda mais preciosa deve vir dos céus.
Dizente	Processo Verbal	Mensagem - Projeção: Reportagem

Fonte: Esquina 59

Por fim, há um último tipo de participante, o Alvo. Ele é definido em Halliday & Mathiessen (2004: 256) como a entidade a quem o processo está direcionado. Em outras palavras, é aquele que será afetado pela fala. Seu uso está vinculado à processos verbais que compartilham características de processos materiais, sendo um sub-tipo das orações verbais. Os verbos que aceitam a presença do Alvo como participante de uma oração não aceitam a Reportagem, o que os aproxima da estrutura dos processos materiais, naquelas orações em que há ator e meta.

Com uma lista na mão,	o presidente venezuelano	agradece	a absolutamente todos os grupos ali presentes.
Circunstância de modo	Falante	Processo Verbal	Alvo

Fonte: Esquina 32

Com esse último exemplo, termino a caracterização dos tipos de processo do Sistema de Transitividade, relacionando-os aos diferentes tipos de participantes. Como vimos, cada tipo de processo possui participantes distintos, exercendo funções específicas em cada oração. Faltou tratar mais especificamente das circunstâncias, para concluir a descrição do sistema de Transitividade como um todo. As circunstâncias podem ocorrer, salvo algumas exceções, com todos os tipos de processo, por isso serão tratadas separadamente, no próximo item.

1.1.1.2. O sistema de Transitividade: Circunstâncias

Associadas aos participantes e aos processos, há também as circunstâncias. Os tipos de circunstâncias existentes são: Tempo, Lugar, Modo, Causa, Condição, Acompanhamento, Papel, Ângulo e Assunto. Elas são formadas por grupos adverbiais ou frases preposicionais. (Halliday e Mathiessen, 2004: 259-280) A seguir, pretendo

expor as características de cada uma delas, também, exemplificando com ocorrências do corpus de estudo. As circunstâncias de Ângulo e Assunto, no entanto, serão tratadas separadamente, em maior detalhe, por serem importantes na análise dos processos verbais, já que são mais frequentes em orações com processo verbal.

As circunstâncias de Tempo e Lugar indicam a forma como o processo se desenrola no tempo no espaço, podendo estar também associadas, respectivamente, à duração e frequência ou à distância. (Halliday e Mathiessen, 2004: 263- 264).

Em questão de segundos,	são	306 galos	cantando juntos.
Circunstância de Tempo	Processo Existencial	Existente	Fenômeno

Fonte: Esquina 14

No caminho,	o grande ausente Eustachio	foi flagrado	num ponto de ônibus,	discreto e sorrateiro em suas noventa décadas de vida.
Circunstância de lugar	Beneficiário	Processo Material	Circunstância de lugar	Circunstância de modo

Fonte: Esquina 90

As de modo realizam a forma como o processo aconteceu (Halliday e Mathiessen, 2004: 267-269).

Umás quarenta pessoas	acompanham	com ardor cívico	os derradeiros acordes do Hino Nacional,	interpretado pelo Coral Rafaelis.
Ator	Processo Material	Circunstância de modo	Meta	Extensão

Fonte: Esquina 90

Condição é o tipo de circunstância que realiza o elemento do qual a ação depende para ser concretizada (Halliday e Mathiessen, 2004: 271-272), enquanto as de Causa constroem as razões ou os propósitos do acontecido, assim como o seu propósito (Halliday e Mathiessen, 2004: 269- 271).

A cinefilia do Rio de Janeiro	seria	menos intensa	sem esse engenheiro rodoviário de 65 anos.
Portador	Processo Relacional	Atributo	Circunstância de Condição

Fonte: Esquina 79

Elisabeth	tem	planos de aprender a costurar	para fazer as próprias fantasias.
Portador	Processo Relacional	Atributo	Circunstância de Causa

Fonte: Esquina 79

Em Acompanhamento, estão inclusos os grupos adverbiais ou preposicionais que simbolizam uma participação comum no processo, estando associado a perguntas como: quem mais? ou o que mais?. (Halliday e Mathiessen, 2004: 272 - 274).

No Clube do Galo,	há	50 sparrings	para 250 galos-atletas.
Circunstância de Lugar	Processo Existencial	Existente	Circunstância de Acompanhamento

Fonte: Esquina 14

Por fim, as circunstâncias de Papel são representações circunstanciais de significados como ser e se transformar (Halliday e Mathiessen, 2004: 274-276).

Como um pato ou um nadador sem toalha,	pingava	sem parar.
Circunstância de Papel	Processo Material	Circunstância de Tempo

Fonte: Esquina 13

Conforme disse acima, tratarei separadamente das circunstâncias de Ângulo e Assunto. Ambas as categorias léxico-gramaticais estão diretamente associadas a contextos em que há processos verbais, sendo importantes para a análise dos dados apresentada no capítulo 3.

1.1.1.2.1 Circunstância de Ângulo

As circunstâncias de ângulo são particularmente associadas aos processos verbais e mentais por substituírem as orações projetantes, realizadas com processos verbais e

mentais, relacionando-se respectivamente ao Dizente e ao Experienciador. Nos casos específicos em que as circunstâncias de ângulo de referem ao Dizente, elas são expressas pela fonte de informação e por preposições complexas, como: *de acordo com, nas palavras de, segundo, para*. No caso específico dos contextos mentais, em que elas se referem ao Experienciador, sua função é apresentar o ponto de vista utilizado para representar a informação. (Halliday e Mathiessen, 2004: 276-277)

Segundo	ele,	são três as razões para o fracasso dos bloqueadores.
Circunstância de Ângulo	Dizente	Mensagem - Projeção: Reportagem

Fonte: Esquina 61

As circunstâncias de ângulo relacionadas a contextos verbais foram consideradas para a discussão dos dados, tendo em vista sua importância no discurso jornalístico, ao introduzir as fontes de informação, pessoas ou documentos, utilizadas pelo jornalista para a composição do texto. O próximo item trata das circunstâncias de assunto, diretamente associadas aos processos verbais por substituírem as verbiagens (Halliday e Mathiessen, 2004: 276).

1.1.1.2.2 Circunstância de Assunto

Circunstâncias de assunto são elementos léxico-gramaticais correspondentes as Verbiagens, os participantes dos processos verbais e mentais que realizam o conteúdo ou o nome do que é dito ou experienciado e são frequentes com esses dois tipos de processos. (Mathiessen e Mathiessen, 2004: 276-277)

Com as mãos inquietas, pegando aqui e ali nos papéis,	falou	sobre a cena política:	: “Eu tinha certeza de que o Renan ia ser absolvido. Era tão óbvio. Um governo que vive de barganha, que emprega especialistas em barganhar, em vender promessas e favores... Isso tudo me desanima. Eu perdi o fervor político. Ainda tenho o patriótico, mas não sei até quando”.
Circunstância de Modo	Processo Verbal	Circunstância de assunto	Mensagem - Projeção: Citação

Fonte: Esquina 94

É de interesse dessa pesquisa aquelas ocorrências em contextos verbais, já que enfoquei o estudo dos processos verbais nos textos de jornalismo literário da seção Esquina. Elas serão discutidas a seguir, no capítulo 3. O próximo item discute as teorias de comunicação e o jornalismo como prática social, elucidando o que é o jornalismo literário.

Até agora, procurei delinear os principais conceitos e categorias léxico-gramaticais da LSF, mostrando uma visão geral da teoria e enfocando principalmente no sistema de Transitividade. Dentro da Transitividade, enfoquei a caracterização dos processos verbais e seus participantes, além das circunstâncias de ângulo e assunto. Essas categorias léxico-gramaticais serão retomadas na análise dos dados, por constituírem o recorte teórico escolhido para o desenvolvimento da pesquisa. Conforme mencionado anteriormente, os processos verbais foram escolhidos por serem aqueles que permitem, ao jornalista, incluir falas (verbiagens, citações ou reportagens) das fontes de informação (revistas, livros, documentos oficiais ou entrevistados). No próximo item, pretendo caracterizar a prática jornalística e o jornalismo literário, contextualizando a pesquisa.

1.2 O Jornalismo enquanto prática social

A presente pesquisa tem como motivação principal o estudo de textos jornalísticos produzidos e publicados em um contexto específico, o jornalismo literário, representado pela seção Esquina da revista Piauí. Neste item, pretendo discutir aspectos relacionados ao jornalismo como prática social, estabelecendo as principais características do contexto jornalístico e do jornalismo literário. No capítulo 2, Metodologia de Pesquisa, serão enfocadas as características particulares da revista Piauí e da Seção Esquina, para maior entendimento da composição do corpus de estudo.

Este item está sub-dividido em três partes. Primeiramente, discutirei aspectos históricos, sociológicos e éticos da profissão jornalística que funcionam como parâmetros para o exercício da profissão e compõe as etapas de produção dos textos publicados na imprensa. Esses aspectos informam o contexto social do jornalismo,

caracterizando-o enquanto forma de comunicação social. Posteriormente, tratarei da natureza da notícia e, por fim, enfocarei o surgimento e a caracterização do que é o jornalismo literário.

1.2.1 A história da imprensa

Para entender melhor a natureza da profissão jornalística, cabe fazer um breve resumo de suas origens históricas, relacionadas ao nascimento de periódicos, durante o Renascimento Italiano (Genro Filho, 1987: 17-20). Partindo de uma visão funcionalista, o surgimento da imprensa atende à diferentes necessidades e interesses de setores da sociedade:

“O certo, no entanto, é que a imprensa veio atender às necessidades crescentes de produção de livros, a fim de satisfazer às solicitações da elite intelectual forjada pelas universidades renascentistas. Mas, não somente com essa finalidade, apesar de os registros dos estudiosos enfatizarem de tal modo esse aspecto, tornando-o muitas vezes único e exclusivo. As atividades de impressão serviram também como suporte para o desenvolvimento das atividades da nascente burguesia comercial e industrial, dando letra de forma aos instrumentos da sua complexa engrenagem burocrática (letras de câmbio, recibos, contratos, modelos contábeis, tabelas de preços, etc.). Ou, então, atenderem as necessidades da organização administrativa das cidades e dos principados (guias para o recolhimento de impostos, editais, proclamações, avisos, formulários, etc.)”. (Park: 1973 Apud Genro Filho: 1987, 17).

O desenvolvimento da imprensa estaria associado, então, ao crescimento de uma elite intelectual, interessada em livros, e a ascensão burguesa, cuja organização burocrática dependia da publicação de documentos. Além disso, com a expansão das cidades, a imprensa atendia também as necessidades administrativas, estabelecendo um meio de comunicação entre a população e o poder público. Outra motivação para o desenvolvimento da imprensa, é a relação entre publicações de periódicos e a crescente demanda por informações, já que as pessoas visavam manter-se a par de acontecimentos da época. Essa necessidade perpassaria diferentes meios sociais, desde o cidadão curioso em relação às práticas de seu entorno; o comerciante ou o

banqueiro burgueses que precisariam de informações de preços de mercadorias, estradas e vias de acesso; até o Rei, que precisava defender suas escolhas políticas. Partindo dessa perspectiva, conclui-se que *“a atualidade tornou-se objeto de curiosidade com um fim prático, a comunicação converteu-se em uma necessidade da vida urbana, profissional, política e religiosa”* (Melo, 1973: 37 apud Genro Filho, 1996: 18).

A atualidade dos fatos narrados teria seu escopo ampliado com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações capitalistas, tornando o mundo inteiro um sistema integrado e interdependente. *“A imediatividade do mundo, através de seus efeitos, envolve então uma esfera cada vez maior e constitui um sistema que se torna progressivamente mais complexo e articulado”* (Genro Filho, 1987: 18). A procura crescente por informações e a dificuldade em encontrar as fontes abriu caminho para a criação de uma indústria de informação, empresas privadas organizadas de acordo com os pressupostos capitalistas do período. Desde o seu início, a imprensa estaria, assim, associada à ideologia burguesa e ao que teoricamente seria denominado, pela Escola de Frankfurt, de *“cultura de massas”* ou *“indústria cultural”*². Nessa visão, a notícia seria uma mercadoria, um produto ideológico a ser vendido aos leitores.

Genro Filho (1987) discute a forma como algumas visões teóricas acerca do jornalismo ressaltam o enlace entre capitalismo e jornalismo, mas não se aprofundam em especificidades da profissão, mantendo uma abordagem simplista sobre o fenômeno.

“No entanto, o jornalismo, que é o filho mais legítimo desse casamento entre o novo tecido universal das relações sociais produzido pelo advento do capitalismo e dos meios industriais de difundir informações, isto é, o produto mais típico desse consórcio, não é reconhecido em sua relativa autonomia e indiscutível grandeza. De um lado, ele é visto como instrumento particular da dominação burguesa, como linguagem do engodo, da manipulação e da consciência alienada. Ou simplesmente

² Refiro-me ao conceito de *“indústria cultural”*, desenvolvido principalmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Seu significado é associado a transformação da cultura em mercadoria, como um dos reflexos do capitalismo. Nesse ponto de vista, a informação e a notícia teriam se tornado mercadorias, estando a serviço dos interesses das empresas de comunicação, enquanto organizações burguesas, e sendo responsável pela reafirmação social dos valores burgueses.

como correia de transmissão de ‘aparelhos ideológicos de Estado’, como mediação servil e anódina do poder de uma classe, sem qualquer potencial para uma autêntica apropriação simbólica da realidade. De outro lado, estão as visões meramente descritivas ou mesmo apologéticas – tipicamente funcionalistas- em geral suavemente coloridas com as tintas do liberalismo: a atividade jornalística como ‘crítica responsável’ baseada na simples divulgação objetiva dos fatos, uma ‘função social’ voltada para o ‘aperfeiçoamento das instituições democráticas’. Na linguagem mais direta do mestre (Durkheim), uma atividade voltada para a ‘denúncia e correção das patologias sociais’, portanto, para a coesão e a reprodução do estado ‘normal’ da sociedade, ou seja, o capitalismo”. (Genro Filho, 1987: 19)

De acordo com Genro Filho (1987:19-20), o problema na abordagem do jornalismo como mercadoria seria não tratar do jornalismo enquanto fenômeno social, despindo-o do seu caráter histórico amplo e dissolvendo a criticidade dos leitores em função da manutenção de uma imagem da imprensa como veículo de manipulação social. De forma análoga, a visão de que o jornalismo seria uma atividade profissional cuja função seria sanar os problemas da sociedade, apresentando e discutindo problemas sociais, parece igualmente insatisfatória. Nessa visão, estão eliminadas as contradições inerentes à atividade, como sua inserção na luta de classes e, os limites e possibilidade daí decorrentes. Essas questões estão associadas ao desenvolvimento das empresas capitalistas e ao conflito existente entre os interesses empresariais e a produção de notícias de interesse público.

Habermas (2003: 213-246) delineia três fases para o desenvolvimento da imprensa e do jornalismo, em relação a esfera pública. Na primeira, a imprensa seria composta por pequenas empresas artesanais, na qual o editor tinha claramente interesses comerciais e as publicações eram orientadas para maximização dos lucros. As notícias estariam vinculadas a necessidades econômicas e comerciais geradas pelo capitalismo nascente. Em um segundo momento, a informação estaria atrelada a manifestações de opinião pessoal e ao jornalismo literário, competindo com a mera redação de avisos, diretamente relacionada a primeira fase da imprensa. As publicações funcionariam como instrumentos de luta política e partidário, tendo um perfil claramente voltado para conquista e legitimação de uma esfera pública burguesa, reduzindo até mesmo a

importância da comercialização e dos lucros obtidos. Por fim, na terceira fase, seriam retomados os pressupostos comerciais da primeira fase, com novos paradigmas de capital e tecnologia. A produção e divulgação das notícias estaria vinculada a uma indústria capitalista:

“Só com o estabelecimento do Estado burguês de Direito e com a legalização de uma esfera pública politicamente ativa é que a imprensa crítica se alivia das pressões sobre a liberdade de opinião; agora ela pode abandonar a sua posição polêmica e assumir chances de lucro de uma empresa comercial.” (Habermas, 2003: 216)

Nessa etapa, situada na França, Inglaterra e Estados Unidos no começo do século XIX, a imprensa será a expressão pública de proprietários privados. Abre-se espaço nas publicações para os anúncios publicitários, fazendo com que o lucro das empresas venha mais pela publicidade do que pelo preço dos volumes. Com a diminuição de preços, cresce também a circulação desses veículos, já que o preço torna-se acessível a um número maior de compradores. A vinculação da imprensa com a publicidade seria uma contradição, para Habermas.

Genro Filho (1987:64-65), no entanto, apresenta a solução para essa relação, defendendo a posição de que a existência do espaço publicitário, em qualquer publicação, não necessariamente diminui o valor da notícia, ou seja, seu conteúdo e sua relevância social. A persistência do valor da notícia estaria diretamente relacionada a uma espécie de regulação do mercado, na qual o leitor é peça-chave.

“A mercadoria-notícia, ou seja, a informação jornalística comercializada, continua tendo um valor de uso cujo conteúdo, por definição, jamais pode ser dissolvido ou abolido, pois ele é condição para a realização do produto como valor de troca. Mais concretamente, essa persistência do valor de uso da notícia se manifesta do seguinte modo: o espaço ocupado pelas notícias e reportagens, mesmo que secundários conforme a ótica puramente econômica, deve corresponder a uma necessidade do público consumidor para que o espaço publicitário seja valorizado”. (Genro Filho, 1987: 64-65)

O excerto acima reafirma a importância da notícia dentro dos veículos de informação, tratando da questão mercadológica e comercial dos veículos de comunicação atuais.

Ao mesmo tempo em que admite a relação ambígua entre publicidade, empresa e notícia, demonstra que existe uma espécie de controle de qualidade por parte dos consumidores de notícias. Ou seja, só há publicidade porque o jornal vende; o jornal vende porque as notícias são relevantes. Dessa forma, qualquer previsão apocalíptica de que o jornal, revista ou programa seria controlado única e exclusivamente por interesses pessoais do empresariado é limitada, excluindo a participação do leitor no processo de comunicação e a importância de critérios jornalísticos para a apreensão, seleção e redação das notícias. (Genro Filho, 1987: 64-65)

O desenvolvimento do capitalismo, a globalização e os avanços tecnológicos tornaram a atividade jornalística cada vez mais abrangente. A interdependência econômica e política entre os diferentes países trouxeram a necessidade de fornecer informações consideradas relevantes no âmbito global, para os leitores dos diferentes veículos de comunicação. Com a aceleração do cotidiano, as informações precisam ser transmitidas de forma rápida e eficaz. A criação da internet, a rede de computadores mundial (world wide web) permite que as pessoas acessem o noticiário nacional e publicações internacionais facilmente (Dines, 2009: 97-106).

Alberto Dines (2009) argumenta que o advento da televisão, e posteriormente da internet, fez com que jornais e revistas buscassem formas de selecionar seu conteúdo e organizá-lo de maneira mais eficaz. Com uma maior disponibilidade de informações, uma das dificuldades enfrentadas pelos jornalistas é selecionar o que é de interesse público e deve ser publicado ou transmitido, e o que deve ser deixado de fora.

“Em um jornal seletivo, voltaremos à discussão do que é mais importante. [O desenvolvimento da internet reforçou a necessidade de os jornais buscarem a seletividade.] E o que é importante? Em primeiro lugar, teremos de verificar a quem se destina o jornal. O grau de importância de um assunto é primariamente fornecido pelas características do leitor que compõe o perfil de audiência do veículo”. (Dines, 2009:113)

A seletividade seria apenas parte do processo de transformação dos veículos de comunicação, cada um buscando atender às necessidades dos seus leitores. A tendência é que cada veículo explore suas características físicas e a sua periodicidade:

a internet, com a rapidez e o espaço ilimitado, apresenta-se como um espaço de notícias instantâneas, pouco selecionadas e sem grande contextualização ou interpretação; o jornal seria um veículo mais denso e interpretativo de publicação diária, buscando uma contextualização dos fatos; a revista teria ainda mais espaço para a interpretação e contextualização, apresentando textos mais trabalhados; a TV traz a imagem e o movimento para as notícias, podendo apresentar diferentes programas jornalísticos. (Dines, 2009: 107-116)

Os critérios utilizados para seleção de cada notícia a ser veiculada nos meios de comunicação parecem ser arbitrários, porém algumas das questões perpassam esse processo de construção da notícia. A seguir, discuto a natureza da informação e alguns dos critérios utilizados para seleção daquilo que seria considerado de interesse público e, portanto, deveria ser publicado nos meios de comunicação.

1.2.2 A natureza da informação

A informação enquanto matéria passível de tratamento jornalístico tem como princípio o fato jornalístico, ou seja, um acontecimento relevante socialmente ao qual o jornalista tem acesso por meio de sua vivência, relatos de terceiros, documentos e fontes oficiais, oficiosas ou institucionais. Existe certo consenso dentre os jornalistas de que a notícia deve ser dada de forma imparcial e objetiva, com algumas ressalvas:

“Certamente há um ‘grão de verdade’ na idéia de que a notícia não deve emitir juízos de valor explícitos, à medida que isso contraria a natureza da informação jornalística tal como se configurou modernamente. Mas é igualmente pacífico que esse juízo vai inevitavelmente embutido na própria forma de apreensão, hierarquização e seleção dos fatos, bem como na constituição da linguagem (seja ela escrita, oral ou visual) e no relacionamento espacial e temporal dos fenômenos através de sua difusão”. (Genro Filho, 1987: 24)

Além de incluir a apreensão, hierarquização e seleção da notícia a ser divulgada como ações de intervenção humana e profissional na divulgação das informações, Genro Filho (1987) trata também da concepção errônea, apoiada no senso comum, de que todos os fatos jornalísticos seriam, por si mesmos, objetivos. Disso decorreria,

seguindo os pressupostos de relevância da notícia, uma possível objetividade, dependendo da forma como o jornalista se comporta no relato desses fatos. Partindo do pressuposto de que existe um relato neutro, a tarefa do jornalista seria buscar o máximo de objetividade e isenção possíveis. O problema apontado pelo autor é de que, além de uma possível interferência psicológica ou emocional do jornalista, existe também uma dimensão ontológica dos fatos sociais antes mesmo de se transformarem em matéria jornalística.

Como veremos no item 1.2.3, o jornalismo literário questiona a necessidade de manter uma linguagem aparentemente isenta de juízos de valor, imparcial e objetiva nas notícias. A subjetividade do jornalista é reconhecida como uma das principais características na redação e apuração da notícia, permitindo que sejam inseridos, por exemplo, relatos de gestos do entrevistado, descrições do ambiente da entrevista e de situações vivenciadas pelo jornalista com o entrevistado ou personagem da notícia. (Tom Wolfe, 2005: 28)

Em relação a subjetividade inerente em qualquer texto jornalístico, não somente nos de jornalismo literário, Genro Filho (1987) sintetiza os principais elementos que fazem parte do contexto jornalístico, de seleção, apuração e redação da notícia, também inerentes ao acontecimento de qualquer fato social.

“Existe uma abertura de significado na margem de liberdade intrínseca à manifestação de qualquer fenômeno enquanto fato social. Portanto, há um componente subjetivo inevitável na composição mesma do fato, por mais elementar que ele seja. Assim, o julgamento ético, a postura ideológica, a interpretação e opinião não formam um discurso que se agrega aos fenômenos somente depois da percepção, mas são sua pré-condição, o pressuposto mesmo de sua existência como fato social. Não há um fato e várias opiniões e julgamentos, mas um mesmo fenômeno (manifestação indeterminada quanto ao seu significado) e uma pluralidade de fatos, conforme a opinião e o julgamento. Isso quer dizer que os fenômenos são objetivos, mas a essência só pode ser apreendida no relacionamento com a totalidade. E como estamos falando de fatos sociais, a totalidade é a história como autoprodução humana, totalidade que se abre em possibilidades cuja concretização depende de sujeitos.” (Genro Filho, 1987: 27)

O que o trecho sugere é que existem diversas formas, igualmente jornalísticas, de tratar diferentes assuntos, na tentativa de mostrar aos leitores a relação entre a essência e a totalidade, entre o fenômeno particular e sua relação histórica com outros fenômenos. O significado será dado pela relação estabelecida com o momento histórico, a totalidade do complexo econômico, social e político em que o fato está situado, e a forma como foi feita a coleta de dados, o enfoque escolhido pelo jornalista, a linguagem utilizada e a edição sofrida pelo texto, sendo que em todas essas etapas as formas elegidas estão intrinsecamente relacionadas ao posicionamento político-ideológico do sujeito.

A forma como os leitores apreendem essas notícias seria uma questão pertinente para os estudos de teoria da comunicação, elucidando o papel dos sujeitos, tanto do produtor do texto quanto de seu público.

“(...) no campo da comunicação, o sujeito passou a ser integrado, fundamentalmente, através de dois aportes: os estudos de recepção e a análise do discurso. No que diz respeito à recepção, a psicologia cognitiva norte-americana trazia para a comunicação um arsenal de conceitos (como exposição, dissonância, atenção, percepção, retenção, seletividade) que denunciavam as prerrogativas de negociação de sentido das mensagens veiculadas pelos meios por parte daqueles que eram considerados até então simples esponjas absorventes e absolutamente manipuláveis”. (Barros Filho & Sá Martino, 2003: 40)

Contrariando a visão de que a comunicação se dava entre emissores-dominantes e receptores-dominados, a ciência começou a tratar da forma como os sujeitos entendiam as mensagens e as produziam, do ponto de vista psicológico, investigando a consciência e seus componentes. Mesmo assim, tal abordagem era ainda insuficiente:

“No entanto, essa anterioridade lógica e cronológica da consciência faz esquecer que o que é dito ou feito não é um puro produto da consciência, mas uma permanente solução de compromisso entre o que se quer dizer ou fazer e o que se pode dizer ou fazer. Em função disso, o ponto central da abordagem das questões de linguagem deixa de ser a produção individual que se manifesta nos atos de fala, mas sim o processo de produção do sistema de regras e convenções que preside essa produção

individual, ou seja, a natureza histórico-social desse processo.” (Barros Filho & Sá Martino, 2003: 42)

A importância da contextualização histórico-social da notícia, não somente a análise da linguagem e da percepção individual dos fatos, apresenta-se como uma das motivações para realização deste trabalho, tendo em vista a preocupação da teoria de linguagem escolhida, a Linguística Sistemico-Funcional. Como vimos anteriormente, a comunicação é estabelecida dentro de diferentes contextos sociais, relacionando-se a diferentes contextos de cultura e variando de acordo com o contexto de situação. A comunicação se daria entre um escritor/falante e um leitor/ouvinte, cada indivíduo possuindo determinado conhecimento prévio, cultura e ideologia. A léxico-gramática, a sintaxe, a semântica e o texto representariam as escolhas do falante na produção de sentido, tendo em vista a situação e o ambiente social em que a comunicação está inserida, levando em consideração as três variáveis: o assunto tratado, o público a quem se dirige e o modo de organização da mensagem. É possível que os veículos de comunicação variem a linguagem, as imagens, a seleção de pautas e a informação a ser transmitida de acordo com determinado público leitor, ideologia da revista, orientação editorial e tantas outras variáveis relacionadas ao seu contexto de situação ou produção. Parte-se do pressuposto, assim, que as diferenças contextuais existentes entre o que denomino de jornalismo tradicional e o que representa o jornalismo literário, a seção Esquina, podem ser analisadas e percebidas, também, pelas diferentes características linguísticas e textuais existentes.

Delineei, até aqui, as principais características, discutidas em teorias da comunicação e em escolas de jornalismo, relacionadas ao contexto jornalístico como um todo. Como a intenção deste trabalho é buscar elementos linguísticos que caracterizem os textos de jornalismo literário, a seguir pretendo caracterizar o jornalismo literário, iluminando as suas principais características.

1.2.3 O Jornalismo literário

O jornalismo literário já foi mencionado algumas vezes nesse capítulo, como uma fase do jornalismo (item 1.2.1) ou como uma forma de comunicação dentro de um contexto

social específico (item 1.2.2), mas faltou elaborar quais seriam suas características principais e definir o ponto de vista adotado para a elaboração desta pesquisa. Primeiramente, tratei do jornalismo literário na visão de Habermas (2003:213-216), caracterizando-o como uma fase do desenvolvimento da imprensa diretamente relacionada a imprensa opinativa, na qual os jornais passaram a ser porta-vozes e condutores da opinião pública, nem sempre visando os interesses comerciais da própria publicação. Posteriormente, em 1.2.2, o jornalismo literário foi caracterizado enquanto um contexto de cultura e de situação específico, no qual as diferentes variações em relação a assunto, público e modo de organização da mensagem se configuravam social e linguisticamente de maneiras distintas. Desse ponto de vista, os textos publicados em meios de comunicação de jornalismo literário possuiriam uma linguagem específica, característica do seu contexto de situação, na qual seriam compartilhados diferentes notícias e significados.

Do ponto de vista jornalístico propriamente dito, o jornalismo literário é caracterizado por ser um estilo de escrita fundindo elementos de literatura com jornalismo. Apareceu na década de 1960, nos Estados Unidos, como uma iniciativa de jornalistas que se consideravam escritores frustrados e buscavam uma forma de escrita que melhor traduzisse os fenômenos sociais, as personagens da notícia e os fatos. (Dines, 2009:)

“A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética.” (Wolfe, 2005, p. 22)

“O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor.” (Wolfe, 2005, p. 28)

A dimensão estética das reportagens estaria relacionada a mudanças na linguagem utilizada, levando os jornalistas a se apropriarem de recursos da literatura para buscar

novas formas de se relacionar com os seus leitores por meio dos seus textos. Tom Wolfe (2005) elenca algumas dessas características, sendo elas: a construção cena-a-cena, o ponto de vista de terceira pessoa, registro de gestos, hábitos, maneiras, etc. É importante ressaltar, no entanto, que não pude encontrar referências teóricas que tratassem especificamente dos elementos linguísticos que caracterizaria a linguagem do jornalismo literário.

Como analisa Genro Filho (1987: 125-127), além de buscar uma descrição objetiva, o jornalismo literário pretendiam oferecer uma vivência subjetiva e emocional junto aos personagens. Seria um reforço à reportagem, para trazer aos leitores coisas novas, que não estavam sendo ditas no jornalismo tradicional e que seria impossível serem ditas de outra forma.

“O particular estético – ou o típico – permitia, então, a percepção de certos aspectos que o simples relato jornalístico cristalizado na singularidade não comportava. Porém, mesmo nesse gênero de reportagem que deliberadamente se socorreu da literatura, o típico não funciona como categoria preponderante, embora ele seja alcançado nos melhores casos. O recurso literário, aqui, é um instrumento para a dramatização do acontecimento e a revelação mais explícita – e não apenas insinuada ou pressuposta – do conteúdo universal do fenômeno produzido. Se a preponderância do singular, no jornalismo, permite ao redator da notícia diluir-se no público, dissimular-se entre os espectadores, a conquista do típico pela reportagem literária conduz o espectador a vivenciar os personagens e as situações como se fosse partícipe do acontecimento. Contudo, de maneira ainda mais evidente do que na arte, ele não deixa de ser um espectador, pois sabe que os fatos são reais e que ele não os viveu, embora pudesse tê-los vivido.” (Genro Filho, 1987: 127)

Há, assim, um espaço maior para as observações diretas dos jornalistas e o leitor conhece os fatos narrados por meio desse olhar subjetivo e particular, embora haja sempre uma enunciação mais explícita das características universais intrínsecas ao fato. A participação do jornalista, como discute Moreira Salles (2006), na apuração e na escrita dos textos não deve, entretanto, perder seu foco principal: o relato de um

fato. O perigo da proximidade com a escrita literária é exatamente o de desviar atenção dos leitores para elementos desnecessários para apreensão e interpretação do fato.

“É um pecado que transforma toda observação factual numa lição exemplar. Tudo significa, como se a superfície dos fatos não bastasse. (...) Quando a coisa é mais do que a coisa, o repórter se põe no lugar do moralista, do filósofo, do sábio. É um mau lugar. Não tanto porque revela pretensão, o que seria apenas ridículo, mas por desviar a atenção do fato, o que resulta em jornalismo ruim (na melhor das hipóteses) ou em escrita cafona (na pior delas), quando não em ambos. Sobriedade é tudo.” (Moreira Salles, João. 2006: 567-575)

Segundo Moreira Salles (2006), a posição assumida pelo jornalista, por meio das escolhas lexicais e da utilização de recursos literários, deve ser honesta e humilde, evitando o tom pretensioso que a elaboração de linguagem pode trazer. Dessa forma, estaria mantido o enfoque principal de qualquer texto jornalístico, a informação dos leitores de fatos sociais considerados relevantes, independente dos recursos lingüísticos utilizados.

Além de características da linguagem literária, o jornalismo literário estaria relacionado a uma metodologia de trabalho própria. Uma característica diferenciada no jornalismo literário é o tempo de apuração e produção dos textos. Como relata Tom Wolfe (2005), os jornalistas passavam dias inteiros, semanas, com as pessoas sobre as quais estavam escrevendo. A necessidade de repetidos encontros com os entrevistados torna o processo mais demorado, sendo prioritária a qualidade do texto e não seu apelo temporal, ou seja, sua necessidade de ser um acontecimento recente ou ter como característica central a informação instantaneamente produzida e reportada. Outro fator que pode ser responsável pela extensão do tempo de apuração dos textos é a possibilidade de incluir outras fontes, como documentos, entrevistas com pessoas próximas ao perfilado, textos bibliográficos, análises das obras por eles produzidas. O enfoque principal está na apropriação, pelo jornalista, de elementos os mais variados que possam indicar um ângulo para produção do texto ou características relevantes para determinado texto.

Tanto Genro Filho (1987) como Dines (2009) apresentam algumas ressalvas quanto ao novo jornalismo. O primeiro aponta que o jornalismo literário não tem como substituir o jornalismo tradicional ou a arte, constituindo uma difícil confluência de dois gêneros relativamente autônomos. Dines (2009) argumenta que o novo jornalismo não pode ser visto como uma nova forma de se praticar o jornalismo, e sim como a produção de um gênero textual diferenciado, aceito pela sociedade e pela comunidade jornalística de acordo com o autor que o produz:

“O novo jornalismo preconizado é um velho estilo de escrever, adaptado ao que produzem aqueles intelectuais e seus companheiros, transitando entre a crônica, a reportagem e o depoimento. Não é uma nova concepção para o jornal, nem nova linha de trabalho ou atitude profissional. É um gênero renovado ao qual podem aderir alguns grandes nomes, cujo peso da assinatura faz que qualquer jornal ou revista dispute seus trabalhos, seja qual for o estilo que escrevam.” (Dines, 2009: 107)

Levando em consideração tais ressalvas, trataremos do novo jornalismo como uma manifestação textual característica de contextos sociais particulares. Ou seja, como um conjunto de gêneros textuais compostos por elementos jornalísticos e literários, feito por escritores/jornalistas específicos e voltados para um público leitor com necessidades pontuais. Não se apresenta como uma saída estilística mais completa ou melhor em relação ao jornalismo tradicional, apenas como outra forma de se transmitir informações.

Mencionei anteriormente que, embora as teorias de jornalismo enfoquem uma descrição mais abrangente da linguagem e da metodologia de trabalho utilizada no jornalismo literário, não pude encontrar textos teóricos nos quais as características linguísticas sejam claramente definidas. Encontrei, no entanto, referências explícitas aos tipos de texto produzidos em jornalismo literário. Silva (2010: 27) apresenta os seguintes gêneros³: reportagem, perfil, narrativa de viagem e autobiografia. As reportagens seriam retratos de acontecimentos que repercutiram na sociedade, apresentando as alterações sociais percebidas pelo veículo de informação. São textos

³ A caracterização dos gêneros de jornalismo literário pode ser vista, também, no site da Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). (<http://www.abjl.org.br/index.php?lang=>)

aprofundados em uma temática, normalmente incluindo uma pesquisa e entrevistas realizadas pelos jornalistas. O perfil tem como enfoque a pessoa, caracterizando textos autorais, narrativas curtas, que descrevam um momento na vida do personagem da notícia. A narrativa de viagem, como o próprio nome indica, retrata as experiências do jornalista em uma viagem, suas sensações e estranhamentos. A autobiografia tem como mote narrar a história da vida do jornalista, a partir de uma experiência. Além desses tipos de texto, outro gênero jornalístico que se aproxima da literatura é a crônica, exigindo a incorporação da vida mundana e do cotidiano (Silva, 2010: 28 - 29). A sua diferença, em relação aos textos de jornalismo literário, é a incorporação de elementos ficcionais. A ficção não aparece em textos de jornalismo literário porque é necessário haver a realidade como mote, o retrato de situações reais e vivenciadas pelo jornalista.

A caracterização da revista Piauí como sendo uma publicação de jornalismo literário também foi utilizada por Santos (2010), uma dissertação desenvolvida em torno das representações de pessoas comuns ou protagonistas do cotidiano nos textos da revista e, mais especificamente, na seção Esquina. Essa definição, no entanto, é discutida por João Moreira Salles, fundador da Piauí:

“Existe bom jornalismo e mau jornalismo. Só. Jornalismo literário é um nome pomposo, que quer se aproximar da eternidade da literatura. Tem a pretensão de ser algo maior que eu não acho maior. O que a piauí faz é contar bem uma história.” (Tavela, 2007: 1)

Como é possível perceber pelo excerto acima, o que está em discussão é a necessidade de caracterizar a revista como jornalismo literário, implicando na visão de que a notícia tem a pretensão, inerente à literatura, de ser universal e eterna. Moreira Salles defende a existência de um bom jornalismo, associando-o a Piauí e a sua capacidade de contar bem histórias. Está reforçado, assim, o caráter jornalístico da revista, o seu compromisso com a realidade e não com a ficção, embora exista a preocupação com a linguagem e com a forma como são contadas as notícias ou histórias.

Por outro lado, a caracterização da revista como de jornalismo literário pode ser defendida pelo fato de serem publicados de textos de gêneros textuais considerados, no contexto jornalístico, como de jornalismo literário. Dentre esses gêneros, destaca-se principalmente o perfil e as grandes reportagens, descritos anteriormente. A proximidade com a linguagem literária pode ser percebida também pela publicação de trechos de romances, crônicas e poemas, algo recorrente nas edições da revista. O viés cultural e artístico da revista Piauí pode ser explicado pela presença de ensaios fotográficos, charges, ilustrações e histórias em quadrinhos.

Além disso, o próprio João Moreira Salles reconhece que a Piauí compartilha outros aspectos de jornalismo literário, como a valorização do tempo de apuração da notícia e da escrita do texto, partindo do pressuposto de que o importante é apresentar um bom resultado.

“Se você pegar o Joseph Mitchell, a Lilian Ross e o próprio Truman Capote, todos levaram um longo tempo, anos, para escrever seus livros. Nós temos o direito de chegar depois. Podemos fazer um perfil do ministro da Saúde cinco meses após a discussão sobre aborto ter arrefecido.” (Tavela, 2007:1)

É interessante notar que Moreira Salles utiliza como referência os jornalistas Joseph Mitchell, Lilian Ross e Truman Capote, considerados expoentes do jornalismo literário norte-americano. A política editorial da revista não está preocupada, assim, em ser o primeiro veículo de comunicação a informar o leitor sobre determinado fato, mas sim buscar um ângulo ou enfoque diferenciado, como por exemplo, fazer o perfil do ministro da Saúde após a discussão sobre o aborto ter saído da agenda dos outros veículos.

Considerando os diferentes gêneros jornalísticos publicados na revista e a sua aproximação a autores de jornalismo literário, a revista Piauí foi considerada uma publicação de jornalismo literário para o desenvolvimento desta dissertação. Como vimos anteriormente, a caracterização da revista como sendo de jornalismo literário não exclui a existência de procedimentos jornalísticos (como a apuração, o estudo, a pesquisa ou a entrevista) nem a representação de fatos, acontecimentos e relatos

reais. Seus textos foram considerados exemplares de gêneros de jornalismo literário distintos, representando diferentes aspectos linguísticos-discursivos do contexto de jornalismo literário. No próximo capítulo, exponho os procedimentos de coleta do corpus, o tratamento de dados e a metodologia de trabalho utilizada na análise linguística.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

No primeiro capítulo, apresentei a visão teórica que pautou a análise dos textos e o desenvolvimento do trabalho. Esta pesquisa partiu da visão de linguagem da Linguística Sistemico Funcional e da caracterização do jornalismo literário e seu contexto, buscando analisar características da linguagem utilizada em um corpus formado por textos considerados de jornalismo literário, nesse caso, textos publicados na Seção Esquina da revista Piauí. Como recorte de análise, selecionei os processos verbais, por serem considerados importantes no jornalismo, permitindo a referência a fala de entrevistados e fontes de informação utilizados pelos jornalistas para construção do texto. Além disso, os processos verbais encontrados nos textos da Esquina são diferentes daqueles encontrados nos textos jornalísticos presentes no Banco de Português (DIRECT/LAEL), apontando escolhas lexicais características de textos de jornalismo literário. As perguntas de pesquisa que nortearam o trabalho são:

1. Como funcionam os processos verbais nos textos da Esquina?
 - a. De que forma são realizados os seus diferentes participantes?
 - i. Como são nomeados os falantes, receptores e alvos? Como são realizados os receptores e alvos?
 - ii. Como estão organizadas as mensagens? Quais tipos (verbiagens ou projeções) são mais frequentes?
2. Quais aspectos caracterizam a linguagem utilizada nos textos da Esquina, considerados de jornalismo literário?

Essas perguntas visam atender o objetivo desse trabalho, que é contribuir para a descrição de aspectos linguísticos característicos de textos produzidos em português, no contexto do jornalismo literário, concentrando-se especificamente, na análise da

forma como as diferentes fontes de informação são referidas e suas falas são introduzidas em textos de jornalismo literário.

Esse capítulo está organizado da seguinte forma: o primeiro item caracteriza a revista Piauí e a seção Esquina; o segundo, descreve a coleta e organização dos textos que compõe o Corpus de Pesquisa; o terceiro, apresenta os procedimentos de análise.

2.1 A revista Piauí

A Piauí é uma publicação mensal existente desde outubro de 2006. Conforme vimos ao estudar as características de jornalismo literário descritas no item 1.2.3 do capítulo 1, ela é um exemplar de jornalismo literário. Foi idealizada pelo cineasta e documentarista João Moreira Salles. Inicialmente, a revista pertencia a empresa Videofilmes, de Walter e João Moreira Salles, em associação com a editora Abril, responsável pela distribuição das revistas e pela hospedagem do site. Atualmente, o site está hospedado no grupo Estado, responsável pela publicação do Estado de São Paulo e Jornal da Tarde, entre outros.

A revista possui poucas seções fixas: Chegada, Despedida, Horóscopo e Esquina. A Chegada introduz ao leitor alguma novidade, pessoa ou coisa e a Despedida é voltada para assuntos relacionados ao término, como por exemplo, uma aposentadoria ou, em alguns casos, a morte de alguém. O Horóscopo é normalmente escrito por pessoas que não acreditam no horoscópo ou no zodíaco, como uma condição estabelecida pelos editores da revista. Por fim, a Esquina é considerada uma seção de pequenas histórias. A caracterização mais detalhada da Esquina será feita separadamente, no item 2.1.1, tendo em vista que foi a seção escolhida para a formação do corpus de estudo e o desenvolvimento da pesquisa.

Alguns aspectos da revista são diferentes de outras revistas e jornais. A revista não possui e não segue nenhum manual de redação, além de não ter editorias e colunistas. Seguindo preceitos de jornalismo literário, como mostrei no item 1.2.3, o processo de apuração das notícias e de escrita dos textos é diferente daquele existente em outros veículos de comunicação porque não há a preocupação com a imediaticidade na

publicação de determinado texto, havendo a possibilidade do jornalista realizar mais de uma entrevista, em diferentes momentos, com o mesmo entrevistado até conseguir os elementos necessários para a escrita do texto. De acordo com Moreira Salles, o jornalista é responsável pela escolha das pautas e pelo seu desenvolvimento, não havendo uma delimitação temporal. (Tavela, 2007:1).

De acordo com as informações disponibilizadas aos anunciantes, o midiakit (<http://revistapiaui.estadao.com.br/anuncie>), a Piauí possui 77.000 leitores por mês. No ranking das revistas mais lidas, ela está no 13o. A tiragem da revista é de 54.000 exemplares, dos quais cerca de 35.000 entram em circulação no mercado. A tiragem de anunciantes soma 18.700 exemplares. Tais números a caracterizam por ser, dentro do segmento de cultura, a segunda revista com maior tiragem, atrás apenas da Rolling Stone, e maior número de assinantes, atrás somente da Bravo.

O público de leitores é caracterizado pelo midiakit (<http://revistapiaui.estadao.com.br/anuncie/quem-le>) como sendo de jovens universitários de grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Campinas e Recife. Conforme os dados fornecidos pelo site da revista, a maioria dos leitores é do sexo masculino (52%), de classe B (50%). Com relação a escolaridade, a grande maioria (63%) tem o ensino superior completo, enquanto 22% tem superior incompleto e 23% tem diploma de pós-graduação. O público de leitores da revista pode ser caracterizado, assim, pelo seu alto nível de escolaridade.

Até agora, procurei delinear as principais características da revista Piauí, com relação aos textos publicados, a seleção das pautas, o processo de apuração e escrita e o seu público de leitores. O próximo item trata mais especificamente de características percebidas na seção Esquina, escolhida para formação do corpus de estudo.

2.2 A Seção Esquina

A seção Esquina, como já disse anteriormente, é uma das poucas seções fixas da revista Piauí, uma das razões para que ela fosse escolhida para formação do corpus de estudo. Nessa seção são publicados, normalmente, de 08 a 10 textos em cada edição,

todos eles histórias curtas. Nenhum dos textos é assinado e são todos acompanhados por ilustrações. O tamanho dos textos varia, não havendo um padrão.

Essas histórias curtas podem relatar eventos, como por exemplo o lançamento do Iphone ou de um carro anfíbio (vide anexo 01 e 02), ou acontecimentos, como o roubo de um dos animais empalhados do acervo do Museu de Itatiaia (vide anexo 03). Em alguns casos, podem focar a personalidade ou a vida de pessoas conhecidas, como o político Roberto Jefferson (vide anexo 4), ou pessoas comuns, como o de Diduzinho Souza Campos, funcionário do Banco do Brasil e ex-playboy (vide anexo 5).

Em entrevistas, João Moreira Salles afirmou que a proposta da Seção Esquina era publicar textos de jornalistas novos ou recém-formados, com menos de 30 anos (Tavela, 2007:1; Comunique-se, 2006:1; Colombo,2006:1)

2.3 Descrição do Corpus de Estudo

A Linguística Sistêmico Funcional, teoria de linguagem utilizada na pesquisa, tem como fundamento a necessidade de investigar os usos da língua em determinado contexto, partindo de textos efetivamente produzidos em contexto, que podem ser organizados em um corpus. Há o reconhecimento de que, quanto maior o número de textos estudados, melhor será a descrição do sistema linguístico de determinada língua.

“...the corpus makes it possible to study grammar in quantitative terms. It is clear by this time that grammatical systems are probabilistic in nature: that, for instance, the system of Polarity in English has to be modelled not simply as ‘positive negative’ but as ‘positive negative with a certain probability attached’ (...).” (Halliday & Mathiessen, 2004: 35)

Esta dissertação parte, portanto, do pressuposto que o estudo da linguagem deve partir de um corpus, um conjunto de textos que seja representativo do contexto de jornalismo literário. Assim, o corpus desta pesquisa consiste de 100 textos publicados na sessão Esquina da revista Piauí, coletados diretamente do site da revista, de acesso público, de um link destinado às edições anteriores. Conforme explicado no item 2.1, a sessão Esquina existe desde o primeiro número da revista, sendo uma das poucas seções

fixas, contando com a participação de diferentes jornalistas e colaboradores na elaboração dos textos que não são assinados, embora haja referência ao autor de cada um deles na versão online.

Foram selecionados todos os textos publicados no 1º ano da revista, sem observação das características genéricas dos textos, quer em termos de assunto ou formatação, o que está fora dos propósitos deste trabalho.

Revista	Piauí
Seção	Seção Esquina
Período de publicação	2006 - 2007
Quantidade de Textos	100
Gêneros textuais	Variados (perfis, notícias, histórias, etc.)
Assuntos abordados	Variados (política, esportes, cultura, cotidiano, pessoas, etc.)
Número de Palavras	103.382
Número de Palavras Diferentes	16.915

Quadro 1. Características básicas do corpus de estudo

O quadro 1 resume as principais características do corpus formado por 100 textos da Seção Esquina, da revista Piauí, com relação a período, quantidade de textos, gêneros textuais encontrados e assuntos abordados. As duas últimas linhas apresentam o tamanho do corpus em termos do número de palavras no conjunto dos textos, 103.382, e o de palavras diferentes, 16.915; esses números foram retirados da ferramenta Wordlist do programa WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007).

No site da revista os textos são acompanhados por imagens, na maioria ilustrações coloridas relacionadas ao conteúdo dos textos; apesar de não terem sido analisadas neste trabalho, foram também arquivadas mas em diferentes arquivos (.jpg). e numeradas , seguindo a ordem cronológica de publicação e o sistema utilizado para os textos, para possível aproveitamento futuro quer desta autora, quer de outro pesquisador, dos projetos onde este trabalho está inserido.

Os textos foram arquivados em 2 conjuntos de arquivos, um em Word e o utilizado no trabalho, em formato de texto (.txt). Por não interessar à análise não se observou se os textos no site são rigorosamente iguais aos impressos, por isso explicitamos que o material de análise é retirado do site.

Foi elaborada uma lista com todos os números de arquivos, associados às seguintes informações: título do texto, jornalista/colaborador, edição e data de publicação (anexo 6). Os arquivos em txt serão utilizados para análise de elementos léxico-gramaticais, com o auxílio da ferramenta computacional WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007)

Alem do Corpus de Estudo, foi utilizada uma lista de palavras do Corpus de textos jornalísticos do Corpus de Português (DIRECT/LAEL), como corpus de referencia, para comparar com o corpus de estudo, descritos no quadro x, portanto pode ser considerado que estão representados todos os gêneros jornalísticos e suas principais características semânticas e léxico-gramaticais. A tabela z mostra as principais diferenças numéricas entre os Corpora.

	Corpus de Estudo	Corpus de Referência	
Fonte	Seção Esquina - revista Piauí	Revista Veja	Jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo
Período de Publicação	2006-2007 (1º ano de publicação da revista)	1997	1993-1994
Assuntos	Brasil, Política, Personagens, Práticas Sociais, Cultura, Cotidiano/Cidade	Brasil, Internacional, Política, Economia, Cotidiano/Cidade, Ciência, Educação, Saúde	
Orientação	Jornalismo Literário	Jornalismo Tradicional, Hard News	
Total de Palavras (tokens)	103.382	3.450.793	
Palavras Diferentes (types)	16.915	69.217	

Quadro 2. Comparação entre o corpus de estudo e o corpus de referência

Como mostra o quadro 2, o corpus de estudo é menor do que o corpus de referência, possuindo apenas 103.382 palavras, em oposição as 3.450.753 existentes no de referência. Em termos de palavras diferentes, o corpus de referência é maior, também,

possuindo 69.217, enquanto o de estudo possui 16.915. A diferença no tamanho dos corpora é um dado importante para realização de Keywords, tendo em vista que o objetivo da ferramenta é mostrar as diferentes escolhas lexicais de um contexto específico, em contraste com um conjunto de textos representativo da linguagem e da língua em contextos mais amplos. No caso desta pesquisa, considere o corpus de textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL) como a representação do discurso jornalístico, buscando reconhecer as peculiaridades léxico-gramaticais da seção Esquina.

As principais características do corpus de estudo e de referência e do processo de coleta de dados foram descritas até o presente momento, buscando mostrar o recorte utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. No próximo item, veremos a forma como o programa WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007) é utilizado na análise de dados, mostrando as ferramentas disponíveis e os procedimentos de análise utilizados na pesquisa.

2.4 O programa Word Smith Tools e sua aplicação na análise linguística

Na fundamentação teórica, mencionei a relação existente entre a Linguística Sistêmico Funcional e a Linguística de Corpus, utilizada em alguns casos como metodologia de pesquisa. Essa pesquisa segue essa linha, contando com o auxílio de ferramentas computacionais de Linguística de Corpus para análise dos dados, no caso o programa WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007). De acordo com Halliday & Mathiessen (2004: 35), o uso da tecnologia permite que uma maior quantidade de dados seja analisada, mostrando diferentes facetas da língua e seus usos em diferentes registros.

“Computerized parsing and pattern-matching is now reaching the point where quantitative studies can be undertaken of a number of primary systems in the grammar, using samples large enough to permit comparison among different registers (where it seems likely that probabilities may be systematically reset). Not enough work has yet been undertaken along these lines for us to built in to the total picture; but it is a high priority field for future research.” (Halliday & Mathiessen, 2004: 35)

Baseada na contribuição que a tecnologia pode trazer na análise dos dados, utilizei o programa Word Smith Tools 4.0 (Scott, 2007). Berber Sardinha (2010: 6), define o Word Smith Tools como “*um conjunto de programas integrados (‘suíte’) destinado a análise linguística. Mais especificamente, esse software permite fazer análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em corpora*”. Ele possui três ferramentas principais: WordList, Concordance e KeyWords.

A Wordlist é responsável pela realização de listas com todas as palavras utilizadas nos textos selecionados, organizando-os por ordem alfabética e também por frequência. Ao mesmo tempo, o programa oferece um quadro geral do corpus, dando o total de palavras, total de palavras diferentes, total de orações em cada arquivo e em todos os textos selecionados. Outra possibilidade de aplicação é a comparação de uma ou mais listas, gerando listas de consistência. (Berber Sardinha, 2010: 8)

A ferramenta Concord oferece concordâncias, ou seja, trechos dos textos selecionados em que ocorre uma determinada palavra, denominada nóculo (*node word* ou *search word*). Além disso, é possível ver os colocados, aquelas palavras que frequentemente ocorrem com o nóculo. (Berber Sardinha, 2010: 8)

Keywords seleciona palavras mais e menos frequentes em uma lista de palavras de um determinado corpus, em relação a um corpus de referência. Calcula também a palavras chave-chave. (Berber Sardinha, 2010: 8)

Todas essas ferramentas foram utilizadas para realização deste trabalho. O primeiro procedimento utilizado para separação dos elementos a serem estudados foi a KeyWords, cuja utilização e contribuição para a pesquisa veremos no item 2.2.1. Após, veremos a contribuição da Wordlist (2.2.2) e do Concord (2.2.3)

2.4.1 Os resultados preliminares apontados pela Keywords

O programa Keywords do Word SmithTools, como discutido anteriormente, permite comparar duas listas de palavras de dois Corpus diferentes, sendo um maior que o outro. O Corpus maior é tido como Corpus de referência, ou seja, aquele que é mais representativo em termos de uso da língua, em relação ao Corpus de Estudo. Partindo

desse pressuposto, a lista de Keywords produzida à partir da comparação dos dois Corpora mostra as discrepâncias entre os dois, partindo das freqüências de cada um dos itens lexicais e mostrando apenas aquelas ocorrências que são proporcionalmente maiores ou menores no Corpus de Estudo do que no de Referência.

Após fazer uma lista de palavras do Corpus de Estudo, com os 100 textos publicados na seção Esquina da revista Piauí, utilizei a lista de palavras do Corpora de textos jornalísticos presentes no Corpus de Português para compará-las usando o Keywords. O Corpus jornalístico possui textos publicados em 1997 na revista Veja, e entre 1993 e 1994, nos jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo e contém textos de todos os tipos (artigos de opinião, notícias, notas) de todas as seções e assuntos (Brasil, Internacional, Política, Economia, Cotidiano/Cidade, Ciência, Educação, Saúde), sendo possível considerar que estão representados todos os gêneros jornalísticos e suas principais características semânticas e léxico-gramaticais.

A minha intenção, com o uso da ferramenta Keywords, era estabelecer quais itens lexicais apareciam com uso diferenciado nos corpora, buscando entender o que caracterizaria a linguagem utilizada na seção Esquina da revista Piauí, considerada de jornalismo literário, em contraste com a linguagem jornalística tradicional, representada pelo Corpus de Referência.

No total, a lista de palavras-chave mostrou 323 palavras-chave, das quais 270 são mais estatisticamente recorrentes no corpus de estudo do que no de referência e, portanto, apenas as 53 restantes seriam mais recorrentes no discurso jornalístico do que nos textos da Piauí.

De todas as ocorrências mostradas na keywords, tanto aquelas mais recorrentes no corpus de estudo quanto as mais recorrentes no corpus de referência, foram selecionados os verbos de significado prototipicamente verbal, por serem, dentre os tipos de processo, aqueles que apresentaram mais variação no corpus de estudo. Ou seja, os processos verbais, em comparação com os outros tipos de processo, apareceram em maior quantidade na lista de palavras-chave. A tabela abaixo sintetiza as diferenças encontradas nos usos de verbos prototipicamente verbais, mostrando a

porcentagem de ocorrência no corpus de estudo e no de referência, além do índice de chavicidade (keyness), ou seja, o significado relativo da diferença entre essas duas porcentagens. Os valores de chavicidade negativos mostram que o item lexical aconteceu com mais frequência no corpus de referência do que no de estudo. Os positivos, indicam aqueles que são mais frequentes no corpus de estudo.

Processos Verbais	Seção Esquina - (%)	Corpus de Referência - (%)	Chavicidade (keyness) - (%)
Exclama			43,03
Conta	0,08	0,04	41,30
Explica	0,03		39,65
Conversa	0,02		36,42
Anuncia	0,02		28,53
Disse	0,04	0,10	-49,88

Tabela 01: Processos prototipicamente verbais encontrados na Keywords

Como é possível observar, apenas o verbo “disse” é mais recorrente no jornalismo tradicional, enquanto as formas “exclama”, “conta”, “explica”, “conversa” e “anuncia” são mais frequentes na Seção Esquina. A diferença percentual no uso desses verbos fez com que eu procurasse na lista de frequência os processos verbais mais frequentes no corpus de estudo, buscando entender quais seriam as principais características da linguagem do jornalismo literário, no que tange o uso de processos verbais. O próximo item descreve os resultados encontrados na Wordlist da seção Esquina, elencando as formas mais recorrentes e o recorte utilizado para seleção dos verbos a serem analisados.

2.4.2 A WordList e a seleção dos processos verbais

A seleção dos verbos a serem analisados nesta pesquisa está fundamentada na importância dos processos verbais para o discurso jornalístico, por serem aqueles que permitem a projeção de idéias e atribuição de relatos. Além disso, como indicaram os resultados encontrados na Keywords, o uso de diferentes processos verbais

caracteriza as escolhas lexicais em textos da Seção Esquina, em relação aos textos de jornalismo tradicional.

Os verbos a serem analisados foram selecionados a partir da lista de frequência do WordList, tendo como referência aqueles de maior frequência no corpus de estudo. A análise dos verbos de maior frequência dá uma visão mais abrangente de como funcionam os verbos na seção Esquina, mostrando aqueles que são percentualmente mais significativos. A lista com todos os verbos de significado prototipicamente verbal utilizados na Esquina, selecionados pela frequência, encontra-se em anexo (07). A partir das ocorrências dos verbos, foram feitas concordâncias e selecionadas aquelas ocorrências em que eles se comportavam como processos verbais, buscando analisar a forma como são referidas as falas dos entrevistados (verbiagens, projeções ou circunstâncias de ângulo e assunto).

Como a intenção da pesquisa é investigar algumas das características linguísticas que informam o contexto do jornalismo literário, resolvi estabelecer um paralelo entre os resultados encontrados no corpus de estudo e no Banco de Português - Jornalístico. O BP funcionou como corpus de controle, visando estabelecer as peculiaridades das escolhas lexicais da seção Esquina. Para estabelecer algumas semelhanças e diferenças no uso dos processos verbais, foram analisadas também algumas concordâncias do processo “disse”, no BP-J. Foram escolhidas 535 linhas, de forma aleatória, as quais foram categorizadas da mesma maneira que as ocorrências de processos verbais na Seção Esquina. O capítulo a seguir apresenta os resultados encontrados na análise dos processos verbais dos corpora, buscando estabelecer algumas diferenças e semelhanças encontradas e, com isso, identificar características da linguagem do jornalismo literário.

O próximo passo de análise, após a seleção dos processos a serem analisados, foi buscar as concordâncias de cada um deles e dos seus contextos de uso. As concordâncias fizeram com que eu procurasse analisar, além dos processos verbais, as circunstâncias de ângulo e de assunto. Esses procedimentos serão descritos no próximo item.

2.4.3 As concordâncias e a inclusão das circunstâncias de ângulo e assunto como itens lexicais a serem analisados

A análise das concordâncias de cada um dos itens lexicais selecionados como processos verbais, tanto na Keywords quanto na Wordlist, permitiu que eu selecionasse apenas as ocorrências cujo verbo exercia a função de processo verbal. Como disse anteriormente, alguns dos itens lexicais escolhidos não funcionaram como processos verbais, realizando outras funções (nomes, outros tipos de processo, metáforas, etc.). De um total de 695 ocorrências, 561 (80,7%) foram caracterizados como processos verbais e 134 (19,3%) como realizando outras funções (vide anexo 8). As ocorrências em que os itens lexicais não foram categorizados como processos verbais foram, em sua maioria, excluídas da discussão dos dados. O resultados apresentados no capítulo 3 levam em consideração, principalmente, o uso de processos verbais, embora o uso de metáforas ideacionais também seja discutido como característica da linguagem do jornalismo literário.

Alguns dos processos verbais encontrados estavam dentro de circunstâncias de ângulo, como, por exemplo:

4. Como diria Nelson Rodrigues: podemos apalpá-lo, farejá-lo, tomar-lhe dinheiro emprestado. (Esquina 05)

Por causa de casos similares, incluí a análise das circunstâncias de ângulo e assunto, tendo em vista que seriam os tipos de circunstâncias que ocorreriam em contextos verbais. Os itens lexicais a serem analisados foram escolhidos aleatoriamente e estão distribuídos no corpus da Esquina da seguinte forma:

Item Lexical	Número de Ocorrências	Porcentagem (%)
Segundo	76	0,07
Acordo	9	
Como	430	0,42
Conforme	7	
Sobre	110	0,11

Tabela 02. Distribuição, na Esquina, de itens lexicais funcionando como circunstâncias de ângulo e de assunto

A partir dos itens lexicais selecionados, separei aquelas ocorrências que ocorrem em contextos verbais das que possuem outras funções nas orações, usando o concordanciador. Foram utilizadas para análise de desenvolvimento da pesquisa apenas aquelas em contextos verbais, dado o escopo da dissertação.

Este capítulo contém, como pudemos ver, a descrição da revista Piauí, da Esquina (o corpus de pesquisa) e dos procedimentos de análise para realização dessa pesquisa. Descrevi, também, de que forma foram utilizadas as ferramentas computacionais do programa WordSmith Tools 4.0 (Scott, 2007) e como cada uma delas, Keywords, Wordlist e Concord contribuíram na análise e categorização dos processos verbais, seus participantes e as circunstâncias de ângulo e assunto encontradas. No próximo capítulo, serão discutidos os resultados encontrados na análise dos exemplos extraídos da seção Esquina, estabelecendo um paralelo com ocorrências dos textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL), na intenção de discutir características da linguagem do jornalismo literário.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise dos processos verbais encontrados na seção Esquina, da revista Piauí, permitiu o reconhecimento de características da linguagem utilizada em textos de novo jornalismo, a serem discutidas nos itens a seguir. Como informei na Metodologia, utilizei para comparar com os textos de Esquina um conjunto de textos (corpus de referência) quando fosse necessário. Esse corpus é composto de textos jornalísticos do Banco de Português (DIRECT/LAEL). A comparação se justifica pelo fato de pressupor, como vamos mostrar evidências, de que o corpus de estudo, de jornalismo literário, é um corpus distinto do jornalismo tradicional que denomino, como propus na revisão da literatura. Isso não significa que procuro mostrar que todas as suas características são diferentes do tradicional, uma vez que ambos são elementos do jornalismo.

Este capítulo está organizado em três tópicos:

- As pessoas do discurso: Dizentes, Receptores e Alvo
- A referências as falas de outros: Verbiagens, Projeções e Circunstâncias
- Características gerais da linguagem da seção Esquina

No item 3.1, discuto como o leitor é informado sobre as pessoas do discurso: dizentes, receptores e alvo. Os dizentes (itens 3.1.1. a 5) são os entrevistados, também denominados fontes de informação, a quem o jornalista recorre para conseguir as informações que concernem o texto a ser escrito. Normalmente, sua apresentação é feita por meio de elaboração por exposição (apostos, na gramática tradicional), complementos paratáticos cuja função é ressaltar a profissão ou nome do entrevistado para os leitores conhecerem características das fontes de informação e, indiretamente, estabelecerem sua credibilidade. Depois da primeira menção, eles podem ser referidos por seu nome próprio ou sobrenome. Evitando a repetição de itens lexicais, também

podem ser realizados por pronome pessoal ou podem ser elididos; nos dois casos o seu significado pode ser retomado pelo contexto. Os receptores (3.1.2) são participantes que representam as pessoas a quem o falante se dirige no discurso, usualmente se referindo a um terceiro que não é o jornalista, embora existam exemplos em que o jornalista é citado. O alvo (3.1.3.) é o participante atingido pela ação verbal, realizados em contextos em que o processo verbal compartilha características de processos materiais. O uso dos dois participantes, receptor e alvo, está vinculados a descrição de situações discursivas, fornecidas pelos entrevistados.

No item 3.2, enfoco o uso de verbiagens, projeções ou circunstâncias de ângulo e assunto como mecanismos linguísticos usados para relatar a fala dos entrevistados. Segundo o Manual de Redação da FSP (2010: 39-40), o leitor forma sua opinião sobre os fatos sociais abordados no texto jornalístico por meio das opiniões apresentadas pelos falantes. Primeiramente, abordarei o uso das verbiagens (3.2.1) enquanto passagens descritivas, já que na maioria dos contextos seu uso estava relacionado à descrição de circunstâncias da entrevista, expressões sintéticas que apenas informam ao leitor o que foi dito ou quem foi atingido pela ação verbal e não reproduzem o que foi dito. A seguir, tratarei das projeções (3.2.2) em seus três sub-tipos: citação, reportagem e mista. A reprodução da fala em forma de projeções paratáticas e/ou parafraseado ou projeção hipotática e/ou literal, permite que o leitor conheça o ponto de vista defendido e forme sua própria opinião. Farei referência, também, aos casos em que os processos verbais estão dentro das projeções, fato recorrente no corpus em contextos em que o falante narra uma outra situação discursiva. Por fim (3.2.3), tratarei das circunstâncias de ângulo e assunto, que foram pouco recorrentes no corpus de estudo. As circunstâncias de ângulo introduzem a fala dos entrevistados e fontes de informação, enfocando o falante e reproduzindo o conteúdo da fala. As circunstâncias de assunto se assemelham às verbiagens, sendo utilizadas para sintetizar o conteúdo do que foi dito de maneira descritiva.

No tópico 3.3 sobre características da linguagem da Seção Esquina, abordarei o uso de metáforas ideacionais e expressões (denominadas no jornalismo de cacoetes de linguagem) como mecanismos para tentar deixar o texto mais atrativo ao leitor.

Pretendo ressaltar, também, aspectos mais gerais da linguagem, como o uso da ironia e do humor.

3.1 As pessoas do discurso

As pessoas do discurso podem ser realizadas por três participantes: dizentes (3.1.1), receptores (3.1.2) e alvo (3.1.3). Conforme mencionei na Fundamentação Teórica, a entrevista é um dos principais recursos utilizados pelos jornalistas para conseguir acesso às informações, já que não é possível pressupor que os profissionais do jornalismo são especialistas em todos os assuntos ou podem experimentar todos os fatos sociais a serem veiculados pelo jornal ou revista. Os entrevistados fornecem ao jornalista as informações necessárias para que determinado texto seja escrito da forma mais precisa possível e sua caracterização ajuda a contextualizar o leitor. Eles são realizados pelos Dizentes e aparecem de diversas formas, como nome próprio acompanhado de elaboração - exposição, nome, sobrenome, pronome pessoal ou elíptico.

3.1.1.1 trata de dizente realizado por nome próprio e elaboração - exposição. No texto, a primeira menção ao dizente é acompanhada, na maioria das vezes, da sua qualificação, realizadas gramaticalmente pela elaboração paratática de sub-tipo exposição, também nomeadas pela Norma Gramatical Brasileira como aposto⁴. Em Halliday & Mathiessen (2004:397-398), é ressaltada a possibilidade de aposição em elaborações paratáticas de exposição e exemplificação, não havendo necessidade de realização de conjunções. Na exposição, a segunda oração repete as informações da primeira, por meio de repetição lexical ou sinonímia, reforçando a mensagem. Exemplificação consiste daqueles exemplos em que a segunda oração desenvolve a tese da primeira, tornando-se mais específica. Normalmente, há uma relação de hiponímia ou meronímia entre os itens lexicais de ambas as orações. Levando em consideração essas características, os apostos foram considerados elaborações de

⁴ A equivalência entre Aposto (Norma Gramatical Brasileira) e Elaboração - Exposição (LSF) foi discutida durante as aulas de orientação, levantando dúvidas acerca dessa caracterização. A decisão final foi tomada pela Profa. Dra. Leila Barbara, levando em consideração a teoria e as especificidades da língua portuguesa.

exposição, já que apresentam qualidades do falante, elaborando o conteúdo apresentado na primeira oração e reforçando a mensagem, mas não apresentando suas especificidades. A sua função, no texto, é mostrar quem são esses dizentes, justificando sua escolha como fontes de informação e permitindo que os leitores formem uma opinião própria sobre o que está sendo dito.

As outras formas (3.1.1.2 a 4) de realização do dizente, como nome próprio ou sobrenome, pronome pessoal ou elíptico, são variações que evitam a repetição de itens lexicais. O Manual de Redação da Folha (2010: 99) indica que a repetição de palavras não é recomendada, tendo em vista que o emprego de um vocabulário amplo enriquece o texto. Cada uma delas será discutida em um sub-item específico.

A realização dos receptores (3.1.2) e do alvo (3.1.3) trazem novas informações sobre as pessoas do discurso, mostrando a quem se dirige o falante ou quem é atingido pelo ato de fala, mostrando ao leitor características do contexto de fala da entrevista.

A contextualização do leitor quanto às pessoas do discurso tem por objetivo fornecer informações acerca da situação da entrevista e da confiabilidade do entrevistado enquanto fonte de informação, permitindo que o leitor interprete o texto utilizando seu conhecimento previo. Nos subitens apresentados a seguir, tratarei da forma como esses participantes são realizados, principiando com os casos em que dizentes são acompanhados de aposto.

3.1.1 Dizente

3.1.1.1 Apresentação do personagem da notícia e caracterização do dizente realizada por aposto

Começarei abordando ocorrências como:

7) Projetos de ambição planetária costumam enfrentar contratemplos. A pedra no caminho de Weber se chama Zahi Hawass. **CHEFE DO CONSELHO SUPREMO DE ANTIGUIDADES DO EGITO**, Hawass reclama que as pirâmides, por constarem da lista original, deveriam ser hors concours. (Esquina 40)

São os casos em que o dizente está explícito, representando a pessoa entrevistada, em companhia de parataxe, em que constam informações como profissão, idade ou

nome. Isso se dá, normalmente, no início dos textos ou quando uma fala de um novo entrevistado é introduzida. Tem por finalidade mostrar aos leitores quem é o dizente e indicar sua relação com o tema tratado .

Corresponde a uma característica jornalística que tem como apoio o Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010: 75 - 76) que atesta que “... *todo personagem de notícia devem ser identificado por profissão, cargo, função ou condição. Qualificações passadas (ex-presidente, ex-prefeito) só devem ser utilizadas quando relevantes no contexto*” . O texto continua, dizendo que o jornalista deve buscar informações específicas e precisas, evitando referência a cor, etnia, religião, partido político, preferência ideológica ou orientação sexual, a não ser que tais informações sejam importantes para o contexto.

8) “A Vale deveria ser a nossa melhor parceira, mas ela nos trata na base do chute”, DIZ o engenheiro florestal Edivaldo Pereira da Silva, GERENTE EXECUTIVO DO IBAMA EM MARABÁ, NO PARÁ, ESTADO ONDE SE CONCENTRA O GROSSO DAS MULTAS. A companhia tem uma avaliação oposta. “Nossa parceria institucional com o Ibama é excelente”, GARANTE o economista Maurício José Lima Reis, DIRETOR DE GESTÃO AMBIENTAL DA VALE. “Isso não significa que não haja acidentes.” (Esquina 48)

Nas duas orações, em 8, a elaboração por exposição qualifica a fonte de informação, relacionando por parataxe ao grupo nominal complexo formado pelo nome próprio completo do dizente e seu título profissional. Em termos de estrutura temática, a citação (“A Vale deveria ser a nossa melhor parceira, mas ela nos trata na base do chute”), que inicia primeira oração de 8, apresenta a informação dada em posição temática e a novidade (news rheme) é o cargo ocupado pela fonte de informação (o engenheiro florestal Edivaldo Pereira da Silva, gerente executivo do Ibama em Marabá, no Pará, estado onde se concentra o grosso das multas). O exemplo demonstra que, concomitantemente a elaboração, a formação de grupos nominais complexos (o engenheiro florestal Edivaldo Pereira da Silva) e também pode ser utilizada para qualificação do dizente, mostrando informações acerca da sua formação profissional (“engenheiro florestal”). A segunda oração apresenta uma estrutura diferente (A companhia tem uma avaliação oposta. “Nossa parceria institucional com o Ibama é excelente”, garante o economista Maurício José Lima Reis, diretor de gestão ambiental

da Vale. “Isso não significa que não haja acidentes.”). A citação é dividida em duas partes, intercalada pela oração projetante. Pensando na estrutura temática, o dizente aparece no centro, entre as duas citações, mas o que está sendo ressaltado como novidade pelo jornalista é a segunda parte da projeção, na qual o profissional defende seu ponto de vista, normalizando a existência de problemas ambientais (“Isso não significa que não haja acidentes.”). As exposições são importantes na contextualização do leitor, fornecendo novas informações sobre a pessoa quem fala e indicando a sua credibilidade, aspecto reforçado pela análise do exemplo em termos da metafunção textual.

O excerto 8, analisado, ilustra uma característica importante do discurso jornalístico, defendida no código de ética da profissão⁵: a necessidade de ouvir e dar voz aos diferentes envolvidos. O trecho foi extraído de um texto que denuncia o posicionamento da empresa Vale do Rio Doce em relação à sustentabilidade e a preservação ambiental, tendo como principal argumento a quantidade de multas emitidas pelo Ibama (vide anexo 9). Além da denúncia, é apresentada também a defesa da empresa, permitindo que o leitor conheça o ponto de vista dos diferentes envolvidos, o denunciante e o denunciado, e tire suas próprias conclusões.

Outros exemplos em que a exposição situa o leitor quanto à profissão e à relação entre o entrevistado e o tema do texto são:

9)... O Bandeirantes, de São Paulo, aposta no seu Programa de Gestão Escolar (Progesc), que registra até a hora em que o aluno vai ao banheiro. “Se alguém for muitas vezes, chamamos para um papo”, DIZ **O DIRETOR DE TECNOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO**, Sérgio Boggio, **UM ENGENHEIRO DE 60 ANOS**.. (Esquina 85)

10)...almente informatizado porque “por trás do software tem que haver talento”, como DIZ **Henrique Ramos, DIRETOR EDITORIAL DA EMPRESA**. É onde entram figuras como Alv... (Esquina 68)

11) ... por ali. **FILHO ÚNICO DOS JET SETTERS DIDU E TEREZA SOUZA CAMPOS**, Diduzinho não RECLAMA: “O espaço é pequeno, mas é só abrir a janela que se tem a sensação de a... (Esquina 10)

⁵ O Código de Ética atesta as regras de conduta do profissional de comunicação, indicando o comportamento ideal de jornalistas e veículos de comunicação. Com relação as denúncias, todas as partes devem ser ouvidas e referidas no texto, com igual destaque, mantendo a imparcialidade do veículo de comunicação (vide artigo 12). Está disponível online, no site da FENAJ - Federação Nacional dos Jornalistas (http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)

Como em exemplos anteriores, em 9 a 11, a parataxe ressalta as características relevantes do dizente para escolher a fonte de informação. O mesmo acontece também em exemplos encontrados em textos jornalísticos do Banco de Português, o Corpus de Referência:

12)...m na Jordânia. Ontem, o prefeito do assentamento de Kiryat Arba, ZVI KATZOVER, disse que podem ocorrer novas matanças como a de Hebron "se os colonos judeus nã...(folha/abril1)

13)...ivo sobre o cólera. Florize Malvezzi, CHEFE DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA DA CIDADE, disse que está em estudo na Secretaria da Saúde um projeto de reurbanização e dr... (folha/abril2)

14)...adequadamente." Valter Gallego, PRESIDENTE DO GIV (GRUPO DE INCENTIVO À VIDA), disse que "a campanha não traz nenhum alento". "É possível viver e conviver bem... (folha/abril2)

A presença de estruturas gramaticais semelhantes em contextos distintos, como o jornalismo literário (corpus de estudo) e o jornalismo tradicional (corpus de referência) demonstra que tais escolhas não são características exclusivas do primeiro. Conquanto o jornalismo literário busque inovar a linguagem e torná-la mais acessível ao leitor, certas características são compartilhadas em ambos os contextos, como por exemplo o uso de elaborações ou apostos, no âmbito gramatical, e a observância ao código de ética, no âmbito profissional. A qualificação das fontes de informação é utilizada em ambos os contextos, seja por meio de elaborações seja por meio de grupos nominais complexos, apresentando características dos dizentes a serem consideradas pelo leitor ao interpretar o texto.

3.1.1.2 Dizente realizado por nome próprio

Neste item, tratarei dos diversos contextos em que o dizente é referido somente por seu nome próprio. A primeira referência ao entrevistado é feita, como vimos no item anterior, por seu nome próprio acompanhado de elaboração ou grupos nominais complexos que apresentem ao leitor sua profissão, cargo ou outras informações consideradas pertinentes. De acordo com o Manual de Redação (2010: 103), após a primeira referência ao entrevistado ou personagem da notícia, ele deve ser tratado por seu sobrenome ou pelo nome pelo qual é mais conhecido. O exemplo abaixo ilustra tal recomendação:

15) A companhia tem uma avaliação oposta. “Nossa parceria institucional com o Ibama é excelente”, GARANTE **O ECONOMISTA MAURÍCIO JOSÉ LIMA REIS**, diretor de gestão ambiental da Vale. “Isso não significa que não haja acidentes.” (...) **MAURÍCIO REIS** AFIRMA que a empresa cometeu “uma besteira” na mina do Sossego. E se diz tão int... (Esquina 48)

A primeira parte mostra a caracterização do dizente, por meio de apostos e grupos nominais complexos. Ao longo do texto, quando o jornalista volta a citar a mesma pessoa, Mauricio José Lima Reis, seu nome aparece simplificado, apenas Maurício Reis. Como o leitor já reconhece o dizente, não há a necessidade de contextualizá-lo, fornecendo mais informações. Outros exemplos retirados da Seção Esquina apresentam as mesmas características:

16)...Depois de se desdobrar em oito para organizar um festival de rock em Pyongyang, o que Jean-Baptiste Kim recebeu em troca foi ingratidão. De súbito, ele percebeu que o regime ao qual servia tinha traços autoritários. Ao ser entrevistado por uma rádio inglesa, **KIM** DECLAROU o que já havia dito a piauí: não gostaria que o filho de Kim Jong-Il sucedesse o pai... (Esquina 39)

17) ...Jacques Gruman, 55 anos, engenheiro químico e militante desde garoto — “Fui desencaminhado pelo meu tio da Bessarábia”, brinca —, é o defensor da opção modesta. **GRUMAN** FALA do pcb com entusiasmo contagiante.... (Esquina 20)

16 e 17 fazem referência à voz de pessoas entrevistadas (Kim e Gruman) , fontes de informação para realização do texto. Em ambos os casos, o nome utilizado para referência a pessoa é o sobrenome, evitando a repetição do nome inteiro do entrevistado, o que deixa o texto redundante e cansativo. O co-texto, definido por Hasan (1996) como sendo uma parte do texto analisado, deixa claro que o jornalista se refere às mesmas pessoas de quem está tratando nas orações anteriores. No caso de 16, o jornalista se refere a Jean Baptiste Kim; em 17, a Jacques Gruman.

Até agora, os exemplos se referem a nomes próprios de pessoas, cujo referência é feita primeiramente pelo nome completo e posteriormente por parte do nome, evitando a repetição de itens lexicais no texto. Também foram encontrados exemplos em que os dizentes representavam empresas ou instituições, ou seja, entidades não-humanas. Abaixo, veremos exemplos em que os participantes são instituições:

18)...ue não era com eles. Não deu certo. Foram presos na hora. **A GUARDA COSTEIRA** PEDIU aos tripulantes que ajudassem a afundar o Buick. Tarefa aparentemente impo... (Esquina 13)

19)... que não é habitada pelo homem”. De fato, **O INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA** AFIRMA que Teresina é a capital mais quente do país. Os piauienses inventaram a... (Esquina 06)

Como é possível observar, em ambos os exemplos o dizente é definido pelo grupo nominal formado pelo nome de instituições, como a Guarda Costeira ou o Instituto Nacional de Meteorologia. Nos dois casos, a referência à entidade despersonaliza a fala, que assume um caráter mais amplo. Ou seja, não há uma pessoa responsável pela ação, mas um grupo de pessoas representado pelo nome da entidade acaba sendo expresso, na oração, como o responsável pela fala.

20)... Durante quase todo o ano de 2006, enquanto o país se distraía com sanguessugas e aloprados, **ITATIAIA** FALOU desse escândalo. O conselho consultivo do parque ameaçou embargar o projeto... (Esquina 52)

O dizente da oração acima é Itatiaia, também é um participante não-consciente. No entanto, o nome Itatiaia, que também é o nome de uma cidade, está se referindo ao Parque Nacional de Itatiaia. Tal referência pode ser retomada pelo co-texto, já que há na oração seguinte a menção ao conselho consultivo do parque. É outro exemplo em que há um falante coletivo e despersonalizado responsável pela fala, representado por um nome próprio.

Os nomes próprios (nome completo, sobrenome ou parte do nome) aparecem em diferentes momentos do texto para fazer referência aos dizentes, representando pessoas ou entidades. A variação de formas evita a repetição de itens lexicais no texto, facilitando a leitura. Fazem parte das recomendações existentes no Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010), por isso espera-se que sejam variações recorrentes também nos textos de jornalismo tradicional, não somente nos textos de jornalismo literário da seção Esquina. São características da linguagem jornalística que, novamente, independem do contexto de realização.

3.1.1.3 Dizente realizado por pronome pessoal

Após serem apresentados aos leitores, os dizentes, além de serem realizados por nomes próprios, podem ser identificados também por pronomes pessoais de terceira pessoa. Quando isso acontece, assim como nos exemplos em que os nomes próprios são realizados apenas pelo sobrenome, também há a necessidade de retomar pelo co-texto quem eles são e sua relação com o assunto do texto.

21) ...Uma hora depois, o retrato feito por **RAIMUNDO FERREIRA** está pronto. “Esse é o homem”, **ELE** AFIRMA... (Esquina 74)

22)... Vencida a eleição, Zeca o nomeou para o cargo de confiança de assessor parlamentar, com salário líquido de 980 reais. **PARANGA** os recebeu por 25 meses, até ser exonerado em 2 de fevereiro (fevereiro, fevereiro). **ELE** AFIRMA que sua batata foi assada pelo chefe de gabinete Iolando Pereira, mas diz que não sabe o motivo... (Esquina 50)

23)...**TECO** já pegou muita estrada. Já fez Espírito Santo, as Alterosas completas, chegou até Vigário Geral, no Rio. Na sede da torcida, jaqueta branca oficial, brilhantinhos nas duas orelhas, **ELE** CONFESSA, emocionado: “Comecei de coração quando caiu pra Segunda. Já nasci Galo, mas agora que eles mais precisam de mim botei a cara”... (Esquina 21)

Como mostram os exemplos selecionados, o pronome ‘ele’ de terceira pessoa do singular é utilizado para fazer referência à pessoa entrevistada. O nome do falante pode ser retomado nas orações anteriores, por anáfora. No caso dos exemplos 21 e 22, o nome do falante é dado pela oração imediatamente anterior, se referindo respectivamente a Raimundo Ferreira e a Paranga. Em 23, há ainda uma oração intercalada entre a referência ao falante, Teco, e a oração verbal com o pronome pessoal. Teco é o participante na primeira oração, na segunda está implicado pelo contexto, já que há elisão do sujeito, e na terceira, a oração verbal, há o pronome pessoal que o retoma. Ou seja, a referência está mais distante, mas o mesmo participante está implicado na ação como sujeito nas três orações.

Segundo Hasan (1996), a referência é um dos usos de significados implícitos, podendo ser interpretada de acordo com o co-texto (endofórica) ou com o contexto de situação (exofórica). Os exemplos apresentados neste item (21, 22 e 23) são endofóricos e, por isso, diretamente relacionados a coesão textual. Os mecanismos endofóricos são de dois tipos: anafóricos (recuperando o significado em uma parte anterior do texto) ou catafóricos (recuperando o significado em um parte posterior no texto), sendo possível para o leitor comum reconhecer esses significados.

“Although co-text is variable in length, normal speakers have little or no difficulty in locating the interpretative source or retrieving the intended meanings. This is because the intended meanings of the endophoric devices are not randomly sprinkled anywhere, anyhow in the text. The nature of the device often provides some specification of the interpretative voice.” (Hasan, 1996: 197)

O uso da referência não se apresenta como uma dificuldade de leitura e muito menos como uma escolha linguística para tornar um texto mais complexo. O leitor, a princípio, não faz um esforço para reconhecer tais significados e compreender o que o jornalista está dizendo, o processo é um ato simples e instintivo. É parte da língua portuguesa e, por isso, é esperado que tais recursos sejam utilizados em diferentes contextos, inclusive no jornalismo tradicional e no jornalismo literário.

3.1.1. 4 Dizente elíptico

Em alguns dos casos, o dizente não está expresso na oração, tendo sofrido a elisão. . A elipse de sujeito é também tratada como um mecanismo coesivo, assim como a referência. Barbara e Gouveia (2001) propõe que a possibilidade de elidir o pronome em português, deixando o Finito como marca de pessoa, é um dos traços que distingue o português do inglês, fazendo com que o sistema coesivo desenhado por Halliday & Hasan (1976), seja considerado inadequado. Halliday e Hasan (1976) argumentam que elipse e referência são mecanismos distintos de coesão textual, o primeiro estando relacionado ao sistema linguístico e o segundo ao co-texto. Barbara e Gouveia (2001) argumentam que, na língua portuguesa, a elipse estaria vinculada não a questões formais, mas ao co-texto e por isso não deveríamos distinguir referência e elipse. Para esta análise, segui a proposta de Barbara e Gouveia (2001), por ser especificamente voltada para o estudo da língua portuguesa.

Os exemplos encontrados nos textos da revista Piauí em que o sujeito foi elidido normalmente fazem referência a pessoas citadas anteriormente, por anáfora, assim como os exemplos mostrados no item 3.1.3, no qual o sujeito ou dizente é representado por um pronome pessoal.

24) **JEAN-BAPTISTE KIM** está a serviço de Kim Jong Il, o líder da Coreia do Norte. (...) O Não REVELA seu prenome de batismo. “Só alguns membros do governo norte-coreano sabem qual é”, O DIZ. (Esquina 29)

25) **O GARIMPEIRO** trabalha de segunda a segunda, do nascer ao pôr-do-sol. Chuva não é problema. Ao contrário: “A praia fica vazia e posso trabalhar à vontade”, O DIZ. **MARIANO** acorda às 5 horas da manhã e, antes de pegar os dois ônibus que o levam de Ramos, onde mora, até o mar da Zona Sul, toma um café-da-manhã reforçado: duas bananas, dois pães e café com leite. (Esquina 53)

Os dois exemplos mostram como a elisão do falante pode ser retomada no co-texto, da mesma forma como nos exemplos de referência. No primeiro exemplo, o sujeito é facilmente retomado pela marca de terceira pessoa do singular presente no Finito do verbo, sendo uma referência exclusivamente anafórica a Jean-Baptiste Kim. No segundo, a referência pode ser vista tanto como um movimento anafórico, quanto catafórico. O leitor já sabe, ao ler este parágrafo, que o garimpeiro e Mariano fazem referência a mesma pessoa. O sujeito elíptico é retomado anafóricamente como sendo o garimpeiro e catafóricamente como sendo Mariano, mostrando que a variação na referência pode estar expressa por associações semânticas entre itens lexicais (Mariano e garimpeiro), como também pela elisão.

Os mecanismos de referência e elisão do sujeito aconteceram em diferentes partes do texto, conquanto o leitor pudesse associar o dizente (pronome pessoal ou elíptico) a um nome, por anáfora ou catáfora. São recursos coesivos que evitam a repetição de itens lexicais e facilitam a leitura dos textos, característicos de diferentes contextos e, por isso, não constituem uma especificidade do jornalismo literário. Os próximos item dão conta das diferentes formas de realização dos receptores, ou seja, das pessoas a quem se dirige a fala.

3.1.2 Os receptores

Anteriormente, mencionei que os receptores são aqueles participantes a quem o falante se dirige. No jornalismo, são pouco comuns por estar implícito que os entrevistados tem como interlocutores os próprios jornalistas. No entanto, foram encontradas algumas ocorrências de receptores, em dois contextos: como grupos nominais ou como pronomes oblíquos. Começo tratando de grupos nominais, por serem mais frequentes no corpus de estudo.

3.1.2.1 Os receptores formados por grupos nominais

Receptores são os participantes à quem o falante se dirige no ato de fala. Ao contrário dos dizentes, que são participantes obrigatórios em todas as orações com processo

verbal, a realização dos receptores é facultativa. Uma das formas de realização dos receptores é como grupo nominal, normalmente formado pela partícula “a” acompanhada de um nome (substantivo). No discurso jornalístico, é incomum encontrá-los, por estar implícito que o personagem da notícia conversa com o jornalista durante a entrevista. Quando foram encontrados exemplos, eles ocorreram em contextos específicos em que o jornalista queria chamar a atenção do leitor para aspectos da interação entre quem fala e quem escuta, em situações vivenciadas por ele. Um desses contextos é a menção a outros jornalistas, o outro é a menção ao público, a um grupo de pessoas do qual o jornalista faz parte.

A menção aos jornalistas como receptores ocorreram em situações nas quais o jornalista busca mostrar aspectos da interação entre ele e a sua fonte de informação. Dessa forma, são fornecidas informações, ao leitor, sobre o momento da apuração do fato e da realização da entrevista, dando credibilidade ao texto.

26) Desde a campanha, em 2004, Zeca Dirceu não dá entrevistas a veículos da imprensa nacional. Continua a não abrir exceções. “Só estou te recebendo, brevemente, para dizer que não farei declarações”, AVISOU **AO REPÓRTER** na antesala de seu gabinete. “Não acredito que a imprensa nacional venha aqui por interesse jornalístico. Se vem, é por causa do meu pai”, declarou. “Já estou cansado desse terrorismo que só tem prejudicado a minha gestão e a minha cidade. Lá em Brasília, tem gente que tem medo até de me cumprimentar.” (Esquina 50)

No exemplo acima, o jornalista está representado por um grupo nominal formado por um nome, repórter, e a partícula ‘a’. A especificação do jornalista como receptor justifica a utilização da citação, na qual o entrevistado seu ponto de vista, negando-se a conceder a entrevista.

Em algumas circunstâncias, a negativa da entrevista pode se tornar central para desenvolver determinado assunto. Em contextos específicos, como nas situações em que o entrevistado se nega a conceder a entrevista, a menção do jornalista como interlocutor mostra seu esforço na apuração da notícia e na busca pela opinião de todos as pessoas referidas no texto. A necessidade de ouvir todas as partes envolvidas, demonstrando a objetividade e a imparcialidade do texto jornalístico, é atendida, já que a recusa partiu do entrevistado. Ao mesmo tempo, a sua representação no texto pode ser entendida como um comentário irônico do jornalista a

respeito da postura do entrevistado, já que a negação apresentada é também a defesa de um ponto de vista.

Em outras situações, o jornalista está apenas chamando a atenção para a relação entre a personagem da notícia e um grupo de pessoas, seu público. Normalmente, ocorrem em textos que relatam eventos ou acontecimentos públicos, como o lançamento do carro anfíbio. Esses receptores coletivos representam pessoas que vivenciaram a mesma situação que o jornalista. São exemplos atrelados a eventos sociais, em que a apuração da notícia não está exclusivamente relacionada a entrevista, cuja função é contextualizar o leitor quanto à interação existente entre a fonte de informação e o público.

27)...mo um igual, senta-se à mesma mesa, recebe beijos da família. Já em Petrópolis, PERGUNTA **A UMA DAS DEZENAS DE PESSOAS** que comem feijoada na casa do ex-deputado... (Esquina 01)

28) ... agência 3032 do Itaú não passa de um apêndice do seu escritório. Duarte entra e DIZ olá **AOS SEGURANÇAS E FUNCIONÁRIOS**. Quanto aos gerentes, foram inúmeros os qu... (Esquina 100)

Na oração 27, o receptor é formado por um grupo nominal (*a uma dezena de pessoas*), associado a uma oração hipotática (*que comem feijoada na casa do ex-deputado*), caracterizando assim o público a quem se dirige a fonte de informação. Em 28, o receptor é novamente formado por um grupo nominal (*aos seguranças e funcionários*), especificando as pessoas a quem se dirige a fonte, indicando sua relação com empregados da empresa.

A menção a receptores coletivos mostram aspectos da interação entre a fonte de informação e outras pessoas, permitindo ao leitor conhecer a sua postura em diversas situações. Um dos procedimentos de apuração da notícia defendidos pelo jornalismo literário é a observação das pessoas em seu cotidiano, não só na situação de entrevista, como forma de conhecer melhor o entrevistado.

“Pode- defini-la como a retórica das coisas, de acordo com a qual o personagem se revela não só pelo que diz, mas também pelo que o cerca. Isso exige disciplina e olho vivo. (...) O objeto fala, o narrador pode se calar. Essa

linguagem de miudezas está também em gestos ou ações banais.” (Moreira Salles, 2006: 571)

A intenção do jornalista é descrever detalhes e aspectos do evento ou da entrevista vivenciados no momento de apuração da notícia, revelando assim aspectos da personalidade do entrevistado e/ou da interação entre ele e seu público. O enfoque nos detalhes, defendido pelo jornalismo literário, permite que o jornalista forneça informações consideradas banais, descrevendo, por exemplo, a forma como alguém fala com seus empregados ou sua família, ao leitor e ele forme sua opinião a respeito da pessoa. Como discutirei no item 3.1.6, a realização de receptores como pronomes oblíquos está relacionada a citações, indicando a forma como os entrevistados buscam expressar seu próprio relacionamento com outras pessoas em situações de fala.

3.1.2.2 Os receptores formados por pronomes oblíquos

A outra forma como foram realizados os Receptores são por meio de pronomes oblíquos. Tais ocorrências também estão relacionadas a contextos específicos, nos quais o entrevistado busca relatar conversas com outros e se coloca como receptor. Estão vinculadas ao uso de processos verbais dentro das citações, como no exemplo abaixo:

29) Não parece bazófia. Andrade é cioso da profissão e do cumprimento da lei — no caso, a que proíbe som alto em horário impróprio. O prefeito e vários amigos a transgrediram longamente. Madrugada alta, estacionaram seus carros na praça central da cidade e deixaram a música correr solta, numa farra geral. Era Carnaval, mas houve reclamações dos que queriam repouso. Andrade foi lá. “O primeiro carro me obedeceu e desligou. Quando fui no outro, o prefeito **ME** perguntou se tinha mesmo que abaixar. Eu disse que era a lei. Se eles não abaixassem, eu estava no direito de prender. O prefeito entendeu e eles desligaram.” (Esquina 50)

Como mostra o exemplo 29, o pronome oblíquo “me” está localizado dentro de uma citação, referindo-se, portanto, a quem diz citação. O entrevistado, o policial chamado Andrade, está relatando uma conversa acontecida entre ele e o prefeito, colocando-se como o receptor e mostrando sua relação com o prefeito de sua cidade, já que o prefeito respeitou a autoridade do policial.

Não foram exemplos recorrentes no Corpus, embora todas as ocorrências encontradas estejam se refiram ao próprio entrevistado. São descrições de situações vividas por ele,

relatadas na entrevista e citadas pelo jornalista por demonstrarem características da interação entre o entrevistado e outros. Assim como outras menções a receptores, tem a função de indicar aspectos da personalidade do entrevistado e trazer outras informações aos leitores.

3.1.3 Alvo: as pessoas afetadas pelo discurso

Alvos são aquelas pessoas afetadas pela fala de alguém, normalmente associados ao uso de processos verbais que compartilhem características de processos materiais (Halliday e Mathiessen, 2004: 256). Assim como os receptores, o uso de alvos como participantes é uma escolha do falante, não sendo obrigatória sua realização em todas as orações com processos verbais. São pouco comuns nos textos de jornalismo literário estudados, aparecendo em 1,08% das orações. Com relação aos textos do Banco de Português, não encontrei exemplos de alvos. Tal fato indica que há maior variação no uso de participantes na seção Esquina, possivelmente na tentativa de representar mais aspectos da interação entre as pessoas envolvidas na conversa ou entrevista e, com isso, tornar os textos mais atraentes para os leitores.

30) ...política. Por isso admira Fernando Henrique Cardoso. “FHC te faz importante, **TE** CHAMA, te seduz, busca tua opinião. Ele, o presidente da República; você, apenas... (Esquina 01)

No exemplo acima, o alvo é realizado pelo pronome “te”, dentro da citação. O processo verbal “chama” indica tanto a ação verbal como implica na necessidade do receptor corresponder a esse chamamento, portanto, ele é afetado pelo processo. Em termos de significado, o chamamento pode ser interpretado como um convite para uma reunião ou uma conversa, ao qual o receptor deve comparecer. Estruturalmente, a oração apresenta aspectos de orações com processos materiais, organizadas com Ator + Meta, já que a meta é o participante que implica na direção da ação material (Halliday e Mathiessen: 2004, 180) e o alvo é a representação da pessoa a quem é direcionada a ação verbal.

Assim como os exemplos de receptores realizados por pronomes oblíquos, os alvos encontrados estão dentro de citações. São realizados por escolha do entrevistado e

simbolizam a interação existente entre eles e outras pessoas, indicando aspectos de sua personalidade aos leitores.

As pessoas do discurso são realizadas de diversas maneiras, em diferentes contextos. Os dizentes são participantes obrigatórios das orações com processo verbal, sendo realizados em todas as orações e nos dois contextos (jornalismo literário e jornalismo tradicional), não representam escolhas características de um deles. Os receptores e alvos, no entanto, são participantes eletivos que aconteceram em contextos específicos, visando descrever a interação entre quem fala e a quem se dirige ou quem é atingido pelo discurso. Esses elementos ocorreram em pouca quantidade no corpus da Seção Esquina e não foram encontrados no Banco de Português, possivelmente porque seu uso está relacionado a descrição de eventos e acontecimentos vivenciados pelo jornalista ou pelo entrevistado. No caso dos jornalistas, um dos preceitos do jornalismo literário é a atenção aos detalhes, a qualquer elemento que possa ser importante durante o momento da apuração das informações que compõe o texto, o que pode indicar a realização de tais participantes. No caso das citações e dos processos verbais dentro das citações, correspondem a passagens da entrevista que foram consideradas relevantes pelo jornalista e podem indicar aspectos da personalidade e da forma como os entrevistados se relacionam com outras pessoas.

3.2 A referências as falas de outros: Verbiagens, Projeções e Circunstâncias

As falas de entrevistados e fontes de informação foram realizadas de diversas formas nos textos da Seção Esquina, sendo elas: verbiagens de conteúdo, verbiagens de nome, citação, reportagem, projeções mistas, circunstância de ângulo e circunstância de assunto. Cada uma dessas categorias gramaticais encontradas no corpus foi utilizada em um contexto específico, a ser descrito nos próximos sub-itens.

Em 3.2.1 faço referência às verbiagens em geral, apresentando especificamente as verbiagens de conteúdo em 3.2.1.1 e as verbiagens de nome em 3.2.1.2. Em ambos os casos, o jornalista não reproduz a fala dos entrevistados, apenas sintetiza informações relacionadas a interação verbal entre eles. Como veremos a seguir, tais exemplos estão relacionados a aspectos descritivos existentes em contextos literários.

No item 3.2.2 serão enfocadas as projeções. Teoricamente, elas podem ser de dois tipos, citação (reprodução literal) ou reportagem (reprodução não-literal). Encontrei exemplos, também, em que as projeções compartilham características de reportagem e de citação, os quais serão discutidos separadamente. A maior proporção de citações, em relação aos outros tipos de projeção, demonstra uma característica peculiar da seção Esquina, enfocando as falas dos seus entrevistados e sua reprodução literal, o que permite ao leitor conhecer melhor seu ponto de vista e sua personalidade. As citações serão abordadas no item , as reportagens em e as projeções mistas em

Com relação as circunstâncias, no item 3.2.3 tratarei dos contextos de realização de forma geral, para descrever as circunstâncias de ângulo em 3.2.3.1 e as de assunto em 3.2.3.1. As de ângulo são alternativas as projeções, permitindo a reprodução da fala do entrevistado em uma oração autônoma. As de assunto especificam o conteúdo ou o assunto da fala dos entrevistados, descrevendo e sintetizando o que foi dito.

3.2.1 As verbiagens

A partir da análise dos processos verbais, foi possível perceber que, ao realizar a verbiagem de conteúdo ou de nome, o jornalista estava sintetizando informações e descrevendo aspectos da interação entre ele e o entrevistado. Ambos os constituintes são participantes do processo verbal, atuando como complementos do verbo, normalmente realizados por nomes ou grupos nominais. A sua realização está associada a contextos específicos, em que o jornalista não pretende reproduzir literalmente a fala do entrevistado, como nas citações, ou reconstruir a sua fala, como no caso das reportagens e circunstâncias de ângulo, mas sim apresentar características do entrevistado e da interação.

Em comparação com os textos de jornalismo tradicional, como é possível perceber na tabela, a utilização de verbiagens, tanto de conteúdo quanto de nome, foram mais recorrentes na Seção Esquina:

	Seção Esquina - revista Piauí	Banco de Português - Jornalístico	Diferença
Verbiagens de conteúdo	51	1	-
	8,96%	0,18%	6.7% + Esquina
Verbiagens de nome	8	0	-
	1,40%	0%	1.40% + Esquina
Total	10,36%	0,18%	10,18% + Esquina

Tabela 3: Distribuição total e percentual de verbiagens nos dois corpora, com os processos estudados

A tabela demonstra que a utilização de verbiagens de conteúdo é mais frequente do que as verbiagens de nome em Esquina e a de nome não ocorreu no corpus de JT o que leva a grande diferença entre os 2 contextos. Isso indica o que está sendo focado é o assunto da fala, já que as verbiagens de conteúdo expressam o que foi dito e as de nome são mais específicas, tratando de línguas faladas ou gêneros textuais. Indica também que, conquanto haja alguma verbiagem (quase 9%) a maioria das orações com processos verbais carrega outros participantes, como as projeções (vide item 3.2.2). A quantidade de verbiagens encontrada na Seção Esquina é maior que no corpus de controle, mostrando uma preocupação do jornalista de descrever ou demonstrar ao leitor as circunstâncias em que se deu a entrevista, o assunto conversado nos textos de jornalismo literário, enquanto o jornalismo tradicional quase só usa projeções (como veremos no item 3.2.2), privilegiando a utilização de processos verbais para relatar literalmente ou reconstruir a fala de seus entrevistados ou fontes de informação. A Esquina parece variar mais na utilização de diferentes categorias léxico-gramaticais, tais como verbiagens, projeções e circunstâncias.

As diferentes formas e contextos em que as verbiagens ocorreram na Seção Esquina serão analisadas nos próximos sub-itens, começando pelas verbiagens de conteúdo por serem mais frequentes.

3.2.1.1 Verbiagem de conteúdo

Nas verbiagens de conteúdo, é focado o assunto ou conteúdo do que foi dito, como em:

31)...palmas ainda. São agora 9h26m. Jobs começa a tirar seus coelhos da cartola. ANUNCIA a **Apple TV**, chamada por ele de “tocador de DVD do século XXI”. Quinze mi...(Esquina 37)

O exemplo mostra um processo verbal (anuncia) associado a um participante (a Apple TV), cuja função na oração é especificar o conteúdo do ato de fala. De forma sintética, o leitor tem acesso aos acontecimentos do evento, sendo contextualizado com relação ao tempo (São agora 9h26m), a pessoa (Jobs) e a ação verbal (anunciar a Apple TV). Os dados apresentados descrevem a situação vivida pelo jornalista, fornecendo elementos para que o leitor entenda o que está acontecendo. A intenção não é, nesses casos, fazer com que o leitor conheça o ponto de vista defendido pelo entrevistado ou a sua fala, mas sim aspectos da situação da apuração da notícia considerados relevantes pelo jornalista no processo de escrita do texto.

Em termos quantitativos, a utilização de verbiagens de conteúdo representou 9,2% das orações com processo verbal, analisadas no corpus da Seção Esquina. Embora tenha sido privilegiado o uso de projeção, visando apresentar ao leitor a fala dos entrevistados, o uso de verbiagens de conteúdo é também utilizado nos contextos em que o jornalista quer chamar a atenção do leitor para aspectos da situação de apuração da notícia. Esses elementos tem caráter descritivo, na medida em que sintetizam informações e contextualizam o leitor.

O uso da verbiagem de conteúdo não é exclusividade do corpus de estudo, como é possível ver na tabela 6. O exemplo abaixo foi extraído do Banco de Português - Jornalístico:

32)...i enterrado nas últimas eleições. Afirma um ex-ministro da Fazenda que “o povo DISSE um **poderoso não à proposta**” do Imposto Único e que “ninguém... (folha/ investi)

No exemplo acima, o processo verbal “disse” e a verbiagem de conteúdo “um poderoso não” fazem parte da citação. Gramaticalmente, o trecho “um poderoso não” está funcionando como um participante, complementando o significado do verbo e expressando o conteúdo do que foi dito, descrevendo a reação do público a proposta governamental.

As verbiagens de conteúdo são menos frequentes no jornalismo tradicional do que no jornalismo literário, apontando a tendência descritiva da seção Esquina, não compartilhada por outros veículos de informação. Uma possibilidade é a de que os textos da Esquina apresentem mais descrições da interação existente entre jornalista e entrevistado na apuração da notícia, partindo de dois pressupostos: o primeiro está relacionado a subjetividade do jornalista na apuração da notícia, fazendo anotações sobre o contexto da entrevista que possam ser utilizados na construção do texto; o segundo é a possibilidade dos textos de jornalismo literário abrangerem mais detalhes dessa natureza para caracterização da interação entre o jornalista e o entrevistado ou fonte de informação, indicando assim características da sua personalidade.

3.2.1.2 Verbiagem de nome

As verbiagens de nome ocorrem em circunstâncias específicas, quando o verbo pode ser considerado lexicalmente vazio. Halliday e Mathiessen (2004: 256) apresentam como exemplos do inglês: make a statement, give the order. Também são considerados verbiagens de nome aqueles contextos em que categorias genéricas (ex. tell a story) ou línguas (ex. speak english) ocupam a posição de complemento verbal. Na seção Esquina, essas ocorrências estavam vinculadas a situações muito específicas no discurso de jornalismo literário, representando apenas 1,44% das ocorrências de processos verbais analisados.

33)...a singularidade: esporte combina com hino nacional. Qualquer que seja o evento, CANTA-SE o **hino nacional** sem constrangimento e sem afinção, mas com alegria... (Esquina 24)

Nessa oração, o processo verbal é “cantar” e “o hino nacional” é apresentado como verbiagem de nome, indicando o que é cantado, dito. Dessa forma, a verbiagem restringe o escopo da ação verbal, apresentando uma categoria genérica, como o hino nacional, como participante, complementando o verbo.

Não foram encontrados exemplos análogos no corpus de referência (BP-J), indicando a maior variabilidade de recursos gramaticais utilizada na seção Esquina da revista Piauí.

É possível que a quantidade de verbiagens, de ambos os tipos, seja distinta nos dois contextos dada a tendência da Esquina de apresentar mais passagens descritivas,

permitindo que o jornalista introduza no texto diferentes aspectos da interação existente entre ele e seu entrevistado ou fonte de informação de forma mais sintética. Tais descrições estariam relacionadas a apropriação de elementos da linguagem literária em textos de jornalismo literário, buscando entreter o leitor e tornar a leitura do texto mais fluída.

Conforme antecipei na introdução do item 3.2, após as verbiagens tratarei das projeções. Enquanto as verbiagens eram participantes e estavam localizadas no nível da oração, as projeções representam diferentes relações entre 2 orações, a oração principal possuindo um processo verbal. O próximo item trata das principais características encontradas na Esquina, enfocando tanto a análise percentual de distribuição de citações, reportagens e projeções mistas, quanto seus diferentes contextos de realização.

3.2.2 As projeções

As projeções expressam relações entre uma oração com processo verbal, denominada projetante, e a oração projetada, realizada por um complemento paratático em citações e hipotático em reportagens. São responsáveis, no discurso jornalístico, pela reprodução literal (citação) ou pela reconstrução da fala dos entrevistados (reportagem).

A principal função das projeções, no jornalismo, é dar credibilidade a notícia, indicando a fonte da informação e o conteúdo da sua fala e fornecendo elementos para que o leitor possa construir sua opinião sobre os fatos relatados. Outro aspecto que garante a credibilidade do texto midiático é a objetividade, ou seja, a utilização de fontes de informação e a expressão da realidade do ponto de vista de quem a experiencia, não havendo a participação do ponto de vista do jornalista ou da empresa em que ele trabalha.

Em suma, as projeções permitem que o leitor conheça o ponto de vista e a vivência dos entrevistados, de pessoas imediatamente envolvidas nos fatos, auxiliando-o a formar sua própria opinião. A análise quantitativa das projeções apontou diferenças quanto a

porcentagem de uso de cada um desses elementos no jornalismo tradicional e no jornalismo literário. As projeções foram encontradas na maioria das orações analisadas, tanto no corpus da seção Esquina como no Banco de Português - Jornalístico. Embora ambos os corpora realizem as mesmas categorias gramaticais, a distribuição percentual de cada um deles aponta diferentes orientações. A tabela abaixo mostra a porcentagem de projeções encontrada em cada contexto:

	Seção Esquina - Revista Piauí	Banco de Português - Jornalístico	Total
Número de Oração Analisadas	569	535	1104
Quantidade de Projeções	459	494	953
Percentual de Projeções	80,7%	92,34%	8,633%

Tabela 4. Distribuição de projeções nos corpora

Os dados apontam que a Seção Esquina possui percentualmente menos ocorrências de projeções do que o Banco de Português - Jornalístico, indicando que os textos de jornalismo literário privilegiam a composição de orações complexas em relação a outras estruturas, como por exemplo o uso de verbiagens, embora no jornalismo tradicional elas sejam mais recorrentes. A distribuição das citações, reportagens e da categoria mista está sintetizada na tabela:

	Seção Esquina - Revista Piauí	Banco de Português - Jornalístico	Total Geral
Citação	62,73%	45,14%	53,62%
Reportagem	33,14%	50%	41,87%
Mista	4,13%	4,86%	4,51%
Total Geral	100%	100%	100%

Tabela 5. Distribuição dos tipos de projeção nos corpora

As citações são mais utilizadas do que os outros dois tipos de projeção na Seção Esquina, fazendo com que ela apareça em maior percentual total. No entanto, as

reportagens são mais frequentes que as citações no Banco de Português, mostrando uma diferença na orientação dos contextos. Enquanto o jornalismo literário expõe com mais frequência a fala literal de seus entrevistados, no jornalismo tradicional é mais comum que a fala dos entrevistados seja reelaborada pelo jornalista. Essa diferença indica que a Esquina possui mais orações paratáticas do que o jornalismo tradicional, no qual há maior concentração de hipotáticas. A apresentação das falas dos entrevistados com as mesmas escolhas lexicais, possivelmente, serve ao propósito de mostrar o posicionamento e a personalidade dos entrevistados. Tal fato sinaliza a inclinação da seção Esquina a apresentar os seus entrevistados e personagens da notícia a partir das suas próprias falas. As reportagens, em oposição às citações, apresentam o ponto de vista defendido pelo entrevistado com outras palavras, estando associada, portanto, a interpretação que o jornalista teve da fala, da sua seleção lexical e da sua construção do significado. O jornalismo tradicional, nesse sentido, possui mais frases em que há a mediação do jornalista e a sua intervenção na reescrita da fala dos entrevistados.

A seguir, tratarei dos tipos de realização de citações encontradas na Seção Esquina, buscando traçar um paralelo entre as diferentes formas de organização da oração (projeção em posição temática ou remática) e a construção do significado.

3.2.2.1 Citação

Nos textos da seção Esquina, as citações são mais recorrentes que as reportagens, circunstâncias (de ângulo ou de assunto) ou participantes (verbiagem de conteúdo, verbiagem de nome, alvo), sendo utilizada em 52% das orações com processos verbais. Tal fato indica que os jornalistas preferem reproduzir a fala das suas fontes de informação da mesma forma como elas foram ditas na entrevista. Uma hipótese é a de que, ao fazer isso, ele dá credibilidade à notícia, já que as informações compartilhadas na entrevista são retransmitidas ao leitor da mesma forma.

Ao mesmo tempo, é interessante notar como a quantidade de citações no Corpus da seção Esquina contraria as sugestões presentes no Manual de Redação Da Folha (2010:39-40). Segundo ele, a declaração textual ou citação deve ser reservada para

declarações de grande impacto. Ela deve ser literal e colocada entre aspas quando foram efetivamente ouvidas pelo jornalista, ao vivo ou em gravações.

“Reproduzir declarações textuais confere credibilidade à informação, dá vivacidade ao texto e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia (...) Na reprodução de declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões de linguagem oral: hum, é, ah, né, tá, sabe?, entende?, viu?. Para facilitar a leitura, pode-se suprimir trecho ou alterar a ordem do que foi dito – desde que respeitado o conteúdo.” (2010: 39)

As citações são recursos linguísticos de informação do leitor, conferindo credibilidade à informação por estarem organizados da mesma maneira com que os entrevistados e fontes de informação pretendiam. O conteúdo é preservado, fornecendo as mesmas informações disponíveis na situação de entrevista ou no documento oficial, dando a impressão de que não houve mediação do jornalista. Nos textos da seção Esquina, são utilizadas não somente para chamar a atenção do leitor para determinadas informações, mas para mostrar relatos de casos dos entrevistados, pequenas histórias cotidianas e acontecimentos vividos.

As citações presentes na Esquina aconteceram em dois contextos distintos: como parte de uma oração complexa ou como uma oração autônoma. Como parte de uma oração complexa, a citação pode estar na primeira parte da oração, funcionando como Tema (34), ou na segunda parte, funcionando como Rema (35). A alteração na ordem da oração está normalmente associada a coesão textual, ao que é tratado no texto como informação dada ou como informação nova.

34) Mãe Simone Logun-Edé, girando sem parar, traz uma pequena bolsa Louis Vuitton pendurada no ombro. **“Jogo búzios e cartas. Já fui no SBT, no Jô Soares, e agora estou aqui fazendo previsão. Sou baiana, mas meu barraco é no Rio”**, CONTA, de um fôlego só. (Esquina 96)

35) ...até que não existia mais rabo”. Já a pesquisadora do museu, Cristina Holanda, CONFESSA: **“Não faço a menor idéia”**. Muitas lendas rondam a passagem pela Ter.. (Esquina 81)

O primeiro caso (34) é mais recorrente no Corpus, com a oração projetada em posição temática. A fala é assim apresentada como algo dado, relacionada a algum aspecto

introduzido anteriormente no texto. A informação nova é realizada pelo processo verbal (“*conta*”) e pela circunstância de modo (“*de um fôlego só*”), ressaltando a forma como o falante interagiu com o jornalista. As orações projetadas são uma citação, marcada pela presença de aspas, relacionando-se a oração projetante por parataxe. Esse caso exemplifica a caracterização do Manual de Redação, citada anteriormente, quanto à importância da citação para que o leitor conheça a personagem da notícia, tendo em vista que sua função no texto é descrever a profissão da entrevistada.

No segundo caso (35), o que está sendo enfatizado é o conteúdo da citação, colocado em posição remática. O processo é seguido por dois pontos, responsáveis por introduzir a oração projetada, também entre aspas. A citação é sucinta e apresenta o ponto de vista de uma pesquisadora, que coloca em dúvida as lendas existentes, contrariando posicionamento do entrevistado apresentado anteriormente. Dessa forma, o jornalista introduz uma fala considerada importante, a informação nova buscando impactar o leitor com opiniões distintas.

Quando a citação está em uma oração autônoma, normalmente existe uma oração anterior a ela, na qual está expresso parte da citação, o falante e o sujeito. Nesses contextos, a citação é mais longa, por isso ela é apresentada em duas partes, como vemos nos exemplos:

36) ...a porta da Madeleine. **“Nem expliquei muito para o padre o que era o candomblé”**, CONTA. **“Deixei a coisa meio por cima, porque não sou louco.”** Vencidas as burocr... (Esquina 96)

37) **“Com esse tipo de colarinho, a silhueta e o rosto se alongam”**, explica Maria. **“O caso não é a grossura do pescoço, é a distância pequena entre a cabeça e o tronco.”** (Esquina 33)

Em 36, o entrevistado relata uma ação na primeira parte da citação, considerada informação dada, que vai ser avaliada na segunda parte, considerada informação nova. Dessa forma, o jornalista enfatiza não o que ele fez, mas a razão do entrevistado para que se comportasse daquela maneira. Ambas as partes constituem uma mesma citação, porém ao dividi-las o jornalista apresenta em posição temática o que é dado e em posição remática a novidade, aquilo a que ele prefere chamar a atenção do leitor.

O mesmo acontece no exemplo seguinte, número 37, em que a oração projetada constitui uma só, mas a sua segunda parte ressalta a explicação dada pelo entrevistado, no caso, o fato de determinado colarinho de camisa ser mais apropriado a pessoas de pescoço curto. Novamente, a novidade é apresentada em posição remática, na segunda parte da oração, para explicar ao leitor algo colocado na primeira parte da citação, em posição temática.

No início deste item, mencionei que a seção Esquina possui citações cuja função é, não só chamar a atenção dos leitores para determinadas informações, como também compartilhar histórias, causos e relatos de situações vividas pelo entrevistado. A existência de tais ocorrências pode ser exemplificada por ocorrências em que há um processo verbal na citação. Nesses casos, a citação contém também outra projeção no seu interior, podendo ser uma reportagem ou uma outra citação. Começarei com a análise de casos em que a projeção é feita na forma de reportagem, por ser o mais comum,

38) Em seguida, criticou Lula: “Ele FICA DIZENDO **que só reconhece, como ex-presidente, o Sarney.** Que conversa fiada é essa? Dizer que é o único ético do país! Tudo dele começa com ‘pela primeira vez neste país’. Daqui a pouco, dirá que foi ele quem abriu os portos, e não dom João VI”. (Esquina 94)

A citação é introduzida pelo processo verbal “criticou” e marcada pela presença de dois pontos (:) e aspas, consistindo do trecho: “Ele fica dizendo que só reconhece, como ex-presidente, o Sarney. Que conversa fiada é essa? Dizer que é o único ético do país! Tudo dele começa com ‘pela primeira vez neste país’. Daqui a pouco, dirá que foi ele quem abriu os portos, e não dom João VI”. Nessa citação, há dois processos verbais: “fica dizendo” e “dirá”. Ambas as orações são acompanhadas de reportagens, “que só reconhece, como ex-presidente, o Sarney” e “que foi ele que abriu os portos, e não Dom João VI”. Nos dois casos, o relato tem como objetivo demonstrar o ponto de vista de Itamar Franco em relação a falas de Lula, reforçado pela utilização da reportagem. A reportagem permite que Itamar reorganize as falas de Lula de forma a reforçar seu ponto de vista. A informação não parece ter sido checada pelo jornalista, já que as

informações relatadas representam o posicionamento do entrevistado e sua percepção sobre Lula.

Em alguns contextos, houve o uso de citação dentro de citação, como mostra o exemplo:

39) “FHC voltara de Washington, onde havia sido homenageado por Clinton. Na mesma tarde liguei para ele a respeito de uma questão do Congresso. Ele DISSE: **‘Roberto, venha cá’**. E eu fui, um dia depois de ele haver estado com o presidente americano. Falou-me do encontro, fez confidências. Saí de lá maior do que eu mesmo. Na volta da posse do Bush, a mesma coisa. Ele me DISSE: **‘Roberto, essa Condoleezza Rice é da direita furiosa. Corrige o presidente, não o deixa falar...’**. Já Lula só me recebeu em 2005. E Dirceu só me chamava para o toma-lá-dá-cá”. (Esquina 01)

O exemplo acima apresenta um relato de caso em forma de citação, na qual o entrevistado cita orações pronunciadas por terceiros. Como o enfoque do texto é a percepção do entrevistado sobre o governo de diferentes partidos e a forma como ele se relacionava com cada um deles, o jornalista não precisa checar as informações. Por meio de sua fala, o entrevistado, Roberto Jefferson, demonstra características de sua personalidade e seu ponto de vista acerca dos dois presidentes (Lula e FHC) e seus governos, elogiando o comportamento de FHC e reforçando esse elogio com a citação literal de conversas ou encontros realizados. A primeira citação, “Roberto, venha cá”, enfatiza a existência de diálogo entre ele e o presidente, enquanto a segunda, “Roberto, essa Condoleezza Rice é da direita furiosa. Corrige o presidente, não o deixa falar...” acentua a intimidade existente entre os dois, ilustrando a troca de informações e as discussões políticas realizadas.

Nesses casos, está implícito que o receptor dessa fala é a pessoa que relata o evento. Essa pessoa é o próprio entrevistado, o que confere uma situação atípica no jornalismo tradicional: citar ou reportar a fala de terceiros, sem que a entrevista ou a situação tenha sido vivenciada pelo jornalista que apura a notícia. Nesses contextos, a credibilidade do entrevistado e da sua fala devem ser questionadas enquanto relato verídico, porém podem ser interpretados como exemplos significativos para que o leitor construa sua visão do entrevistado.

Em alguns casos, o jornalista demonstra ao leitor que checou as informações relatadas, mantendo a credibilidade do relato:

40) Maia havia sido eleito prefeito do Rio pelo PTB. Jefferson e dois companheiros foram à casa dele. “Ele nos recebeu de chinelo. Eu e meus companheiros levamos nossas esposas. Maia conversou conosco por uma hora e não teve a elegância de chamar sua mulher para que nós a conhecêssemos. Sequer nos ofereceu uma água. É errado. Fiquei quieto, mas julguei. Maia nos PERGUNTOU: **‘O que vocês querem?’**. Um companheiro pediu a direção da Comlurb, outro reivindicou não sei mais que cargo. Maia concordou, virou para mim e PERGUNTOU: **‘E você?’**. RESPONDI : **‘Nada, eu já tenho o prefeito’**. Era um teste. Ele gostou tanto da resposta que, no dia seguinte, espalhou-a aos quatro ventos. Se sou eu, não ouço isso em silêncio. Nesse dia, rompi com ele em meu coração. Pensei: ‘Esse homem é pólvora molhada’. Três meses depois, ele estava fora do PTB.” Maia diz que a história é “verdadeiríssima”. (Esquina 1)

O exemplo acima é o relato de um caso acontecido, novamente, com Roberto Jefferson. A história relatada pelo entrevistado e noticiada pela revista é apresentada em forma de citação, entre aspas, simbolizando que seu relato é reproduzido de forma literal. Nela, estão incluídas três citações, tendo como falantes César Maia em duas delas (“O que vocês querem?” e “E você?”) e o próprio Roberto Jefferson (“Nada, eu já tenho o prefeito”). Por ser um caso sobre influência política e troca de favores, ao final do parágrafo, o jornalista sinaliza que a história foi checada com os envolvidos, no caso, César Maia, dando credibilidade ao que foi relatado. Dessa forma, apesar de estar utilizando o recurso da projeção dentro da citação, o jornalista não desmerece a qualidade da informação e deixa claro ao leitor a sua veracidade.

Em suma, com relação à categoria gramatical de citação, é possível dizer que a diferença quantitativa em ambos os Corpora, o de jornalismo literário e o de jornalismo tradicional, indicam a tendência da seção Esquina em privilegiar o discurso literal dos entrevistados, na tentativa de fazer com que os leitores o conheçam pela sua fala. Ao mesmo tempo, no jornalismo tradicional, a intenção é compartilhar apenas as declarações mais chocantes, mais fortes, que condensem informações importantes para o leitor e, com isso, mostrem facetas de seus entrevistados, sendo portanto menos recorrentes que as reportagens. A diferença quantitativa reflete, assim, diferenças de enfoque entre os dois contextos: enquanto o jornalismo literário se concentra sob a fala do entrevistado, as suas escolhas lexicais e construção de significados, o jornalismo tradicional busca sintetizar e reproduzir o conteúdo do que é dito, reservando para as citações apenas aquelas consideradas mais importantes do ponto de vista dos leitores. De acordo com o Manual de Redação da Folha de São Paulo, (2010:39-40), *“quanto menos usado o recurso da declaração textual, mais valor ele adquire”*. Outra diferença entre os dois contextos é a existência de relatos de

experiências vivenciadas pelos entrevistados, em alguns casos apresentando dentro das citações um processo verbal, acompanhado tanto de reportagens quanto de citações. O próximo item trata da descrição e análise dos diferentes contextos em que as reportagens foram utilizadas pelo jornalista, reescrevendo a fala de seus entrevistados.

3.2.2.2 Reportagem

A reportagem consiste do relato de fala no qual o jornalista reproduz o conteúdo do que é dito nas suas próprias palavras. Ela é utilizada para que o leitor tenha acesso ao conteúdo da fala do entrevistado, nos casos em que a informação transmitida não tem tanto impacto, consistindo normalmente de uma síntese e reorganização dos significados compartilhados. A reportagem é, então, uma alternativa à citação, representando a fala do entrevistado em situações específicas.

No caso da Seção Esquina, as reportagens acontecem em dois contextos: como parte de uma sentença, sendo introduzidas por uma conjunção, ou nos casos em que a oração projetante está entre vírgulas, quebrando a oração projetada em duas. Primeiramente discutirei o caso mais recorrente, em que a reportagem faz parte da oração.

41) ...eubeu um e-mail da Noruega, de uma banda blackmetal chamada Still Het. O pessoal DIZIA **que um sonho deles era se apresentar em Pyongyang**. Embora não soubesse bem... (Esquina 29)

No exemplo acima, a fala do entrevistado é recriada semióticamente pelo jornalista e introduzida pela conjunção *que*, estabelecendo com a oração projetante uma relação hipotática. Dessa forma, a construção do significado é mediado pelo jornalista e pela sua percepção da fala do entrevistado. O Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010: 39-40) ressalta a importância da manutenção do significado da fala dos entrevistados, para manter a credibilidade do jornal.

Em outros casos, a reportagem está partida e a oração principal é apresentada entre vírgulas. Nesses contextos, a conjunção não está expressa na oração, mas a relação hipotática entre a oração projetante e a projetada é mantida, como mostra o exemplo:

42) Compareceram mais de quarenta distribuidores. **Mas o que realmente “fez” aLeda**, DIZEM os sócios, **foi a internet**. Inspirados, eles criaram o site da marca antes (Esquina 35)

A oração projetante (*dizem os sócios*) é apresentada entre vírgulas, ressaltando o conteúdo da fala do entrevistado. Em posição temática, encontra-se grande parte da oração projetada (“*Mas o que realmente “fez” aLeda,*”), deixando em posição remática o restante (“*dizem os sócios, foi a internet*”). O rema é constituído da oração projetante e da informação nova, parcela da projetada. Assim, é enfocado o papel da internet no crescimento da empresa, chamando a atenção do leitor para tal fato.

As reportagens são responsáveis pela síntese das falas dos entrevistados ou fontes de informação, sendo importantes para evitar a repetição de palavras ou idéias. A organização das orações projetadas e projetantes, com relação a posição temática e remática, tanto nas citações quanto nas reportagens, pode ser vista como uma forma dos jornalistas de chamarem a atenção dos seus leitores para determinadas informações.

3.2.2.3 Projeções que compartilham características de citação e de reportagem

Algumas das projeções analisadas foram categorizadas como mistas por compartilharem tanto características de citação quanto de reportagem. Esses casos foram analisados separadamente, porque simbolizam novos usos da projeção de falas, não colocados na teoria como uma variedade gramatical.

A tabela a seguir mostra a distribuição desses exemplos nos dois contextos:

	Seção Esquina - revista Piauí		Banco de Português - Jornalístico		Total	
Projeções mistas	19	3,43%	24	4,48%	43	3,95%

Tabela 6. Comparação das projeções mistas na Seção Esquina e no BP-J

De acordo com os dados apresentados acima, é possível observar que as projeções mistas são mais recorrentes no discurso jornalístico tido como tradicional do que no jornalismo literário da Seção Esquina. A diferença, no entanto, é relativamente pequena, cerca de 1%. As projeções mistas são, assim, características do discurso

jornalístico tradicional e do literário, não estando restrita a um dos contextos. Do ponto de vista da inovação da linguagem, esses usos podem ser percebidos nos dois contextos, não estando atrelado, portanto, às especificidades literárias da linguagem da seção Esquina.

A categoria de projeções mistas é realizada, gramaticalmente, de duas formas: quando há citação antecedida por “que” ou quando a reportagem é constituída parcialmente por uma citação. No primeiro caso, o uso de conjunção altera o status da oração projetada, modificando a relação semântica estabelecida com a oração projetada. Ao invés de ser uma citação ou oração paratática, a projetada passa a ser uma oração hipotática, que é a principal característica das reportagens, como é possível observar no exemplo:

43) O geólogo Jurgen Schnellrth, que acompanhou a comitiva, **EXPLICOU QUE “a opala é uma estrutura nanoesférica tridimensional que provoca uma rede de difração, de acordo com uma fórmula matemática que não vem ao caso”**. (Esquina 34)

O processo verbal “explicou” é sucedido pela conjunção “que”, característica de reportagens, projeções hipotáticas, mas o conteúdo da fala do entrevistado é apresentado em forma de citação, colocada entre aspas e reproduzindo literalmente o que foi dito (“a opala é uma estrutura nanoesférica tridimensional que provoca uma rede de difração, de acordo com uma fórmula matemática que não vem ao caso”).

44) micos) para rebater críticas feitas por Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Lula **DISSE QUE a “história vai se encarregar de mostrar quem é o Pinóquio”**, como FHC (folha/julho)

O exemplo 44 foi retirado do corpus de jornalismo tradicional, mostrando que em ambos os contextos ocorre a mesma coisa: o processo é sucedido pela conjunção “que”, alterando o status da oração de paratática para hipotática, e seguida por uma citação literal da fala do entrevistado, apresentada entre aspas (“a história vai se encarregar de mostrar quem é o Pinóquio”).

Uma possível explicação para tais ocorrências é a inserção de características de discurso elaborado, tornando assim os textos jornalísticos dos dois contextos mais complexos.

Nos casos em que a reportagem é constituída parcialmente por uma citação, o que está em questão é o posicionamento e o uso das aspas, marcando especificamente o trecho que está sendo citado literalmente.

45) ...os e está sempre de sapatos pretos lustrosos. Com ar formal, quase severo, ele **INFORMA QUE as rainhas “são as tops das abelhas”**. Cada colméia tem cerca de mil (Esquina 75)

46) Ao saber da notícia, Marsiglia **DISSE QUE tem a missão de manter a “imagem internacional da arbitragem brasileira”**. Brasileiros apitaram as finais das Copas de 82 (Arnaldo César Coelho) e de 86 (Romualdo Arppi Filho). (folha/abril2)

O primeiro exemplo, 45, é da seção Esquina; o segundo, do Banco de Português - Jornalístico. Em ambos, o processo verbal é seguido pela conjunção “que” e pela reportagem (“as rainhas ‘são as tops das abelhas’/ “tema missão de manter ‘a imagem internacional da arbitragem brasileira’”). A conjunção introduz uma oração hipotática, sendo parcialmente reconstruída pelo jornalista e parcialmente citada literalmente, entre aspas (“são as tops das abelhas”/ “a imagem internacional da arbitragem brasileira”). Essas citações trazem opiniões marcantes, possivelmente colocadas entre aspas para ressaltar o fato de terem sido ditas pelos entrevistados.

A utilização de projeções mistas tem como função, nos dois contextos, manter as orações projetadas em hipotaxe. Ao mesmo tempo, naqueles casos em que a reportagem é parcialmente citada, o jornalista chama a atenção do leitor para a fala de seus entrevistados.

As diferentes formas de projeção foram encontradas em diferentes contextos de uso e de realização, com diferentes funções. Enquanto as citações tinham como principal motivação a expressão de relatos de causos, pontos de vista ou aspectos da personalidade dos entrevistados, as reportagens tinham como intuito a reprodução de falas em uma organização léxico-gramatical escolhida pelo jornalista. A utilização dos dois recursos permite que o jornalista apresente diferentes aspectos da sua interação com o entrevistado ou com as fontes de informação, trazendo diferentes vozes ao texto jornalístico. A utilização das projeções mistas, nesse sentido, apresenta-se como uma outra forma de realização de projeções que compartilhem características de citação e de reportagem, chamando a atenção do leitor para determinadas passagens e mudando a

relação estabelecida entre a oração projetada e a projetante, no que tange a parataxe ou a hipotaxe.

A próxima categoria gramatical a ser analisada é a das circunstâncias, especificamente as circunstâncias de ângulo e assunto, que estão diretamente relacionadas aos processos verbais. Diferentemente das verbiagens e das projeções, as circunstâncias não estão necessariamente relacionadas ao uso de processos verbais na oração, embora indiquem a existência de uma ação verbal, de uma situação de fala.

3.2.3 Circunstâncias

As circunstâncias possuem status diferenciado das verbiagens e projeções, consistindo de grupos preposicionais ou adverbiais. Elas são elementos optativos na construção das orações, que não tem potencial para se tornar sujeito. Dois tipos de circunstâncias estão atrelados aos processos verbais, as de ângulo e as de assunto.

As de ângulo funcionam como alternativas às projeções, indicando o Dizente e implicando em uma situação verbal, porém todos os significados compartilhados na fala estão colocados em uma oração autônoma. São importantes no discurso jornalístico por não dependerem da existência de um processo verbal e permitirem a variação de tipos de orações e processos. Na seção Esquina, foram utilizadas em diferentes contextos, normalmente associados a tentativa do jornalista de chamar a atenção do leitor para quem é o Dizente da oração, quem é o entrevistado ou a fonte de informação utilizada.

As circunstâncias de assunto, ao contrário da de ângulo, enfocam o conteúdo do que é dito em alguma situação verbal. São mais sintéticas do que as projeções, assemelhando-se ao caráter descritivo percebido nas verbiagens. Assim como as verbiagens, por não realizam a fala de ninguém, seja de forma literal ou não-literal, apenas indicando aos leitores da Esquina a interação existente entre jornalista e entrevistado, quais assuntos foram abordados na entrevista ou em diferentes situações de fala. O próximo item trata especificamente das circunstâncias de ângulo, por serem mais frequentes no corpus da Seção Esquina.

3.2.3.1 Circunstância de ângulo

As circunstâncias de ângulo, como disse anteriormente, são alternativas ao uso de projeção, embora constituam categorias gramaticais distintas. As projeções são orações hipotáticas ou paratáticas, cuja função é reproduzir o conteúdo da fala. Já as circunstâncias, permitem que a fala seja reportada e seja atribuída, não sendo necessário realizar o processo verbal.

A partir da análise dos processos verbais, encontrei apenas algumas ocorrências de circunstâncias de ângulo, as quais eram utilizadas apenas com os processos verbais. As listas de palavras de ambos os corpora indicaram outras palavras que poderiam funcionar como circunstâncias de ângulo:

	Seção Esquina - revista Piauí		Banco de Português - Jornalístico	
Segundo	45	0,04%	1917	0,05%
De acordo com	8	0,007%	534	0,01%
Como	28	0,028%	277	0,008%
Conforme	7	0,006%	269	0,007%
Total	88	0,08%	2997	0,08%

Tabela 7. Diferenças percentuais de itens lexicais que podem representar circunstâncias de ângulo em jornalismo literário e em tradicional

A tabela 7 demonstra que a proporção de uso de circunstâncias de ângulo, com relação ao total de palavras diferentes existentes nos textos, é igual nos dois corpora. Ou seja, seu uso independe do contexto em que as orações estão inseridas, existindo exemplos tanto em jornalismo literário como em jornalismo tradicional.

As circunstâncias de ângulo podem introduzir tanto citações literais, como reportagens de fala. O exemplo a seguir ilustra o primeiro caso:

47)No festival de 2007, a empresa de refrigerantes vai desembolsar cerca de 5 milhões de reais. **SEGUNDO** Marcos Simões, diretor de comunicação da empresa, a dinheirama é gasta “no patrocínio aos bois e nos gastos para transportar até Parintins, hospedar confortavelmente e acomodar no bumbódromo cerca de 200 formadores de opinião do país e do exterior”. (Esquina 72)

A oração apresenta em posição temática a circunstância de ângulo, formada por “segundo”, “Marcos Simões”, o falante e sua qualificação “diretor de comunicação da

empresa”. Dessa forma, a circunstância é tida como informação velha e o que está sendo ressaltado é a informação nova, o rema, no qual o falante explica que o dinheiro é gasto em patrocínio e em acomodação de formadores de opinião. A organização da oração permite que certas informações sejam ressaltadas, no texto, pelo jornalista. Nesse caso, está sendo ressaltada a citação do entrevistado, colocada entre aspas, indicando que sua reprodução é literal.

Há contextos em que as falas dos entrevistados são reconstruídas pelo jornalista, associadas às circunstâncias de ângulo, como em:

48) A batalha maior de Zezinho é provar a existência de direito do Condomínio dos Diários Associados, “pois existir de fato, todos sabem que ele existe”. COMO DIRIA Nelson Rodrigues: **podemos apalpá-lo, farejá-lo, tomar-lhe dinheiro emprestado**. Bem, isso talvez não. Não há um CNPJ único que responda pelo grupo — apenas os 22 CPFs que Chatô determinou. Assim, não é possível executar os sócios nos processos de falência. (Esquina 05)

Nesse outro exemplo, a circunstância de ângulo é formada por “como”, o processo verbal “diria” e o nome do falante, “Nelson Rodrigues”. Apesar da existência dos dois pontos, a fala está sendo reportada (“podemos apalpá-lo, farejá-lo, tomar-lhe dinheiro emprestado”), já que não há o uso de aspas para marcar a citação literal. O uso da circunstância de ângulo reafirma a posição de Nelson Rodrigues como autoridade, a qual o jornalista recorre para provar um determinado ponto de vista. A menção à fala de Nelson Rodrigues, nesse contexto, é apresentada de forma irônica, já que Zezinho está processando os Diários Associados e, por uma manobra política, não é possível executar os sócios nos processos de falência. A sua fala reafirma o absurdo da situação e o impasse promovido pela legislação.

Os exemplos demonstraram que o uso de circunstâncias de ângulo pode ser útil, tanto na citação como na reportagem, em diferentes contextos. Ela pode simplesmente funcionar como atribuição de fala a determinada fonte de informação, como pode também introduzir falas de autoridades, pessoas reconhecidas do público, como Nelson Rodrigues. Esses exemplos estão presentes tanto no corpus de jornalismo literário como no Banco de Português, demonstrando que seu uso não está diretamente relacionado a um dos contextos.

3.2.3.2 Circunstância de assunto

As circunstâncias de assunto, apesar de possuírem status gramatical diferente das verbiagens, podem também introduzir passagens descritivas no texto, na medida em que representam a síntese do conteúdo da fala. Foram encontrados exemplos apenas na Seção Esquina, consistindo 2,35% das orações, o que reforça a noção de que a linguagem utilizada pela revista varia mais na utilização de diferentes itens gramaticais e funcionais em contextos com processo verbal.

49)...”O primeiro carro me obedeceu e desligou. Quando fui no outro, o prefeito me PERGUNTOU **se tinha mesmo que abaixar**. Eu disse que era a lei. Se eles não... (Esquina 50)

A circunstância “se eu tinha mesmo que abaixar” esclarece o assunto ou tema da pergunta feita, sendo realizada por um grupo preposicional, marcado pela presença de ‘se’. É considerada circunstância por apresentar a preposição e por funcionar independentemente do verbo.

Não foram encontrados exemplos dessas circunstâncias nos textos de jornalismo tradicional, o que pode indicar que seu uso seja restrito ao contexto de jornalismo literário. Assim como as verbiagens, as circunstâncias de assunto também foram categorizadas como passagens descritivas por permitirem ao jornalista especificar o assunto ou tema tratado nas entrevistas, sem apresentar ao leitor o conteúdo do que foi dito ou o ponto de vista defendido pelo entrevistado. Tal fato reforça a propensão do jornalismo literário de trazer aspectos da interação do jornalista com o seu entrevistado, de forma mais sintética, como discuti no item 3.2.1 sobre as verbiagens.

A análise das diferentes formas de relato da fala dos entrevistados presentes no discurso da Esquina demonstrou algumas das características do jornalismo literário, como a descrição, a presença de passagens narrativas em que o entrevistado conta histórias cotidianas, o interesse pela sua fala e pela sua representação, nos textos, de forma literal. Essas características estão diretamente relacionadas a apropriação de elementos da linguagem literária para tornar as notícias e textos jornalísticos mais atraentes ao leitor. Essas falas são organizadas no texto e na oração de forma que o

jornalista chame a atenção do seu leitor para determinadas informações, consideradas relevantes.

3.3 Outras características da linguagem da seção Esquina

Uma das preocupações do jornalismo literário é buscar uma linguagem que se aproprie de elementos literários para entreter o leitor, sem perder a qualidade da informação a ser transmitida. Em alguns contextos, a linguagem utilizada no corpus de estudo representava uma transformação no significado comum atribuído a certos itens lexicais, consistindo em metáforas ideacionais.

As metáforas ideacionais encontradas no corpus podem ser caracterizadas, no jornalismo, como cacoetes de linguagem. A apropriação de elementos literários na linguagem dos textos da Esquina permitiu a inclusão de cacoetes de linguagem típicas de outros contextos, contrariando as sugestões apresentadas no Manual de Redação da Folha de São Paulo.

3.3.1 Usos metafóricos de processos e os chamados cacoetes de linguagem

A metáfora ideacional consiste da variação semântica de um mesmo verbo, atuando como diferentes tipos de processos em contextos distintos. Pretendo discutir, nesse item, alguns dos exemplos de metáforas ideacionais que constituem cacoetes de linguagem.

O item lexical ‘conta’ apareceu, conjuntamente com o verbo ‘dar’, formando um grupo usado metafóricamente como processo mental:

50)...dois filhos de outro casamento”. A moça olha para o chão, desalentada, DANDO-SE CONTA da situação desesperadora. O ex-governador implora: “Glauciane, faça um ap... (Esquina 80)

51)... to o negócio da sua vida. Mais exatamente, de duas vidas: ele não tinha se DADO CONTA de que o espanhol não estava negociando em moeda brasileira. Saiu da corre... (Esquina 97)

Nesses trechos, o verbo ‘dar’ aparece em diferentes flexões verbais, com a presença da partícula ‘se’ reflexiva. São considerados metáforas ideacionais, expressões em que o significado está mais próximo de ‘perceber, entender, notar’. Esses significados estão associados a processos mentais. No excerto 50 a oração reduzida (*da situação*

desesperadora) funciona como uma oração projetada hipotática, reproduzindo um pensamento, uma sensação percebida pela moça. O exemplo 51 apresenta uma oração hipotática (*de que o espanhol não estava negociando em moeda brasileira*), a projeção de uma idéia do entrevistado.

A utilização do grupo 'dar conta' como metáfora ideacional também apresenta alguns contextos em que o significado não está associado ao âmbito mental, mas sim ao material:

52)... Extra! Extra! Flamengo contrata Maradona! ::Garrincha garante que o craque DÁ CONTA do recado:: Depois de mais uma temporada vitoriosa na qual foi o vice-art... (Esquina 99)

53)...a senhora), contracenando, quando necessário, com algum figurante humano que DÉ CONTA da porção Marquês de Sade. Enquanto correm as imagens, o espectador ouvirá... (Esquina 88)

54)...vel" nas listas oficiais das espécies ameaçadas da fauna nativa. Mas o trio DEU CONTA do recado. Pode-se até dizer que ergueu bem alto as cores do nosso lábaro... (Esquina 84)

Nos três casos, 'dar conta' significa 'desempenhar uma tarefa de acordo com o esperado'. O sentido pode ser considerado material na medida em que trata da realização de atividades, como jogar o jogo (em 52), atuar (em 53 e 54).

Outros exemplos de metáforas ideacionais relacionados ao uso do verbo 'mandar':

55)...ebeu que certos pássaros, com a idade, já não posavam para a posteridade como MANDA o figurino da taxidermia: imóveis. lam aos poucos tombando em seu poleiro,... (Esquina 52)

56)...conta). Devidamente cadastrada no Radar da Receita Federal, aLeda exporta como MANDA o figurino. Cerca de 98% de seu mercado é internacional. A nossa "seda"... (Esquina 35)

57)...beça o chapéu de couro trazido de trilhas na Patagônia. A mochila, surrada como MANDA o figurino do andarilho, ostentava um escudo nepalês, souvenir de uma... (Esquina 28)

Em 55, 56 e 57, o verbo 'manda' é acompanhado do nome 'figurino' e é expresso em uma oração encaixada. Essa oração encaixada tem como função definir e qualificar a forma como as ações principais das orações de dão ou, no caso de 57, para demonstrar características do nome antecedente, a mochila. Não foram considerados exemplos de processos verbais porque apresentam um participante simbólico, aproximando-os de significados relacionais. São ocorrências em que há um sentido metafórico, já que um figurino não pode mandar ou regular o comportamento das

peessoas e seu componente estético. A utilização do verbo mandar, associado ao participante não-consciente, aponta para sua caracterização como processo simbólico. Tal interpretação é possível tendo em vista a descrição dos processos verbais em Halliday & Mathiessen (2004: 254-255), em que há aqueles usos de verbos mais próximos da fronteira entre os verbais e os relacionais, representados pelo uso do presente e de um participante denotando uma fonte simbólica.

No Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010: 56-57), os cacoetes de linguagem são definidos como “*expressões pobres de valor informativo e, portanto, dispensáveis em textos noticiosos (...) ou modismos e chavões que vulgarizam o texto jornalístico*”. Entre os cacoetes enumerados pelo manual, estão usos metafóricos como: *abrir com chave de ouro, aparar as arestas, atirar farpas, bater de frente com alguém, causar espécie, chegar a um denominador comum, detonar um processo, correr por fora, dispensar apresentação, fazer por merecer, trair-se pela emoção*. O próprio manual aponta, no entanto, que essas expressões podem assumir diferentes papéis, dependendo do tipo de texto em que foram publicadas. Embora seu uso não seja aconselhável em textos noticiosos, “*às vezes elas podem dar cor ou ironia a um texto mais leve, como sides, features e colunas assinadas*”. No caso da revista Piauí, apesar de não seguir um manual de redação específico e dos textos analisados não serem colunas assinadas, o uso de metáforas ideacionais pode ser interpretado como uma tentativa de dar leveza ao texto e, pela linguagem, aproximar-se dos seus leitores, relacionando-se assim com as preocupações do jornalismo literário de trazer elementos da linguagem literária para o texto jornalístico com o intuito de deixá-lo mais palatável ao leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apontou as principais características da linguagem utilizada na Seção Esquina da revista Piauí, comparando com o Banco de Português - Jornalístico (DIRECT/LAEL), a partir da análise dos processos verbais. O quadro abaixo sintetiza as principais características encontradas nessa análise:

Características de linguagem	Realização léxico-gramatical	Esquina	Banco de Português - Jornalístico
Enfoque na personagem da notícia	Dizente + Elaboração	X	X
	Citação	X	X
	Reportagem	X	X
	Projeção mista	X	X
	Circunstância de ângulo	X	X
Coesão textual - Outras menções ao Dizente	Dizente - nome próprio	X	X
	Dizente - pronome pessoal	X	X
	Dizente elíptico	X	X
Vivência do jornalista ou do entrevistado	Receptores	X	X
	Alvo	X	-
Descrição da fala	Verbiagem de conteúdo	X	X
	Verbiagem de nome	X	-
	Circunstância de assunto	X	-

Quadro 3. Comparação entre as principais características da linguagem e sua realização léxico-gramatical encontradas em jornalismo literário e/ou BP-J

O quadro 3105 mostra que a maioria das características abordadas no capítulo 3 são compartilhadas pelos dois contextos, embora hajam diferenças de uso. Dado aspectos do português, independente do contexto em que se inserem os textos, os aspectos coesivos (referência e elipse) são os mesmos e ocorrem de maneira análoga. A

realização de Dizes associada a extensão é uma demanda do discurso jornalístico em tradicional, já que no Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010) existe essa indicação, que também é realizada no literário. Sua utilização apresenta características ao leitor, contextualizando-o sobre a pessoa e sua relação com o tópico tratado.

A menção ao receptor também faz parte do contexto jornalístico em geral, embora seja mais frequente nos exemplos de jornalismo literário. Sua utilização traz informações do contexto de entrevista ou apuração da notícia ao leitor.

Percentualmente maior no jornalismo literário, as citações ou reproduções literais da fala dos entrevistados permitem que o leitor conheça o entrevistado e suas opiniões ou vivências. Enquanto o jornalismo literário privilegia dar voz diretamente ao entrevistado, o jornalismo tradicional utiliza mais reportagens, ou seja, orações reconstruídas pelos jornalistas, utilizando as citações somente quando o que é dito causa impacto no leitor. A diferença no posicionamento dos veículos de informação, nesse sentido, é decorrente do contexto, demonstrando que o enfoque do jornalismo literário é o entrevistado, a reprodução de suas falas e histórias.

O fato da Seção Esquina apresentar alvo, verbiagens de nome e circunstâncias de assunto, ao passo que tais ocorrências não foram encontradas no BN-J, indica a tendência descritiva do jornalismo literário, contextualizando o leitor quanto às diferentes pessoas envolvidas na interação vivida na entrevista e apresentando de forma sintética alguns aspectos da fala do entrevistado.

A seção Esquina utilizou projeções dentro de projeções com processos verbais, acompanhados de citação ou reportagem em citação. São exemplos de contextos específicos, em que o entrevistado relata um caso ou uma história que é reproduzida literalmente pelo jornalista. Esse tipo de uso está relacionado à tendência da seção Esquina de focar a pessoa e a sua fala, demonstrando o interesse jornalístico e social no cotidiano dos entrevistados e nas características da personalidade do entrevistado.

As projeções mistas ocorrem nos dois contextos, permitindo que orações elementos que estão em forma paratática sejam adaptadas ou recortadas e introduzida na oração hipotática, mantendo a indicação de discurso é literal. Sua utilização tem a função de chamar a atenção do leitor a determinadas expressões ditas pelo entrevistado.

Por fim, a análise qualitativa dos processos verbais da Seção Esquina apontou diferentes usos, entre eles o de metáforas ideacionais. Em alguns casos, os verbos e expressões representavam metáforas por funcionarem com diferentes funções na oração, expressando diferentes significados. Essas expressões são definidas pelo Manual de Redação da Folha de São Paulo (2010) como cacoetes de linguagem e devem ser utilizados apenas nos textos em que o jornalista pretende tornar mais leve para o leitor ou nos contextos em que há ironia.

Neste trabalho, busquei mostrar elementos léxico-gramaticais e características de linguagem que sejam compartilhadas ou distintas em diferentes contextos jornalísticos, descrevendo os principais características da linguagem do jornalismo literário. Meu objetivo foi contribuir para uma visão crítica da atividade jornalística e da linguagem utilizada em diferentes contextos jornalísticos, enfocando na descrição de aspectos da linguagem do jornalismo literário por não haver manuais de redação ou estudos sobre esse contexto em LSF. A análise aqui apresentada não exaure a discussão, apenas traz a tona diferentes elementos a serem pensados quando um texto jornalístico está sendo escrito ou lido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbara, Leila e Gouveia, Carlos. 2001. It is not there but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese. São Paulo: Direct Papers. Disponível: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers46.pdf>. Acessado em 18/02/2011, 16:30 horas.

Barros Filho, Clóvis e Sá Martino, Luís Mauro. 2003. O habitus na comunicação. São Paulo: Paulus.

Berber Sardinha, Tony. 2010. Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools.

Caldas-Couthard, C. R. 1997. News as social practice. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/ UFSC. (Advanced Research English Series, n1)

Colombo, Sylvia. 2006. Jornalismo literário e ficção marcam estréia da revista Piauí. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64970.shtml> . Acessado em 09/03/2011. 14:00 horas.

Comunique-se. 2006. Revista Piauí estréia com proposta inovadora. Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsshow.asp?editoria=8&idnot=32111> . Acessado 09/03/2011. 14:00 hrs.

Dines, Alberto. 2009. O papel do jornal e a profissão do jornalista. São Paulo: Summus.

Genro Filho, Adelmo. 1987. O segredo da pirâmide- Para uma teoria marxista do jornalismo. Publicado em 1996, Revista da Fenaj. ano I, n.1.

Gouveia, Carlos. e Barbara, Leila. 2001. Marked or unmarked that is NOT the question, the question is: Where's the Theme?. São Paulo: Direct Papers. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers45.pdf> . Acessado em 18/02/2011, 16:30 horas.

Gouveia, Carlos e Barbara, Leila. 2003. Tema e estrutura temática em PE e PB: um estudo contrastivo das traduções portuguesa e brasileira de um original inglês. São Paulo: Direct Papers. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers48.pdf> . Acessado em 18/02/2011 as 16:40 horas.

Habermas, Jurgen. 2003. Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Halliday, M. A. K. 1982. El lenguaje como semiótica social - la interpretación social del lenguaje y del significado. México: Fondo de Cultura Económica. (tradução de Jorge Ferreiro Santana).

Halliday, M.A.K. 1985. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold.

Halliday, M.A.K. 1994. An introduction to functional grammar. London: Edward Arnold.

Halliday, M.A.K e Mathiessen, C. 2004. An introduction to Functional Grammar. Londres: Hodder Arnold.

Hasan, Ruqaiya. 1996. *Ways of Saying, ways of meaning*. In: Cloran, Carmel; Butt, David e Williams. (eds). 1996. Ways of saying: ways of meaning - Selected papers of Ruqaiya Hasan. Cardiff: Cassel. Open Linguistic Series. p. 191-242.

Marcondes Filho, Ciro. 1984. *Imprensa e Capitalismo*. In: Marcondes Filho, Ciro J. R. (org). 1984. Imprensa e Capitalismo. São Paulo: Kairos.

Martin, J. R. e Rose, D. 2008. Genre Relations: mapping culture. Londres: Equinox.

Martin, J. R. e White, P. 2005. The language of Evaluation. Nova York: Palgrave/ Macmillan.

Mídia Kit - revista piaui : <http://revistapiaui.estadao.com.br/anuncio> acessado em 22/02 as 10:00 hrs.

Melo, José Marques de. 1973. Sociologia da imprensa brasileira. Petrópolis: Vozes.

Moreira Salles, João. 2006. *Ouvido, Instinto e Paciência*. In: Remnick, David. 2006. Dentro da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, p. 567-575.

Park, Robert E. *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento*. In: Steinberg, Charles S., (org.) 1972. Meios de Comunicação de Massa. São Paulo: Cultrix, p. 168.

Sartin, Fabíola. 2008. Os recursos lexicogramaticais de Atitude no discurso e dois professores universitários. Tese de doutorado. PUC-SP.

Scott, M. R. 2007. WordSmith Tools 4.0. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press.

Silva, Francilene de Oliveira. 2010. Protagonistas do cotidiano na revista Piaui. Dissertação de mestrado. Universidade Metodista de São Paulo.

Siqueira, Carolina. 2000. Análise temática em estudos de tradução: O caso de relatórios anuais de empresas brasileiras. Dissertação de mestrado. PUC-SP.

Soares, João Paulo. 2008. Estudo sistêmico-funcional da estrutura lógica em artigos de revista em inglês. Dissertação de mestrado. PUC-SP.

Sobhie, Mauro. 2008. Análise comparativa de avaliação em press releases e notícias. Tese de doutorado. PUC-SP.

Tavela, Marcelo. 2007. João Moreira Salles fala sobre a revista Piauí e evita o jornalismo literário. Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl>
Acessado em 09/03/2011 as 14hrs.

Ventura, Carolina e Lima Lopes, Rodrigo. 2002. O tema: caracterização e realização em português. São Paulo: Direct Papers. Disponível em: <http://www2.lael.pucsp.br/direct/DirectPapers47.pdf> . Acessado em 18/02/2011, as 16:35 horas.

Wolfe, Tom. 2005. Radical chique ou O novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras.

Vários colaboradores. 2010. Manual da redação da Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha.

ANEXO 01

Pavlova, Adriana. 2007. O espírito dos santos modernos. Disponível em: <http://www.revistapiui.com.br/artigo.aspx?id=214&anteriores=1&anterior=22007>. Acessado em 15/02/2009, às 12h.

O Espírito Santo dos modernos

::Filas e empurra-empurra para ovacionar um cinqüentão calvo investigado Justiça::

São 5h30m do dia 9 de janeiro. Da janela do hotel em frente ao Moscone Center, centro de convenções no miolo de São Francisco, dá para ver a multidão de gente encasacada que se aglomera ali desde as 21 horas do dia anterior. Na TV, reportagens ao vivo reproduzem a excitação que precede a abertura dos portões. Faltam menos de quatro horas para o tão ansiado show. Cada ingresso custou 215 dólares. Há quatro mil lugares disponíveis, disputados a tapa, cotovelada e pisão por homens e mulheres que parecem dispostos a tudo para chegar o mais perto possível de seu ídolo. A imprensa também se estapeia. Vindos de toda parte do mundo, mais de quatrocentos jornalistas precisam garantir o melhor lugar para cobrir o espetáculo. Todo ano é assim, e a coisa só piora quando fãs e imprensa desconfiam que, caso entrem, poderão estar diante de uma nova mania planetária.

“Estou tão nervoso que nem dormi direito”, revelou Brett Thomason, de 23 anos, à piauí. Era a sua primeira vez. “Fiquei dez anos sonhando com esse momento... Nem acredito que é verdade”, disse ele, com os olhos rútilos de um personagem de Nelson Rodrigues. Thomason integra uma das tribos de adoradores que dentro em pouco entrará no auditório, nerds que cresceram ou envelheceram embalados pelos sucessos criados por seu ídolo.

Depois de horas de espera e empurra-empurra, a manada ocupa o auditório aos trambolhões. Homens e mulheres de aparência bem comportada abandonam de vez a etiqueta e se estapeiam para garantir lugar na fila do gargarejo. A trilha sonora está a todo volume. Tem Coldplay, Gorillaz, muito U2 e James Brown — “I Feel Good”. Pelo mapa da acomodação final, estão jornalistas de um lado, convidados e aspirantes a celebridade no meio e público em geral pelo resto do salão.

Dezenas de câmeras de televisão se aprontam para o momento. Flashes pipocam. Um telão gigantesco, de altíssima definição, na parte central do palco. Uma voz anuncia que vai começar. A platéia aplaude, ansiosa.

E Steve Jobs sobe ao palco.

É aplaudido desvairadamente. Como um tribuno bolchevique prestes a tomar o palácio de inverno, ele anuncia a que veio: “Hoje vamos fazer história, juntos!”. Urros de prazer na platéia. Jobs — presidente, CEO e verdadeira CPU da Apple Computer Inc.— está em cena. Poucos hesitariam em dizer que se trata de algo infinitamente mais eletrizante do que qualquer show de rock.

Jobs adota procedimentos de estrela. Arredio a jornalistas, nunca dá entrevistas e raramente fala em público. Certeza de que ele aparecerá ao vivo, só mesmo aqui, na palestra de abertura da Macworld, a feira anual da Apple, na qual costuma fazer um balanço das conquistas da marca da maçã (imensas, nos últimos anos) e, sobretudo, anunciar novidades. Foi na Macworld que o empresário apresentou ao mundo o iMac e o tocador de música iPod.

Jobs fundou a Apple nos anos 70. Uma década depois, os acionistas o puseram para fora da empresa. A Apple amargou prejuízos e ele foi convidado a voltar. Tudo ia muito bem, até que estourou o escândalo financeiro. Como tantos outros altos executivos, Jobs também é remunerado com ações da companhia. No final do ano passado, a Apple engrossou a lista de empresas investigadas pelo governo americano por irregularidades em transações com ações. Jobs e outros diretores teriam falsificado as datas de posse de suas ações (o chamado backdating). Com isso, teriam gerado lucros artificiais e se beneficiado financeiramente. Se for verdade, os acionistas amargaram um prejuízo de cerca de 80 milhões de dólares. Logo depois da divulgação da notícia, as ações da Apple chegaram a cair 6%. Jobs sobe ao palco do Moscone californiano para provar a si e ao resto do mundo que continua soberano.

Aos 51 anos, calvo, o megaempresário veste o figurino oficial do Vale do Silício: tênis, calça jeans e blusa de malha. Jobs sabe se transformar num apresentador que cativa a massa — embora a platéia de macmaníacos já seja cativa e dócil ao extremo. Risonho, piadista, seu discurso é mais ensaiado do que os do presidente Bush. Nos dias que antecedem a palestra, treina à exaustão, à base de missô e sucos de fruta. Três aparelhos de teleprompter espalhados pelo palco servem de cola.

O público sabe quando aplaudir e não o deixa falar por mais de dois minutos sem uma nova salva de palmas. Jobs faz troça dos concorrentes, solta comentários engraçadinhos sobre a Microsoft de seu arqui-rival Bill Gates. As cifras mostram que o iPod, anunciado há seis anos, é hoje o tocador de MP3 mais vendido no mundo. A loja virtual de música iTunes chegou à marca de 2 bilhões de músicas vendidas. Palmas e mais palmas. Ele exhibe os novos comerciais dos iPods. Mais palmas ainda.

São agora 9h26m. Jobs começa a tirar seus coelhos da cartola. Anuncia a Apple TV, chamada por ele de “tocador de DVD do século XXI”. Quinze minutos depois, dá a deixa: “Este é o dia pelo qual venho esperando há dois anos e meio”. Confirmando a apoteose, declara: “Hoje a Apple vai reinventar o telefone!”. O rebanho reage como se visse a Virgem — surge, finalmente, o iPhone.

Depois da agonia, o êxtase. Jobs lista os atrativos do mais novo objeto de desejo concebido pela Apple. Seu telefone celular acaba com o teclado padrão. Como o mundo já aprendeu, o iPhone é uma tela interativa que se modifica segundo a vontade do usuário. Jobs aciona o comando de exibir as ações da Bolsa — imediatamente, surgem no telão as ações da Apple em franca ascensão. Teatro da melhor qualidade. Delírio.

Jobs ensaia a despedida. Informa que a palavra “computer” deixa de fazer parte do nome oficial da Apple e se retira do palco. Como encerramento, um pocket-show do cantor pop John Mayer. Depois que ele canta duas músicas, a estrela do dia, e talvez da semana, volta à cena. Aplausos e mais aplausos. No total, mais de sessenta rodadas de aplausos. São 11h10m. Fim do show.

No telão, surge a foto em preto-e-branco de um Jobs garoto, ao lado do amigo Steve Wozniak, nos tempos em que fundaram a Apple. Jobs desce até a platéia e, cercado por centenas de jornalistas, faz questão de cumprimentar os colaboradores. Wozniak, hoje consultor da Apple, é um deles. Imodesto, ele disse à piauí: “Nessa foto nós tínhamos nossos 20 e poucos anos, mas sabíamos que estávamos fazendo uma revolução”.

Lá fora, na feira, uma multidão se acotovela para ver iPhones que giram em vitrines. Para alguns funcionários da Apple, trabalhar na empresa é uma espécie de missão divina. Um deles diz: “Não temos horário, às 2 da manhã a sede está lotada de gente trabalhando sem parar. Mas me sinto recompensado. Sou um macmaníaco que ainda por cima ganha salário para estar próximo das idéias de Steve Jobs”.

Diante da vitrine com o iPhone, Brett Thomason, o rapaz que passou dez anos à espera de encontrar Steve Jobs, fotografa o aparelho. “Não tem gente que vai ao museu ver a Mona Lisa? Eu vim para ver o iPhone.”

ANEXO 02

Bárbara, Vanessa. 2006. Carro anfíbio causa ceticismo. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=330&anteriores=1&anterior=112006> . Acessado em 15/02/2009, às 12:05 hrs.

Carro-anfíbio causa ceticismo

::Splash:elegância de um pato a um custo de cinco Ferraris::

A história dos carros-anfíbios tem capítulos surpreendentes. Um deles se desenrolou às 7 da noite do dia 2 de fevereiro de 2004, quando um Buick 1959, verde-abacate, zarpou de uma praia a leste de Havana com onze cubanos a bordo. O objetivo era atravessar os 140 quilômetros que separam Cuba da costa dos Estados Unidos. Chegando ao destino, o veículo aportaria na areia, engataria a segunda e, presumivelmente, entraria à direita na Sombrero Boulevard. Um dia depois da partida, contudo, a Guarda Costeira o interceptou a 16 quilômetros de Marathon, na Flórida. Quando as autoridades mandaram o Buick encostar, seus tripulantes e passageiros — seis adultos e cinco crianças — desceram do capô, onde tomavam sol, pularam para dentro do carro e fecharam os vidros. Ficaram ali, olhando para a frente, fingindo que não era com eles. Não deu certo. Foram presos na hora.

A Guarda Costeira pediu aos tripulantes que ajudassem a afundar o Buick. Tarefa aparentemente impossível. “Nós embutimos isopor em todos os compartimentos do carro. Se ele fosse jogado no mar de uma altura de três andares, mesmo assim boiaria”, explicou o engenheiro mecânico Luis Grass Rodriguez a uma revista americana de automóveis. Se tivessem concluído a travessia, os cubanos ganhariam o direito de permanecer nos Estados Unidos. Como isso não aconteceu, iniciaram-se os procedimentos de repatriação. Com medo de voltar a Cuba, Luis Grass e sua família conseguiram asilo na Costa Rica. Os outros foram devolvidos à ilha.

Para adaptar o Buick à navegação em alto-mar, o engenheiro e seu amigo Marciel Basanta Lopez gastaram 4 mil dólares. As portas do carro foram vedadas e a parte da frente ganhou uma legítima proa de aço, que os construtores tiveram o capricho de pintar do mesmo tom verde-abacate do automóvel. Propulsores ligados ao motor original do Buick, um v-8, fizeram as vezes de hélice. Os pneus foram mantidos. O leme foi controlado por cabos conectados ao volante. O anfíbio verde-abacate singrou os mares a uma velocidade de 10 quilômetros por hora.

Um mês depois, enquanto alguns dos cubanos repatriados retomavam as tentativas de

boiar até a Flórida — desta vez num táxi azul, um Mercury 1948 —, a empresa suíça Rinspeed lançava Splash, o carro-anfíbio mais veloz do mundo. Com as feições de uma Ferrari, muito baixo e repleto de logomarcas, o veículo amarelo-ouro custou cerca de 2 milhões de dólares. Splash funciona à base de hidrofólios, mecanismo que eleva a carroceria a alguns centímetros da água e o faz deslizar com menos resistência e boa velocidade. No mês passado, Splash fez uma demonstração na represa de Guarapiranga, na região sul de São Paulo. O próprio inventor, o suíço Frank Rinderknecht, vestiu uma roupa de neoprene e assumiu o volante. “É um sonhador”, declarou uma assessora.

Na hora marcada para a exibição, o carro não pegou. Estacionado numa plataforma no Yacht Club Santo Amaro, Splash foi rapidamente cercado por suíços aflitos, que gesticulavam e discutiam em alemão. A tampa do capô foi aberta. Em estilo cubano, os suíços tentavam consertar a bomba a golpes de martelo. Chaves de fenda foram freneticamente manuseadas. Um membro da equipe enrolou cabos em fita silver tape, provavelmente para tapar algum buraquinho. “Parece o meu carro”, disse um fotógrafo. Márcio Dottori, consultor técnico da revista Náutica, e um dos organizadores do evento, tratou de acalmar os jornalistas. Tinha havido um problema com a bomba de gasolina, mas em menos de quinze minutos Splash estaria na água. Aproveitou para dar mais detalhes sobre o veículo: ele pesa 825 quilos, aparentemente pouco, pois é feito de fibra de carbono (“Não queríamos um submarino”), e alcança 200 km/h em terra e 80 km/h na água. Em contraste com o Buick, onde se acomodam onze cubanos, no cockpit de Splash cabem apenas duas pessoas. Em julho, o veículo bateu o recorde mundial da categoria ao atravessar em 3 horas e 14 minutos os 36 quilômetros do canal da Mancha, entre Dover (Inglaterra) e Sangatte (França). Venceu ondas de até 7 metros de altura. O mar brabo o forçou a manter uma média de 10 quilômetros por hora.

“Para um carro que vale cinco Ferraris...”, desdenhou um popular. “Joga logo na água pra ver se flutua!”, desafiou aos gritos. O problema foi finalmente resolvido. Rinderknecht entrou no automóvel, girou a chave de ignição e sugeriu aos jornalistas que tomassem um bote para acompanhar o passeio. Splash veio descendo a rampa e entrou na água com a naturalidade de um pato. Inicialmente, não fez mais do que boiar. “Ih, afogou!”, comentou um observador. “Vai ter que empurrar”, avisou um repórter mais cético. Nesse momento os hidrofólios entraram em ação: foi como se Splash tivesse aberto os braços. O carroanfíbio empinou as rodas da frente e acelerou, a 60 centímetros da água. Parecia voar. Deixou um rastro não de fumaça, mas de espuma. “Que coisa... pitoresca”, comentou o repórter de uma revista automobilística, tentando não molhar o bloquinho. Depois de inúmeras voltas pela represa, Splash estacionou no asfalto. Como um pato ou um nadador sem toalha, pingava sem parar.

O próximo projeto da Rinspeed é desenvolver um carro-anfíbio ainda mais potente. Sonhador e pragmático, Rinderknecht construirá seu novo bólido aproveitando todas as lições deixadas por Splash. É a mesma estratégia de Luis Grass Rodriguez, que planejou seu Buick a partir de um protótipo anterior, um caminhão Chevrolet 1951, de lataria também verde, caçamba coberta por uma lona amarela e dezenas de tambores de óleo vazios no papel de flutuadores. Sete meses antes do Buick verdeabacate e oito meses antes de Splash, o caminhão flutuante chegou a 65 quilômetros de Key West, onde foi interceptado pela Guarda Costeira. Foi preciso muita artilharia para afundá-lo. O anfíbio submergia e boiava, submergia e boiava, para alegria dos cubanos, que assistiam de longe e aplaudiam cada vez que ele voltava à tona.

ANEXO 03

Corrêa, Marcos Sá. 2007. A segunda extinção. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=130&anteriores=1&anterior=42007> . Acessado em 15/02/2009, às 12:00 hrs.

A segunda extinção

::Os animais empalhados se mexem::

No Parque Nacional de Itatiaia, a taxidermia saiu do armário. Estava trancada há décadas nas vitrines do Museu Nacional da Fauna e da Flora. Eram mais de quatrocentos animais expostos, sem falar nas centenas de múmias que se escondiam em gavetas lotadas. Enquanto permaneceu no parque, o acervo recebia cerca de 100 mil visitantes por ano. Em troca, dava-lhes a chance de ver de perto, em total segurança — a não ser pelo risco de tropeçar nos tacos soltos — onças, queixadas, bugios e outros bichos raros, furtivos ou mesmo extintos. Tudo isso em meia dúzia de salas, praticamente à beira da Via Dutra, a meio caminho entre Rio e São Paulo.

Ali morava uma Harpia harpyja, besta campeã de ferocidade. De dentro de sua gaiola de vidro, exibia-se com um sagüi enganchado nas garras, escancarando de um lado a outro do armário seu metro e tanto de envergadura. Era asa de sobra para ninguém se importar com as insinuações de ocupação espúria do lugar. Na discreta etiqueta a seus pés, aquele gavião-real era identificado como ave caçada em 1953 — no Espírito Santo. Tratava-se, a rigor, de um embaixador da mata capixaba junto à fauna local.

Durante muito tempo, ninguém pareceu ligar para esse tipo de detalhe. Nem se incomodar com o cheiro de desinfetante que escapava das prateleiras, temperando o ar da montanha com o bafo químico dos laboratórios de história natural. Também o bafo era parte do museu, como os móveis de madeira maciça, postos em seus lugares definitivos pelo governo Getúlio Vargas, numa época em que as coisas do serviço público pretendiam durar para sempre. Eram vitrines pesadas, inteiriças, altas como o pé-direito dos anos 40, autênticos exemplares de móveis inamovíveis.

Os armários foram removidos no começo do verão passado, quando o museu fechou para reforma. E, com eles, lá se foram os animais empalhados, todos despachados para o depósito. São peças históricas, de farto pedigree acadêmico. Há, entre elas, verdadeiras relíquias de inventários científicos que começaram a vasculhar Itatiaia há mais de um século.

Mas, francamente, nos últimos tempos, andavam fora de moda. Os visitantes deram para estranhar o hálito de conservantes que fugia das vitrines. Farejavam vapores mortuários no que sempre lhes parecera natural. As crianças, escoladas pelas aulas de educação ambiental, passaram a perguntar quem havia matado aquela bicharada toda, logo ali, num parque nacional. E, ao assumir o cargo em 2005, o novo gerente de Itatiaia, Walter Behr, percebeu que certos pássaros, com a idade, já não posavam para a posteridade como manda o figurino da taxidermia: imóveis. Lam aos poucos tombando em seu poleiro, como se pendurados de cabeça para baixo imortalizassem o tiro que lhes abriera a porta da vida eterna.

Behr, logo depois da posse, achou numa pilha de papéis velhos, esquecida no chão pelo antecessor, um projeto para a “revitalização” em regra do Centro de Visitantes, que inclui o museu. E meteu a mão num ninho de múmias intocáveis.

O Itatiaia foi chocado durante décadas. Nasceu de uma campanha de naturalistas para salvar o último retalho de mata atlântica no Vale do Paraíba, queimada no século XIX para dar passagem ao café. Na reforma, planejada pela arquiteta Heloisa Alves, a idéia de “revitalizar a apresentação visual aos visitantes” tomou a forma de painéis, telas de vídeo e maquetes. São eles que contarão a história do parque. Isso quer dizer que os bichos empalhados perderão espaço. Os que sobreviverem à mudança voltarão, limpos e restaurados, às prateleiras. De quebra, ganham recursos para exibir seu canto aos visitantes e outros trunfos da tecnologia audiovisual. O resto vai ser mandado para um lugar chamado “reserva técnica”, o limbo dos museus.

Durante quase todo o ano de 2006, enquanto o país se distraía com sanguessugas e aloprados, Itatiaia falou desse escândalo. O conselho consultivo do parque ameaçou embargar o projeto. A câmara municipal fez audiência pública para debatê-lo. E a ornitóloga Eliane Regina Maia Gouvea defendeu até os armários. Ela é filha de Elio Gouvea, um funcionário que, guiando pesquisadores como guarda-parque, formou-se em biologia. Foi ele quem coletou e empalhou pessoalmente a maioria dos pássaros expostos. Terminou a vida como professor na Universidade de Barra Mansa, onde implantou um curso de taxidermia que, sem ele, não constaria do currículo. Há sete anos, aliás, logo depois de sua morte, o laboratório fechou.

A taxidermia parece mesmo um anacronismo. É velha como os faraós egípcios. Foi moda na Inglaterra vitoriana, onde o barão Lionel de Rothschild, depois de converter em oficinas zoológicas quase todos os cômodos de seu castelo de Tring, extinguiu pelo menos nove espécies de aves do Havaí, encomendando amostras raras a caçadores profissionais. Suas coleções estão preservadas nos museus de história natural de

Londres e de Nova York. Sua fama, nem tanto.

Mudou o gosto dos naturalistas. Eles têm hoje mais afinidade com o americano Alexander Skutch, que se recusou a comprar amostras do belo quetzal em lojas de souvenir, onde eram comuns. Durante anos, nas matas da América Central, Skutch buscou, em vão, amostras vivas e soltas do pássaro. Segundo ele, “pode ser agradável ter diante dos olhos o retrato de um amigo morto, mas quem gostaria de guardar a múmia de um amigo?”

Talvez, por exemplo, os clientes de Fernando Chiavenato. Aos 36 anos, ele vive de ensinar e praticar taxidermia em Curitiba. São “dez anos na arte de perpetuar uma emoção”, diz um anúncio de sua escola. Chiavenato lastima “a falsa moda ecológica” e “a insensibilidade artística dos taxidermistas”, que levaram os museus a se conformar com “bichos sem expressão nem movimento”. Daí vêm, a seu ver, os preconceitos que comprometem o ofício. Ele argumenta: “Fala-se muito que a onça está em extinção. Mas, vai ver, há quatro machos ali disputando a mesma área — alguns deles, bem manejados, dariam excelentes troféus”.

Não é o caso da Harpia harpyia de Itatiaia (ou melhor, do Espírito Santo). Mal manejada, é possível que tenha desaparecido da Mantiqueira para sempre. Mas sua vaga na vitrine está garantida, assim que o Museu Regional da Fauna e Flora reabrir para o aniversário de 70 anos do parque, no dia 14 de junho. De volta à prateleira, ela escapará pelo menos da segunda extinção — a póstuma.

ANEXO 04

Moreira Salles, João. 2006. Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=353&anteriores=1&anterior=102006>. Acessado em 15/02/2009, as 12:00 hrs.

Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo

::No dia da eleição, Roberto Jefferson oferece lições de retórica e política::

Poucos falam como Roberto Jefferson Monteiro Francisco, 53 anos. “Construí minha vida com fé”, proclama, luxuosamente, no carro que o leva para Petrópolis no dia em que o país decidiria mandar ao segundo turno o presidente que ele ferira. Havia passado a manhã acompanhando a filha, Cristiane Brasil, candidata a deputada federal pelo PTB, que não se elegeu. Para os jornalistas que o seguiram na caminhada pelo Flamengo, serviu-se de sentenças e expressões ornamentais: “política farisaica do PT”, “manifestações populares eloqüentes que me aquecem o coração”, “o poder hoje já não emana do povo, mas dos concursos públicos que escolhem procuradores e policiais federais”, “a campanha não terminou com um aglomerado de eleitores, mas com uma pilha de dólares”. Cada construção foi avidamente registrada. Roberto Jefferson não fala — perora. Há um ano, durante as CPIs instaladas por sua causa, o país se rendeu à sua oratória. Do presidente da República ao motorista de ônibus, todos ficaram pendurados nas suas palavras.

Seu vocabulário é manuseado com cuidados de relojoeiro. Pinça sempre as palavras mais raras que tem à disposição. Sobre a maneira como o então deputado federal Geraldo Alckmin se desincumbiu de uma missão que ele lhe confiara, afirma: “Ele se houve maravilhosamente bem”. Tem grande admiração pelo explorador britânico Sir Ernest Shackleton: “Que têmpera! Que irredentismo!”. Shackleton enfrentou a impiedade do mar antártico. Jefferson não fala em ondas; prefere um sinônimo precioso, vaga. Não é acho, é creio.

Os arabescos do fraseado são arma poderosa para cativar o eleitor. Já para o público interno — seus pares —, Jefferson emprega a sabedoria de uma vasta experiência como deputado. No Santana 2002, guiado por Eduardo Nunes Serdoura, seu motorista há 25 anos, ensina leis básicas de sobrevivência no mundo da política. Meia hora antes, ao passar pelo subúrbio carioca de Cavalcanti, reduto eleitoral da filha, um homem na porta de um bar, tendo avistado o carro do ex-deputado, gritara a plenos pulmões: “Eu ainda não votei! Meu voto está à venda!”. Jefferson nem registrou. Ele não presta atenção a botequins, sabe os perigos. “Nunca se deve fazer campanha em

bar. É lugar de homens exaltados. Eles bebem, perdem a compostura.” Isso na coluna das proibições. Na dos deveres, está a obrigação de tratar bem quem se empenha na campanha. Um delegado do PTB, major aposentado, enfia os braços pela janela do carro, aperta-lhe a mão: “Estou fazendo um trabalho forte por você”. Jefferson devolve o cumprimento, pondo a mão sobre a do correligionário: “Não vou te esquecer. Você se integrará ao grupo”. O ex-major sorri, se afasta.

Lealdade e demonstração de apreço são virtudes que Jefferson julga essenciais ao bom funcionamento da vida política. Por isso admira Fernando Henrique Cardoso. “FHC te faz importante, te chama, te seduz, busca tua opinião. Ele, o presidente da República; você, apenas líder de partido. É a relação do romance, em oposição à relação do PT, que é a da prostituta.” Explica melhor: “FHC voltara de Washington, onde havia sido homenageado por Clinton. Na mesma tarde liguei para ele a respeito de uma questúncula do Congresso. Ele disse: ‘Roberto, venha cá’. E eu fui, um dia depois de ele haver estado com o presidente americano. Falou-me do encontro, fez confidências. Saí de lá maior do que eu mesmo. Na volta da posse do Bush, a mesma coisa. Ele me disse: ‘Roberto, essa Condoleezza Rice é da direita furiosa. Corrige o presidente, não o deixa falar...’. Já Lula só me recebeu em 2005. E Dirceu só me chamava para o toma-lá-dá-cá”.

Assim como Deus, o apreço também está nos detalhes. Na política, cada gesto deve ser medido, julgado. Certa vez, Jefferson foi convidado para ir à casa do então deputado José Roberto Arruda, o mesmo que acaba de se eleger governador do Distrito Federal. Arruda estava insatisfeito no PFL e queria assuntar a possibilidade de se transferir para o PTB. “Ele recebeu a mim e a dois companheiros. Serviu-nos um vinho arrolhado — foi na geladeira e trouxe a garrafa já aberta, com a rolha parcialmente para fora. Não nos deu importância. Demonstrou despreço.” Foi o primeiro sinal. Daí em diante, a conversa desencaminhou. Arruda não foi aceito no PTB. História parecida aconteceu com Cesar Maia. Maia havia sido eleito prefeito do Rio pelo PTB. Jefferson e dois companheiros foram à casa dele. “Ele nos recebeu de chinelo. Eu e meus companheiros levamos nossas esposas. Maia conversou conosco por uma hora e não teve a elegância de chamar sua mulher para que nós a conhecêssemos. Sequer nos ofereceu uma água. É errado. Fiquei quieto, mas julguei. Maia nos perguntou: ‘O que vocês querem?’. Um companheiro pediu a direção da Comlurb, outro reivindicou não sei mais que cargo. Maia concordou, virou para mim e perguntou: ‘E você?’. Respondi: ‘Nada, eu já tenho o prefeito’. Era um teste. Ele gostou tanto da resposta que, no dia seguinte, espalhou-a aos quatro ventos. Se sou eu, não ouço isso em silêncio. Nesse dia, rompi com ele em meu coração. Pensei: ‘Esse homem é pólvora molhada’. Três meses depois, ele estava fora do PTB.” Maia diz que a história é “verdadeiríssima”.

Segundo Jefferson, para sobreviver em Brasília três coisas são necessárias: relações, palavra empenhada e não ser pequeno. O que significa “não ser pequeno”? “Significa não sucumbir à pequena negociata, ao dinheiro miúdo para aprovar essa ou aquela emenda. Ninguém resiste ao pequeno delito. É o caminho sem volta rumo ao baixo clero.” Mas decerto a lealdade não deve ser condição necessária, visto que inúmeros homens sobreviveram a várias traições políticas. Renan Calheiros, por exemplo, traiu Collor, traiu Fernando Henrique. “A lealdade política pode sofrer oscilações, não é esse o problema. Não busque em Renan solidariedade; busque negócios: tratou, ele cumpre.” Cumpre sem olhar voltar para trás, em silêncio. ‘É a omertà.’”

A conversa desperta uma velha angústia do motorista Eduardo Serdoura. Escudeiro fidelíssimo de Roberto Jefferson, Edu, como é conhecido, está intranquilo. Era vendedor de jornal em sinal de trânsito quando conheceu Jefferson. É tratado pelo patrão como um igual, senta-se à mesma mesa, recebe beijos da família. Já em Petrópolis, pergunta a uma das dezenas de pessoas que comem feijoada na casa do ex-deputado: “Você não acha que esses escândalos desmoralizaram a nossa classe?”. O interlocutor pergunta se ele se refere à classe dos políticos. “Não, à minha classe, a dos homens pequenos. Todos esses casos começaram com um motorista, uma secretária, um caseiro. Estamos nos saindo muito mal. Parece que somos todos traidores. Se um dia eu deixar de trabalhar para o Roberto, acho que não consigo outro emprego. Vão me tomar por X-9.” Alguém lhe dá um abraço, assegura que não. Edu se anima (mas não muito).

Já são quase 16 horas. As urnas irão se fechar em breve. Jefferson solta um *alea jacta est*, chama Edu, entra no carro e vai visitar o pai. Roberto Francisco é um homem de 72 anos, professor aposentado de matemática. É elegante, forte, vivaz. Tem um rosto redondo, um bigode à antiga e cabelos imaculadamente penteados para trás. A barriga é pronunciada, a voz é tonitruante como a de um barítono. Roberto Francisco a emprega para declamar poesias. Há 30 anos preside a União Brasileira de Trovadores. “Meus amores de menino/ dos belos tempos de antanho/ me foram forja do destino/ com têmpera, sem tamanho”.

Trata dona Neuza, mãe de Jefferson, de mãe; ela o trata de papai. São casados há 55 anos. O estilo Roberto Jefferson não existiria sem o professor Roberto Francisco. “Meu pai, Ibrahim, me obrigava a aprender um novo vocábulo por dia, com pelo menos cinco sinônimos. Nos dias de aniversário, tínhamos de escrever sonetos para o aniversariante. E éramos forçados a discursar por cinco minutos sobre temas irrelevantes: um copo, a maçaneta, um grão de feijão. Aprendíamos a manter o interesse do ouvinte, a erguer a voz na hora certa, a pontuar a fala com pausas

dramáticas. Tomei gosto pela língua. Era o melhor dos alunos. Só uma vez falhei. O professor pediu que eu lhe desse o imperativo positivo de resfolegar. Respondi: “Resfólega tu, resfolegai vós”. Errei. Na época, o verbo ainda era irregular. O correto era resfolga tu. Tudo isso passei a meus filhos.” Desde cedo, Jefferson aprendeu a salpicar drama nas suas falas. Era cobrado nas disciplinas de oratória e retórica. Nas CPIs, não improvisava. “Na véspera, à noite, eu fazia prelibações...” Sopesava imagens, sentia o gosto das metáforas. Recordava os parnasianos.

Roberto Jefferson cresceu entre as trovas do pai e as lições do avô Ibrahim. Certa vez, em dia que chuviscava, avô e neto caminhavam quando viram um homem que regava uma planta. O avô perguntou: “O que você vê, meu filho?”. “Um homem regando plantas, vovô”. “E o que cai do céu?” “Chuva” “Então dirija seus olhos para a catedral de Petrópolis e dê graças a Deus. A vida é uma competição, e um homem que rega plantas em dia de chuva jamais será seu adversário. Um a menos.”

O professor Francisco não hesita um só instante antes de responder quem é o seu poeta do coração: “Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac — um alexandrino perfeito até no nome”. É também o poeta predileto de Roberto Jefferson. O pai pergunta ao visitante se ele conhece A alvorada do amor. Não. O professor suspira, toma fôlego, apura a voz, ergue a mão e começa: “Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo...”. Roberto Jefferson sobrepõe sua voz: “...no dia do Pecado amortalhava o mundo”. Pai e filho vão até o fim dos 43 versos. O pai tem os olhos marejados. O filho olha com admiração para o pai. Seu mestre.

ANEXO 05

Pellegrino, Antônia. 2006. O príncipe de Copacabana. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=327&anterior=112006&unica=1&anteriores=1> .
Acessado em 15/02/2009, as 12:00 hrs.

O príncipe de Copacabana

::Como falir sem perder a elegância::

Aos 57 anos, Diduzinho Souza Campos tem todos os motivos para ser casmurro, ressentido e rabugento, mas não é. O enfant gâté dos anos 70, que só fazia a barba no Country Club e achou ruim quando se mudou da mansão de cinco andares, em Copacabana, onde vivera 25 anos, para um apartamento debruçado sobre o mar de Ipanema, hoje mora num modesto imóvel de 85 metros quadrados no Corte do Cantagalo. Nenhum bacana mora por ali. Filho único dos jet setters Didu e Tereza Souza Campos, Diduzinho não reclama: “O espaço é pequeno, mas é só abrir a janela que se tem a sensação de amplitude”.

Não que Diduzinho aprecie a vista. Faz 24 anos que seus olhos deixaram de funcionar. Tudo lhe parece completamente desfocado, mesmo com a ajuda de dois óculos, um para longe e outro para perto, ambos fundo de garrafa. “Nem sei o meu grau. Só sei que disso não passa, é o maior que se pode ter. Minha visão piorou com a idade, os óculos não podem acompanhar.” Aos olhos de Diduzinho, as pessoas não envelhecem, tudo é colorido, as luzes resplandecem, as cores brancas brilham como fogos de artifício. “O espetáculo dos fogos no final do ano, eu vejo melhor que todo mundo”, se gaba. A audição tornou-se uma terceira bengala. Certas atividades, como passar a chave na fechadura ou usar o controle remoto, são feitas apenas com o tato. “Tive que reaprender tudo, até a andar”, ele diz, caminhando vagarosamente por Copacabana, o braço esquerdo apoiado na acompanhante, uma bengala de galho de goiabeira na mão direita. Passa uma loira, Diduzinho olha. E pergunta: “É bonita?”.

Diduzinho tinha olho vivo para loiras, ruivas e morenas. Até a noite de 22 de setembro de 1982. Virado já fazia três dias, foi jantar no restaurante Fiorentina e esticou na boate Hippopotamus. De lá, seguiu para casa e, na curva do Calombo, na Lagoa, seu Passat derrapou. Diduzinho foi cuspidado através do vidro. “Quando cheguei no pronto-socorro, meu rosto parecia uma rosa”, lembra. Daí seguiram-se quatro meses entre a Clínica São Vicente e tratamentos em Houston. Quando Diduzinho deixou o hospital americano, estava cego do olho direito e com apenas 10% da visão do olho esquerdo.

O ex-playboy andava sem carteira. Nos restaurantes e boates sua assinatura em qualquer papel era tratada como dinheiro. Chegava a gastar o equivalente a 3.500 reais numa noitada. Hoje é aposentado por invalidez no inss e vive apenas com a pensão de mil reais por mês, além de ajudas casuais de familiares e amigos. “Estou sempre devendo ao banco, é um inferno. Me sinto sentado numa bomba. Não sei viver assim. Para mim, as coisas sempre caíram do céu”, conta.

Diduzinho faz várias fezinhas por dia. Começa pela manhã, presenteando a esposa, Carmen de Souza Campos (quinze anos de casados), com duas raspadinhas de 50 centavos: “Eles pagam até 10 mil”. Ainda à mesa do café-da-manhã, Carmen abre o jornal e lê em voz alta o resultado da loteria. Diduzinho aposta religiosamente há mais de quinze anos. Ganhou uma única vez, 86 reais no terno da quina. “Se eu acertar, compro um apartamento no meu prédio mesmo, faço um seguro-saúde e vou para Paris”, ele diz, e emenda animado: “O bom de jogar na loteria é que a gente vai pra cama e esquece os problemas, só pensa no que vai fazer com o dinheiro se ganhar no dia seguinte”.

Herdeiro do título de conde da Graça, concedido pelo rei de Portugal ao seu tataravô, Diduzinho foi criado entre as pradarias do Gávea Golf Club, onde jogava quatro dos seis tempos de pólo no time dos amigos de seu pai, e o Country Club, onde passava a tarde praticando sinuca e tênis, de papo nas grandes mesas de almoço ou nos banhos de piscina. Diduzinho ferveu nas boates Le Bateau, Girau e Zum Zum num Rio de Janeiro fantástico, década de 1970, quando pululavam festas no estilo Grande Gatsby local. “A cidade era muito pequena. Todo mundo se conhecia. Eu chegava na Zum Zum e, pelos carros, antes de entrar já sabia quem estava lá.” Entre outras atividades sociais, chegou a freqüentar diversos cursos na puc. Não se formou em nenhum. “Nunca quis largar a barra da saia de mamãe, não batalhava nem sabia ganhar dinheiro. Sabia dar dinheiro.” E foi o que Diduzinho fez — enquanto pôde.

Já em 1972 apareceram as primeiras dificuldades. A separação dos pais acelerou o processo de venda dos bens da família. “Meu avô, Vilobaldo Souza Campos, foi rico. Meu pai torrou a herança. Era funcionário do Banco do Brasil, tinha uma vida que não condizia com o que ele ganhava”, conta Diduzinho, que aos 25 anos se viu obrigado a pegar no batente. Como adorava fotografia e cinema, foi contratado por Bruno Barreto para fazer fotografia de cena no filme A estrela sobe, mas abandonou o set de filmagens para viajar. Ainda assim, na volta aproveitou a experiência e conseguiu um trabalho de cinegrafista na tv Globo. A vida de estivador não lhe caiu bem. Logo o playboy foi transferido para o departamento de vendas internacionais da emissora. “Minha sala e a do Otto Lara Resende eram vizinhas. Os almoços naquela época demoravam horas. A Globo era glamourosa.” Em outro tom, a festa continuava.

Não continua mais. Diduzinho soube se adaptar. Hoje seu maior interesse é manter a serenidade. Suas terapias são os exercícios na academia de ginástica do 30o andar do Othon Palace, três vezes por semana, e duas sessões semanais nos Alcoólicos Anônimos da rua República do Peru, em Copacabana. “Não faço nada sozinho. Preciso da Carmen pra tudo. Sem a minha mulher eu fico perdido”, diz ele ao entrar na sala dos aa — codinome: Aerolíneas Argentinas —, onde gosta de sentar sempre no mesmo lugar, uma cadeira atrás da pilastra, para se proteger do sol. Na hora de seu depoimento, a voz mansa, calma e pausada dá lugar a uma fala ansiosa e atropelada, como uma catarse: “O cavalo passou selado e eu não montei” e “Acelerei na reta e derrapei na curva” são os seus bordões. “Eu entro chorando e saio rindo”, comenta já no ponto de ônibus, fazendo sinal para o circular. E revela: “Gosto de andar de ônibus. Aqui a gente vê as pessoas e fica imaginando a vida que elas têm. Se a gente soubesse, se surpreenderia. Ninguém diria que eu sou filho de princesa”, diz ele, referindo-se ao título de princesa que Tereza ganhou em 1990 ao se casar com dom João Nepomuceno Maria Felipe Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança.

De volta a casa, Diduzinho se apressa em fazer a cama. “A Carmen briga comigo se eu não estico o lençol. Ela tem mania de limpeza, só temos empregada de quinze em quinze dias, mas aqui é tudo organizado”, diz orgulhoso, enquanto abre a geladeira e a despensa e mostra a arrumação perfeitamente simétrica. “De noite, encontro o que quiser sem precisar acender a luz.” Carmen ordena o armário de Diduzinho em ton sur ton para facilitar. “Meu corpo não mudou muito”, comenta garboso. “Essa calça eu comprei no Saint Laurent há trinta anos; uso até hoje.” Diduzinho preza muito a elegância. Adora azul, roupa bem cortada, feita de tecido nobre. “Não uso meia que tenha náilon, só com fio escocês.” Veste-se com apuro. Caminha altivo. Ao longo do dia, suas roupas não amarrotam. “Respeito certos rituais na área da vestimenta. Tenho uma roupa para ir ao médico e outra para tomar café. Odeio ir com a mesma roupa de um lugar para outro. Nunca usei calça bege com sapato preto. Hoje eu noto essas coisas e fico horrorizado.” Diduzinho diz: “Eu tinha uma vida de príncipe e não sabia”.

ANEXO 6

Roteiro de Títulos dos Textos do Corpus de Estudo

Seção Esquina - Revista Piauí

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
1	1	Um horror, grande e mudo, um silêncio profundo	João M. Salles	N01 10/2006
2	2	Relato de uma guerra	Roberto Kaz	
3	3	O coronel morreu antes	Dorrit Harazim	
4	4	Paladar absoluto	Antonia Pellegrino	
5	5	O Púcaro búlgaro	Paulo Werneck	
6	6	Raquetadas no Piauí	Cassiano Elek Machado	
7	7	Búfalo soldiers	Cassiano Elek Machado	
8	8	Sem caixa 2 e sem coreografia	Demétrio M. Oliveira	N02 11/2006
9	9	Queima, raparigal do Piauí!	Demétrio M. Oliveira	
10	10	O príncipe de Copacabana	Antonia Pellegrino	
11	11	Chute em cachorro morto	Graça Ramos	
12	12	Lugar de bandido é em alto mar	Luiz Maklouf Carvalho	
13	13	Carro-anfibio causa ceticismo	Vanessa Bárbara	
14	14	O verdadeiro rei dos animais	Roberto Kaz	
15	15	Pós-escrito trágico	Mario Sérgio Conti	
16	16	Blim-blom: compras natalinas tranquilas	Dorrit Harazim	N03 12/2006
17	17	O tesouro da casa 1968	Rodrigo Levino	

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
18	18	O Brasil em dívida com Ronaldo	Dorrit Harazim	N03 12/2006
19	19	"I Will survive"	Vladimir Cunha	
20	20	Camaradas	João M. Salles	
21	21	Paraíso em preto-e-branco	Cassiano Elek Machado	
22	22	Longe do poder	Mario Sérgio Conti	
23	23	Nanoesquina	Vanessa Bárbara	
24	24	O Pan vem aí	Dorrit Harazim	N04 01/2007
25	25	Sangue, suor e rímel	Vladimir Cunha	
26	26	Uma história de amor	Ricardo Teté	
27	27	"Código 13...vários!"	Daniel Galera	
28	28	Parabéns pra você	Marcos Sá Corrêa	
29	29	Rock in Pyongyang	João M. Salles	
30	30	Ferreira Gullar, impostor	Cassiano Elek Machado	N05 02/2007
31	31	Volta ao mundo em 251m2	João M. Salles/ Roberto Kaz	
32	32	Bolivarianos do balneário	Roberto Kaz	
33	33	Barbatanas e pé de golas	Daniela Pinheiro	
34	34	Os agentes da Suíça piauiense	Roberto Kaz	
35	35	A Leda é legal	Silvana Assumpção	
36	36	Serra e a favela na serra	Mario Sérgio Conti	
37	37	O Espírito Santo dos modernos	Adriana Pavlova	
38	38	Presença de João Paulos	Maria Dolores	

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
39	39	O sonho acabou	João M. Salles	N05 02/2007
40	40	O cardeal, as mulatas e o suíço	Roberto Kaz	N06 03/2007
41	41	Lições do Itamaraty	Luiz Maklouf Carvalho	
42	42	Mas nem na China	Adam Sun	
43	43	O carteiro e o folclorista	Rodrigo Levino	
44	44	Whoopy Goldberg descobriu Pellé	Ricardo Teté	N06 03/2007
45	45	Agora é tolerância total	Marcos Sá Corrêa	
46	46	Canudos a granel	João W. Cury	
47	47	Personal Peregrino	Cristina Tardáguila	
48	48	A Vale é verde?	Luiz Maklouf Carvalho	
49	49	Piauí em Paris	Fernando Eichenberg	N07 04/2007
50	50	Saturday Night Fever	Luiz Maklouf Carvalho	
51	51	Os Silva	Vanessa Bárbara	
52	52	A segunda extinção	Marcos Sá Corrêa	
53	53	Procurador geral	Letícia Rocha	
54	54	Muuuuuuuuu	André Conti	
55	55	Toritama Blues	Cristina Tardáguila	
56	56	O homem-elefante	Ricardo Moreno	
57	57	A pátria em batinas	Sem autor	
58	58	Google boy	Cristina Tardáguila	

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
59	59	Cuidado com os dentinhos	Natacha Maranhão	N08 05/2007
60	60	Os arcobotantes de Copacabana	João M. Salles/ Nataly Cabanas	
61	61	Disk-cadeia	Roberto Kaz	
62	62	Misoginia e sadismo na Zona da Mata	Anônimo (eles colocam)	
63	63	Todos os caminhos levam à Casa Branca	Sem autor	
64	64	A vara e a lira	Sem autor	
65	65	Estalos litero-policiais	Paula Scarpin	N09 06/2007
66	66	Cinema, guaraná e comunistas	Paula Scarpin	
67	67	Protegeei os narcotraficantes	Ernesto Uriarte	
68	68	Capital polinésia- cinco letras	Roberto Kaz	
69	69	Missivistas costumazes	Tatiana Bandeira	
70	70	A vida sem grades	Marcos Sá Corrêa	
71	71	Limbo cirúrgico	Maria Dolores	
72	72	Não vá ao oculista	Gustavo Colares	
73	73	De Jetsons a Flintstones	Gustavo de Paula	N10 07/2007
74	74	Tiro e Traço	Roberto Kaz	
75	75	O leilão onde fizemos um bom negócio	Tatiana Bandeira	
76	76	Estado Inexistente	Consuelo Dieguez	
77	77	Cuidado com essa pia...	Tânia Menai	
78	78	Um guarda-chuva na selva	José Roberto de Toledo	
79	79	Diga wee por um mundo melhor	Emilio Fraia	

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
80	80	Agradeça aos nossos patrocinadores	Roberto Kaz	N11 08/2007
81	81	O rabo sumiu	Natércia Pontes	
82	82	Cinefilia idiossincrática	Gustavo Gadelha	
83	83	Dazibao!	Adam Sun	
84	84	A princesa e os macaquinhos	Marcos Sá Corrêa	
85	85	Na cola de quem cola	Cristina Tardáguila	
86	86	Alô, o Goiaba está?	Letícia Rocha	
87	87	Clandestino	João M. Salles	N12 09/2007
88	88	Não é au-au	Caroline Andreis	
89	89	Prada, capuccino e xau-xau	Daniela Pinheiro	
90	90	Cantoria compulsória	Paula Scarpin	
91	91	Bouillabaisse olímpica	Dorrit Harazim	
92	92	O pintor de almas	Paulo Werneck	
93	93	Bastilha!	Natacha Maranhão	
94	94	Visita a um ex-presidente que perdeu a alma	Daniela Pinheiro	N13 10/2007
95	95	O contrabandista de ar	Cassiano Elek Machado	
96	96	Tragam as vassouras	Fernando Eichenberg	
97	97	Quanto custa?	Rodrigo Levino	
98	98	Quem ronca mais alto adormece primeiro	Maria Dolores	
99	99	Extra! Extra! Flamengo contra Maradona	Natacha Maranhão	

.txt	.jpg	Título Texto	Autor	Edição
100	100	Todo mês ele faz tudo sempre igual	João M. Salles	N13 10/2007

ANEXO 07

Lista dos Processos Verbais mais frequentes encontrados na Worlist do Corpus de Estudo (Seção Esquina)

Forma Verbal	Número de Ocorrências	Porcentagem (%)
Afirma	21	0,02
Anuncia	16	0,02
Anunciou	8	
Avisa	7	
Avisou	7	
Canta	7	
Chama	20	0,02
Chamam	7	
Comenta	5	
Comentou	5	
Concorda	5	
Conclui	5	
Confessa	7	
Conversa	23	0,02
Conta	85	0,08
Declarou	6	
Defendeu	5	
Diz	150	0,15
Disse	42	0,04
Dizem	14	0,01
Dizia	7	
Diga	6	
Disseram	5	
Encerra	5	
Entrevista	6	

Forma Verbal	Número de Ocorrências	Porcentagem (%)
Exclama	6	
Explica	35	0,03
Explicou	9	
Fala	28	0,03
Falam	10	
Falou	8	
Garante	12	0,01
Gritam	5	
Informa	10	
Lamenta	5	
Manda	5	
Mandou	5	
Pede	11	0,01
Pediu	14	0,01
Pergunta	26	0,03
Perguntou	10	
Reclama	8	
Repete	7	
Revela	7	

ANEXO 08

Tabela de Análise dos Verbos - Total de Processos Verbais e Itens lexicais com outras funções

Verbos	Formas	Processos Verbais	Outras Funções	Total for forma	Total Geral
Afirmar	Afirma	21	-	21	21
Anunciar	Anuncia	16	-	16	24
	Anunciou	8	-	8	
Avisar	Avisa	7	-	7	14
	Avisou	7	-	7	
Cantar	Canta	7	-	7	7
Chamar	Chama	5	15	20	27
	Chamam	7	-	7	
Comentar	Comenta	5	-	5	10
	Comentou	5	-	5	
Concordar	Concorda	5	-	5	5
Concluir	Conclui	5	-	5	5
Confessar	Confessa	7	-	7	7
Conversar	Conversa	-	23	23	23
Contar	Conta	41	44	85	85
Declarar	Declarou	6	-	6	6
Defender	Defendeu	5	-	5	5
Dizer	Diz	149	1	150	224
	Disse	42	-	42	
	Dizem	14	-	14	
	Dizia	7	-	7	
	Diga	6	-	6	
	Disseram	5	-	5	
Encerrar	Encerra	3	2	5	5

Entrevistar	Entrevista	-	6	6	6
Exclamar	Exclama	6	-	6	6
Explicar	Explica	35	-	35	44
	Explicou	9	-	9	
Falar	Fala	11	17	28	46
	Falam	9	1	10	
	Falou	8	-	8	
Garantir	Garante	12	-	12	12
Gritar	Gritam	3	2	5	5
Informar	Informa	10	-	10	10
Lamentar	Lamenta	5	-	5	5
Mandar	Manda	2	3	5	10
	Mandou	2	3	5	
Pedir	Pede	11	-	11	25
	Pediu	14	-	14	
Perguntar	Pergunta	17	9	26	36
	Perguntou	10	-	10	
Reclamar	Reclama	8	-	8	8
Repetir	Repete	3	4	7	7
Revelar	Revela	7	-	7	7
Total Geral		561	134	695	

ANEXO 09

Carvalho, Luiz Maklouf. 2007. A Vale é verde?. Disponível em: <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=156&anteriores=1&anterior=32007> . Acessado em 15/02/2009, as 12hrs.

A Vale é verde?

::As ambigüidades ambientais da segunda mineradora do mundo::

Em maio fará dez anos que a Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada. No mês seguinte, ela completa seu sexagésimo-quinto aniversário. Segunda maior mineradora do mundo (a maior é a anglo-australiana bhp Billiton), a empresa anunciou que gastará até o fim do ano mais de 400 milhões de reais na preservação do meio ambiente. É quatro vezes mais do que desembolsou em 2004 em projetos ecológicos. O investimento reforça sua imagem de companhia “verde”, estratégia importante para ganhar pontos num mercado internacional cada vez mais sensível às questões ambientais.

Paradoxalmente, a Vale é também a mineradora campeã em multas do Ibama, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. Desde a privatização, levou 56 autos de infração, no valor de 37 milhões de reais. A mineradora não reconhece a maioria deles. Defende-se com recursos ao órgão e a outras instâncias do Ministério do Meio Ambiente. No ano passado, as multas chegaram a 2,9 milhões de reais. Apenas 217 mil foram pagos.

“A Vale deveria ser a nossa melhor parceira, mas ela nos trata na base do chute”, diz o engenheiro florestal Edivaldo Pereira da Silva, gerente executivo do Ibama em Marabá, no Pará, estado onde se concentra o grosso das multas. A companhia tem uma avaliação oposta. “Nossa parceria institucional com o Ibama é excelente”, garante o economista Maurício José Lima Reis, diretor de gestão ambiental da Vale. “Isso não significa que não haja acidentes.”

Nos escalões superiores do Ibama, a avaliação da Vale, ainda que negativa, não é tão crítica. O diretor de licenciamento ambiental, Luiz Felipe Kunz Jr., confirma que a empresa desrespeita com frequência a legislação, mas frisa que esse comportamento não destoaria de outras grandes mineradoras. E ressalva que nunca houve interrupção do diálogo entre a companhia e o Instituto — apesar da repetitiva seqüência de autuações e recursos.

No ano passado, o Ibama multou a Vale catorze vezes, acusando-a de consumo de

carvão proveniente de floresta nativa, de provocar incêndios em áreas de preservação ambiental, de destruir florestas permanentes e de manter em funcionamento serviços potencialmente poluidores. O auto de infração mais salgado — de 2 milhões de reais — foi lavrado em julho, por operação irregular e de risco nos postos de combustível das minas de ferro de Carajás, no município de Parauapebas.

As notas técnicas e os relatórios de vistoria do Ibama relacionam quinze infrações em meia dúzia de postos. Os problemas vão de rompimento de bacias de contenção a vazamentos contínuos em válvulas e tubos. Como se trata de postos nas imediações de linhas férreas de trânsito intenso, as infrações foram consideradas particularmente perigosas, pois as faíscas, conforme diz um relatório, aumentavam “o risco de incêndio/explosão”. Os postos têm outras deficiências: fissuras em pisos, infiltração em muretas, falta de manutenção nas linhas, juntas e registros das bombas, indícios de contaminação e até “insuficiência de materiais de combate a incêndio, como extintores”.

Além da multa de 2 milhões de reais (da qual está apelando), a Vale sofreu uma punição inédita em Carajás: o embargo do posto de abastecimento do pátio de manobras dos trens. Durante os últimos sete dias de julho passado, ele foi simplesmente proibido de funcionar. Se a sanção fosse contra o setor aéreo, durante uma semana nenhum avião programado para Guarulhos poderia abastecer nas bombas disponíveis no aeroporto.

Suspenso o embargo, houve nova fiscalização no mês seguinte, agosto. A nota técnica resultante concluiu que, “diante do quadro alarmante” e do “perigo iminente de incêndio/explosão”, o embargo deveria voltar. Não voltou porque a direção do Ibama não quis. Só em outubro, depois que a Vale tomou providências, outra nota técnica suspendeu formalmente a proibição.

“O certo, em termos de segurança, era ter feito outro embargo e aplicado outra multa — agora seria de 50 milhões de reais —, mas o pessoal de Brasília fez uma avaliação diferente”, diz o engenheiro Pereira da Silva, o homem do Ibama em Marabá. Ele acha que “a Vale do Rio Doce, arrogante como ela só, ignora o Ibama” da região. A maior prova, segundo ele, é a reação da Companhia à multa da mina do Sossego, em Canaã dos Carajás.

Trata-se de uma multa, até hoje não paga, de 2 milhões de reais, aplicada em maio de 2004 por causa de danos na Floresta Nacional de Carajás, onde a empresa lançou rejeitos que deveriam ter sido confinados a lagos artificiais. Maurício Reis, diretor da Vale, admite que “aconteceu realmente um acidente na operação inicial e a Vale

imediatamente acatou a multa”. Acatou, mas não pagou. Nem os 2 milhões, nem o que foi acertado, na Justiça Federal, para a conversão dessa dívida: a construção de dois centros de triagem de animais silvestres que seriam operados pelo Ibama. Reis atribui o não-pagamento “à burocracia do Ibama”.

O Instituto discorda. De acordo com o diretor Luiz Felipe Kunz Jr., para quitar o que deve, a Vale teria simplesmente de assinar um termo de conversão da multa. “Mas com isso eles se tornariam réus confessos em relação ao dano causado, o que não é bom para a imagem de uma empresa preocupada com o meio ambiente.” Maurício Reis afirma que a empresa cometeu “uma besteira” na mina do Sossego. E se diz tão interessado quanto o Ibama em resolver logo a pendência: “Mas entra a vírgula daqui, a vírgula dali, o advogado de lá, o advogado de cá e não se consegue fazer a coisa”.

Em dezembro, o Ibama mandou um ofício à Vale informando que a inscreveria no Cadim, o cadastro dos créditos não quitados, e partiria para a execução fiscal. Deu quinze dias para a empresa se pronunciar. O prazo venceu em 14 de janeiro. A Vale respondeu uma semana depois. Disse que tem interesse em pagar a multa, mas solicitou que o Ibama agendasse mais uma reunião.

Por conta da mesma multa, a empresa responde ainda a duas ações públicas do Ministério Público Federal: uma civil, na qual se pede uma indenização de 10 milhões de reais, e outra criminal, já aceita pelo juiz destacado para o caso.

As protelações continuadas se explicam pela lentidão geológica da Justiça. No caso de multas ambientais superiores a 50 mil reais, a legislação prevê recurso a quatro instâncias administrativas: ao superintendente do órgão que multou, ao presidente do Ibama, ao ministro do Meio Ambiente e ao Conselho Nacional do Meio Ambiente. Sem contar que, depois de tudo isso, a empresa ainda poderá apelar a todas as instâncias judiciárias. A possibilidade de tantos recursos, como diz Kunz, faz com que “as empresas demorem muito a sentir no bolso a responsabilidade pelo dano causado”.

A estratégia ambígua da Vale de investir no meio ambiente e paralelamente recorrer das multas não é uma invenção da administração privada. A maior das estatais, a Petrobras, também é uma das maiores infratoras das leis ambientais do país. Além do mais, desde a privatização o investimento da empresa na área se multiplicou, assim como a cobrança dos órgãos ambientais. Entre 1979 e 1989, por exemplo, no período anterior à privatização, a Mineração Rio do Norte, ligada à Vale, provocou um dos maiores desastres ambientais da Amazônia: despejou 24 milhões de toneladas de rejeitos da lavagem de bauxita no lago Batata, no Pará. Não houve multa, nem ação do Ministério Público.